

Transcrição de Entrevista – Joca

I Entrevista

E – O objectivo da primeira entrevista será também para falares, falares da tua vida um bocadinho... Nesta primeira, nesta primeira parte a infância, onde é que nasceste? Como é que foi a tua infância a nível familiar, a nível de escola, pronto.

e – Hum... Só sobre a vida...? Opá pois eu nasci em... em 54 em S. Francisco. Ali no... na rua Francisco Lázaro Cortes. Era filho de homem de mar. Passei aaa, passei uma infância desgraçada, não tenho assim boas recordações de infância. Não tenho nada boas recordações de infância. Porque... era uma vida muito limitada, eu acho que não saía do perímetro de S. Francisc, da minha rua e do largo de S. Francisco e quase sempre ia com o meu pai ao mar. O meu pai obrigava-me ir ao mar com ele, portanto a minha, minha vida era ir ao mar e era apanhar amêijoas e brincava ali na rua. Fiz a escola primária, não tenho assim grandes recordações. As minhas recordações é ir à escola, é jogar à bola na rua, é jogar à bola em S. Francisco e é ir ao mar! Logo de pequenito foi logo, devia ter para aí uma semana, quinze dias nascido fui logo pa, pa, para a Deserta. O meu pai montava lá tenda que era (Imperceptível 1:17) apanhar amêijoa e eu ia com ele. O meu pai nunca me largava, nunca me deixava ir e depois fui e sempre esta vida do mar. (Pausa 2s) Portanto não tenho assim muitas recordações... depois tenho algumas recordações o, o tenho algumas recordações... mais ou menos agradáveis, tinha um irmão com mais 14 anos do que eu, que tava na força aérea e a novidade era quando ele vinha de fim de semana! E era aquele cheira da... da, da, das botas e que fiquei sempre que ficou, e o cheiro da farda...

E – Hum.

e – Tinha um irmão mais velho do que eu, que esse é que me fazia companhia. Que esse é que... brincava assim mais comigo e era o que falava mais comigo. O meu pai era, era muito meu amigo mas era um homem muito sério. (Suspiro) Vida do mar, ir à amêijoa, ir ao viveiro e jogar à bola, era essa a minha vida! Depois fiz, fiz a primária ali na escola da Sé. Aquilo era malta tudo, vadia! Gente que não... muita gente daquela não continuou a estudar. Como os meus irmãos não tiveram sucesso na, na escola o meu pai pensou meter-me no liceu. (Pausa 2s) AH! E tinha AH, do, da minha infância também

os momentos que eu lembro assim que era novidade era quando o meu tio, que era meu padrinho de baptizo, que era professor de liceu em, em LISboa, o meu tio Joaquim vinha ao Algarve por isso nesse dia eu sabia que ia comer ao restaurante!

E – Hum.

e – Então a novidade é que ele vinha e eu ia comer a um restaurante. E depois fiz a PRIMÁRIA e fui para o liceu. Fui para o liceu e foi um processo muito complicado. Porque antes do 25 de Abril o liceu era muito elitista, eu era um puto, ia a pé da, da, de S. Francisco pó Liceu. Era um puto que não, que tive algumas dificuldades de integração... (Pausa 2s) Porque tinha um vocabulário... il, não elaborado, um vocabulário restrito, não era dado a sim a... aquilo era tudo meninos de bem, de boas roupas, bonitas roupas e eu dest, nã, não engracei com, com o liceu, eu senti-me um bocado discriminado. Aliás quando entrei para o liceu fui logo discriminado, logo. Pelos professores, porque era assim um puto loirinho, muito russo... Então metiam-se comigo porque eu era sardoso, porque eu era russo e porque quando falava, falava à uso de, de S. Francisc e depois a forma como as coisas começaram a melhorar para mim foi o facto de eu jogar bem à bola e então os moços convidavam-me todos para jogar pela equipa deles, conheciam-me pelo Pelh, Pélezinho. Porque eu jogava nos Pelezinhos, que era uma equipa que havia em S. Francisco, eu passava a vida a jogar à bola! E como tinha algum jeito para jogar à bola aaa convidavam-me todos para jogar na equipa deles. Então comecei a ser bem aceite por jogar bem à bola. Fiz o primeiro ano... passei para o segundo... fiz o segundo ano, sempre com notas ai do onze, doze... eu não gostava de estudar. Aliás, não gostava mesmo nada de estudar. Não gostava de estudar e vivia um bocado revoltado porque não tinha tempo para jogar à bola quer dizer... As férias para mim era um martírio, porque no tempo do liceu ia às aulas, ao fim de semana ia ao mar com o meu pai... nas férias que era quando a malta andava a jogar à bola o meu pai obrigava-me ir ao mar com ele. Portanto eu, olha e foi, e, e, e este gosto pela leitura vem muito daí. Porque quem era o meu melhor amigo eram os livros. O meu irmão tinha muitos livros, aqueles livros de aventuras, tudo de letras nã era, não era de banda desenhada, eram livros de letras. Mas eu comecei muito cedo a ler e quando ia com o meu pai ao mar, antes da maré ficávamos no, no barco à espera que, que a maré vazasse, e eu então entretia-me a ler e adorava ler. O meu companheiro era o, o livro! Por isso é que eu digo: Quem tem um livro tem uma companhia e quem tem um livro tem um amigo. Quem tem um livro nunca tá sozinho. Porque... as leituras para mim eram a

melhor companhia. O meu pai lá ia, maré alta lá ia pa, pós, para os streiro a mariscar e eu só ia à baixa a nado. E depois era uma coisa engraçada porque, porque íamos apanhar amêijoas para o, para pôr no viveiro e o meu pai nunca me deu dinheiro, nunca me deu um tostão... (Pausa 3s) E então eu quando queria ir ao cinema, à tarde sem ele saber, ia para S. Francisc, ali... para S. Francisco ali na parte do mar da ria e ia apanhar amêijoas e ia vender para ganhar dinheiro para ir ao cinema, sem ele saber! Se ele soubesse dava-me aaa, dava-me uma sova porque ele era, era de bater. Batia-me pouco, mas quando batia era à bruta. Lembra-me que uma das maiores sovas foi por eu ter ido tomar banho para o Cais Neves Pires, e de vez em quando morriam lá, lá crianças, eu ia pa lá tomar banho e uma vez vim a toco, vim a toque de, de Vara nas costas por causa de ir tomar banho para S. Francisco. Portanto não foi uma infância muito, muito agradável. Aaa fiz o segundo ano do liceu... sempre com notas... relativamente fracas, nunca era bom aluno... passei para o terceiro ano. O terceiro ano senti uma granda diferença, porque a gente tinha cinco ou seis disciplinas e passámos para nove disciplinas. Senti a diferença, tinha físico, físico-química apanhei sete no primeiro, no primeiro período, fiquei logo completamente desorientado. Depois tinha desenho, também tive negativa a desenho e depois tive um problema com uma professora, desapareceu-me um ponto e ela disse que eu tinha escondido, não tinha, alguém me tirou o ponto... porque a história era uma das coisas que estudava e eu mais ou menos tinha boas notas e o ponto desapareceu e ela disse que eu tinha escondido e eu fiquei tão envergonhado que desisti daquele ano. Nunca mais fui ao liceu. Eu acho que ia desistir do liceu, porque depois como, como desisti do liceu, a meio do ano, comecei a ir com o meu pai ao mar e acho que... era isso que eu queria fazer! Depois às tantas, treze anos, acho que não me importava de ir ao mar, era isso preferível ao liceu.

E – Então, então eras... pronto à bocadinho estavas a dizer que o teu pai quase te obrigava...

e – Sim.

E – Não é? Mas acabaste por gostar e gostavas de, de lá estar.

e – Sim, sim. Porque EU gostava de ir ao MAR, o que eu não gostava, o que eu não gostava era de ter de ir nas FÉRIas ao mar quando a malta tava a jogar à bola. Eu fazia que tava a dormir e o meu pai acordava-me às seis da manhã, sete da manhã: “Vá Joca vamos embora!” Eu, eu gostava de ir ao mar, o que a principio era obrigado, depois

comecei a gostar da vida do mar e sentia-me bem no mar... gostava de ir, sentia-me bem, gostava de mariscar, gostava de apanhar chocos, de apanhar linguados, porque havia muito peixe nessa altura e eu antes de começar a mariscar, às vezes no viveiro, haviam uns regatos ali ao pé do viveiro e apanhava sempre aí o almoço. Fazia ali o almoço! Eu tinha um **chalrrão** pequenino, apanhava sempre o almoço um almoço de chocos! Apanhava linguados, apanhava alcabozes, lanç, lançava as *murjonas*. Eu gostava muito de fazer isso. O que me irritava era me obrigar a ir, ter que ir ao liceu, porque se eu fosse só ao mar eu não me importava. O que me irritava era ter que ir ao liceu e nas férias, que é quando toda a malta jogava à bola, eu tinha que ir ao mar com ele, isso é que me irritava. (Risos) Porque eu não tinha tempo para jog, só jogava na parte da tarde. Aliás eu... as recordações que tenho de infância é de ficar a jogar à bola até às oito da noite e o meu irmão ir-me buscar para jantar. Porque o meu pai tinha um princípio, queria toda a gente à mesa à hora da refeição e isso é que o levava a, batia-me às vezes quando eu chegava tarde. E o meu irmão para que ele não me batesse, o meu irmão ia-me buscar ó, ia-me buscar ó, ó, ó, a S. Francisc para tar à hora de jantar em casa. O meu irmão era muito meu amigo, esse está nos Estados Unidos, agora, com 14 anos, tinha 14 anos quando ele foi para os Estados Unidos. Foi um dos maiores desgostos que eu tive, quando ele se foi embora para os Estados Unidos. (Pausa 2s) PORTanto naquele ano chumbei e tava todo feliz, andava ao mar e ÓH gostava e como às vezes as marés às vezes eram logo de manhã, quando chegava da parte da tarde não tinha liceu! Podia jogar à bola à vontade. Havia sempre gente a jogar à bola em S. Francisco. Aquilo hoje é um parque de estacionamento, aquilo era um campo, aquilo havia, chegava a haver cinco e seis desafios ao mesmo tempo. Chegava a haver 80 moços a jogar à bola em S. Francisc, 80 moços a jogar à bola! Hoje não... Hoje é os, é os, as equipas, as escolas de futebol e os miúdos todos equipadinhos, não a malta ali, eu CHEGAVA, e depois tive aquela cena da, da passa à frente, eu detestava, detestava, o, o, quando eu era moço, voltando um bocado atrás... Tive um problema com a comunhão que me engasguei e nunca mais quis, nunca mais quis ir à missa. Mas dantes ia, a minha mãe vestia-me, ao domingo vestia-me todo bonito para ir à missa e eu tinha um saco escondido, despia a roupa da missa, vestia a outra roupa e ia jogar à bola para S. Francisco. Tão voltava a vestir a roupa de Domingo (Risos) e ia para casa almoçar. Portanto a minha vida foi uma merda até aos, aos 12/13 anos uma infância assim muit... não gostava do liceu, não gostava dos colegas, só gostava de jogar à bola, não gostava

de ir ao mar. Aquele ano foi um ano bom porque só ia ao mar e não tinha liceu, não tinha aulas, não tinha testes, não tinha nada.

E – Podias jogar à bola. (Risos)

e – Podia jogar à bola à vontade. Depois no ano seguinte, porque o meu pai obrigou-me a voltar ao liceu (pausa 2s). Voltei para o liceu e pronto fiz o terceiro ano.... fiz o quarto ano... fiz o quinto ano. A minha vida melhorou significativamente, e aí é que eu comecei a ser um bocadinho mais feliz, foi coincidente, quase coincidente com o meu irmão ir pó, pó Estados Unidos. Aaa 14/15 anos, um amigo meu, que já faleceu... foi meu... afilhado de casamento, fomos os dois treinar ao fareense! Como eu jogava bem à bola, fui treinar ao Fareense. Naquele tempo apareciam trezentos moços, duzentos moços para jogar no Fareense. O Fareense, o Fareense era um grande clube, tinha dinheiro. E faziam selecção! Depois iam eliminando. E então fui, fui sempre passando, porque eu tinha jeito, fui o ma, foi o mais novo que ficou na equipa de juvenis. E aí comecei, portanto ia treinar três ou quatro vezes, já não me lembro, por semana. Quando eram seis horas da tarde eu ia para S. Luís e comecei a socializar-me. Porque eu não saía de S. Francisco, eu não saía de S. Francisco! Era o mar e S. Francisco. Aí aos 14 anos comecei a socializar-me mais. Eu ia ao liceu mas depois comecei a ter outros amigos, comecei a jogar na equipa do Fareense, comecei a ir ao café! Depois juntávamo-nos no café, num café que já não existe que era em frente ali da Tap, que era o, o “Acrodeón”, a na, o “Acordeón”! Comecei a ter mais m, mais amigos, tive a minha pri, minha primeira namorada as 15 anos! Comecei a socializar e a mina vida começou a melhorar, Depois fui para os juniores e depois a minha vida melhorou a partir daí! O Fareense, o futebol é que foi de certa forma a forma para eu começar a socializar, a ter mais contactos e a sair daquele grupo restrito dali, de S. Francisco. Porque ali eu só fazia disparates. Eu era... tu não havias de me querer conhecer, ninguém havia de me querer conhecer porque eu era péssimo. Era muito mau! Era um moço de S. Francisc. Era mau, batia às portas, fazia disparates, partir vidros, fazia as coisas mais disparatadas. Só me sentia bem a fazer mal, aquela revolta que eu tinha... só me sentia bem a fazer mal. Havia uma oficina ali ao pé de mim, que o homem ainda hoje não me fala. Porque eu roubava-lhe os carros... oh oh... punha-me dentro dos carros, pedia para me empurrarem, que eu era líder na, na rua, era o mais, era o mais líder, era o mais reguila e os moços faziam o que eu, o que eu pedia. Metia-me dentro do carro, destravava, eles empurravam o carro e descia a minha rua e ia parar em frente ao quartel. E depois como

aquilo era subido eles já estavam-se lixando para empurrar ficava o... no outro dia o gajo da oficina encontrava os carros todos, os carros? Alguns carros, deixava ali na rua, que eu conseguia, os que conseguíamos abrir as portas, encontrava-os no meio de S. Francisco. Eu era muito PARvalhão, eu era, fazia muitos disparates, aaa uma vez roubei. Entrei numa mercearia e senti necessidade de, de roubar para ter o sent, o sentimento de roubar, tinha para aí 13 anos. Numa mercearia... para roubar uma lata de conservas e comer para S. Francisco. Depois tinha um amigo que era sobrinho da capela de uma livraria que havia na rua de Santo Tónio. Roubava maços de tabaco... ia fumar, ia fumar, ia fumar pa as salinas. Fiz todos os tipos de disparates, tive necessidade de fazer estes disparates todos quando era moço. Era uma forma de revolta.

E – E.. Só voltando um bocadinho atrás e a tua mãe?

e – A minha mãe foi sempre foi uma, uma pessoa que SÓ me bateu uma vez na vida! Foi quando eu fui comungar que me engasguei no meio da igreja da Sé e depois cheguei a casa e ela disse que eu não estava em graça deu-me, deu-me uma sova. Foi a única vez que me bateu. Porque eu tinha muito respeito ao meu pai, gostava muito do meu pai, mas à minha mãe eu não tinha muito respeito e ela não me conseguia bater porque eu fugia. Ela não me batia, apesar da minha mãe

E – [Qual era a tua relação com ela?

e – era uma relação normal, mas passiva. Ela não era uma mulher aaa, o meu pai era um homem com estudos, o meu pai era um homem que naquele tempo, o meu pai aos, o meu pai nasceu em 1907. Portanto hoje teria cento e tal anos. E naquele tempo foi um homem que fez o curso da escola, da escola industrial. Ele é que me ensinou francês, é que me ensinou inglês. Era um homem culto, o, o meu avô era um homem com dinheiro. Tanto que o irmão mais novo do meu pai foi para Lisboa naquele tempo, ele andou nas Belas Artes e foi professor, ficou professor de desenho. Portanto tirou o cur, então imagina à, à 80 anos uma pessoa tirar um curso, ir para Lisboa tirar um curso de, superior. Portanto aaa, o meu pai era um homem aaa instruído, gostava muito de ler! Vinha do mar e a vida dele era, dormia um bocadinho, depois lia, lia, lia. Eu tinha em casa todos os clássicos dos, do Alexandre Dumas, “Os três Mosqueteiros”, “O conde de Monte Cristo”, esses livros todos, tinhas todos em casa. Eu li isso tudo! Hum tinha, não sei se ainda os tenho. Velhos, o meu irmão levou alguns, li esses clássicos, li esses livros todos. O meu pai tinha muitos livros em casa. Uma vez tive doente, foi um

médico lá a casa, que eu tive uma gripe e a minha casa era uma casa pobre e ele viu os livros, ficou parvo a olhar para os livros! Numa casa daquelas pobres como é que, tínhamos na sala, tinhas assim uma estante que meu pai tinha feito, com os livros, ficou parvo a olhar para os livros. E o meu pai era um homem culto e ele, ele, ele é que... Eu só tinha respeito a ele, à minha mãe não... Portanto a minha mãe, o meu pai tinha estudos como te disse, depois quis ir para o mar, quis andar na vida de mar, de mar... o meu avô tinha bens, portanto o meu pai ficou com uma tapada e com viveiros de piscicultura. E a minha mãe era da Fuzeta, tinha a 4º classe aaa, mas era uma mulher aaa FAZIA a vida da casa... DOMÉSTICA! Fazia vida de casa, não tinha nenhuma interferência na minha educação. Era uma mulher passiva. Eu não lhe tinha respeito. Não faltava ao respeito! Nunca, nunca disse um palavrão, nunca fiz nada à minha mãe, mas não tinha respeito. E as faltas de respeito era às vezes “Ai Joca que eu bato-te!” “Ah tá bem bates...”, eu não deixava, eu fugia! Eu fugia... Aaa eu era muito, era uma criança muito, muito... era péssimo! As pessoas, os vizinhos ninguém me falava, eu quando saí daquela rua ninguém me falava! Pronto. Eu batia às portas, eu punha a de, havia um, às vezes passava um homem a vender azeite, uma vez passou um homem a vender azeite... não, não me esquece disto, o, com, era um cavalo, haviam os cavalos com carroça, vendiam azeite às portas e o cavalo fez umas grandes bostas ali e pois eu fui pôr, fui pôr aquilo à porta de uma mulher que não conhecia. A mulher foi, que eu não gostava, a mulher foi sair de casa, pisou a merda... Depois a mulher trabalhava na LuzBel, foi bater à porta a fazer queixas de mim... Eu só fazia disparates, eu só, era uma revolta. Portanto a minha vida melhorou quando eu fui para o Liceu.

E – E disseste que te engastaste na comunhão. Quer dizer que tiveste uma, uma educação religiosa?

e – Tive. Não, não me entendo. Não, não me entendo com padres nem com igreja nem com nada disso. Porque quando tinha seis anos fui para escola primária e para a catequese. E fui para a catequese, todos os moços iam para a catequese e eu gostava da catequese porque a catequista era uma jovem estagiária do magistério, e era simpática! Eu tinha seis anos e ela seria uma jovem para os 18 e era simpática, (Imperceptível) e depois a gente, depois da catequese íamos para a igreja, na igreja aquela parte, junto à Igreja da Sé que agora tem uns, um, um, um, umas barras, um espaço exterior que está a relvado, que às vezes até à concertos e tudo... Quando vocês vão para aquele café, aaa aquele café no, na Afonso Terceiro? Tão ali dois cafés... a ver se eu me lembro, vocês

os jovens gostam muito de ir para ai... Mas na, na, na Igreja da Sé, na Igreja da Sé, se tu reparares passas na Igreja da Sé e vais reparar, tem uns degraus e depois tem uma vedação, uma, umas barras que tu vês um ed, vês um espaço verde e depois tem uma cada do lado esquerdo e era nessa casa do lado esquerdo que se faziam os lanches. E eu ia à catequese porque era giro, porque eu nunca, nunca tinha bebido uma Sumol na minha vida. Alguma vez a minha mãe comprava uma Sumol? Agente tinha uma vida muito limitada que o meu pai vivia do mar! (Imperceptível) trabalhava. Então eu ia à catequese pra, pra, por causa dos lanches. E então quando fui, quando, quando chegou a hora, o dia da comunhão a minha mãe fez-me um fatinho e man, fez não! Mandou-me fazer ao alfaiate, o primeiro fatinho que eu tive, todo... aquilo era um tecido escocês, aos quadrinhos, depois levava aqui um laço e gravata, um PApillon. Nunca eu me tinha vestido tão bem. E na vres, na véspera de com, de, de, da comunhão tivemos que ir comungar e eu fui comungar... e acreditava naquelas patranhas todas. Ingénuo, ingénuo, diziam que, disseram-me logo, diziam que não devia tocar com os dentes na hóstia, que era o corpo de Deus que se não corria sangue mais rebeubeu. Aquelas coisas que se diziam aos moços. E depois logo nesse dia que eu comunguei, quando saí dali até me lembro que chorei! Porque saí da, fui-me confessar, não comungar, como me fui confessar um Sábado à tarde, a comunhão era no outro, era no outro Domingo na igreja da Sé. Fui jogar à bola disso, e depois a jogar à bola a dizer palavrões, chamei filho da puta a um, bati no outro, andei ali enrolado e depois é que me lembrei que já me tinha confessado e que ia comungar com pecados e então até chorei e tudo! E depois levei a noite toda sem dormir a pensar como é que ia tomar o corpo de Cristo sem bater nos dentes. E leve a noite naquilo, ainda me lembro... Oh! No outro dia, onze horas da manhã, a igreja CHEia, largo da Sé, toda a fina flor do entulho... Conforme fui comungar, puseram-me a hóstia na boca e engoli, conforme eu engoli ficou-me (risos) no, na garganta, comecei a tossir... era a igreja toda a olhar para mim. Eu envergonhadíssimo e a catequista a bater-me nas costas. Passei uma vergonha tão grande nunca mais, disse “nunca mais na vida”. Depois cheguei a casa e ainda apanhei porrada da minha mãe! Não tava em graça... A partir daí nunca mais fui à igreja. Tenho uma péssima relação com a igre, casei por, por igreja. Numa igrejazinha pequenina na Senhora da Rocha porque a Isabel queria casar na igreja da Sé e eu disse “Nem penses, eu não entro numa igreja dessas”. E depois tínhamos que tirar o curso de párcos, curso de casamento, mas era o Padre Jorge que dava o curso e o Padre Jorge tinha sido meu colega na escola industrial e eu fazia, o Padre Jorge sabia que eu era do desporto, “Eu à

noite tenho jogo...” “Tenho jogo padre” “Tenho treinos, a Isabel vem ao curso”, então a Isabel é que ia ao curso sozinha. A Isabel é que ia ao curso, eu ia levá-la e ia buscá-la ao fim, eu nunca fui. E nunca comunguei, e nunca mais comunguei e nunca mais me confessei, nunca mais nada disso. Fiquei com, com azar à Igreja e aos Padres. Era isso que querias saber sobre a minha vida religiosa? Uma vida religiosa (risos) completamente desgraçada. E não acredito nada dessas coisas e se for à igreja fico encostado cá atrás. Nem se sento, nem me levanto, nem percebo nada daquilo, e sento e levanta, não, não vou nisso. Fico cá atrás a assistir, por exemplo se é um funeral ou se é um casamento... Já fui a casamentos e sento-me cá atrás, a não ser que seja padrinho e tenha que me sentar no banco da frente. Mas já fui padrinho duas vezes, mas fico ali sentado, braços, cruzo os braços e só me levanto no fim, não é... nem me ajoelha, nem me levanto, nem, não entendo porque é que as pessoas se ajoelham, se levantam e se sentam. Fico sentado o tempo todo, portanto não, não cumpro os preceitos religiosos e não... não vou por aí!

E – Hum, hum...

e – DEPOIS não sei se queres que conte até quando, pois a minha vida leva muito, Já são cinquenta e sete anos, não sei o que é que querias.

E – Não... (Imperceptível) só não fugires muito aqui depois ainda... então e os teus irmãos? Qual é que era a relação com os teus irmãos? Como é que... tens um mais velho, com 14 anos...

e – Já morreu, já morreu de cancro. À três anos, foi uma coisa muita estranha. Eu já tinha perdido os meus pais, já tinha perdido os meus pais mas foi uma coisa muita estranha perder um irmão. É uma coisa muita estranha (Pausa 2s) não sei... não, ele foi, morreu, morreu e ele era da força aérea, foi enterrado em Portalegre e fui daqui para Portalegre. A Isabel tinha tido o a, o enfarte não foi, a minha filha também não foi, estava em Lisboa, foi o meu filho comigo... e foi uma sensação, aliás eu passei-me quando eles deram aquelas Salvas que dão aos militares ê... Desapareci do cemitério, se o meu filho não me vem apanhar eu vinha a pé para Faro. Eu fiquei completamente passado. Custou-me muito.. e aquelas salvas é uma coisa horrível na merda dos funerais. Mas custou-me muito. A relação que eu tinha era de afastamento, nunca tive uma relação muito próxima com esse irmão. Nunca tive uma relação muito próxima. Ele também foi uma pessoa muito infeliz. Aaa tava na força aérea e vinha... Pronto

nunca tive. Com este o, o de 10 anos, éramos muito amigos tanto que eu agora estive nos Estados Unidos, lá no casamento do filho. Éramos mais, éramos mais próximos, mas era 10 anos mais velho do que eu. Aliás con, quando estava cá controlava-me a minha, a minha educação do que o meu pai. O meu pai não se preocupava muito. O meu pai não se preocupava muito. Aaa não queria que eu tivesse negativas, não queria que tivesse maus resultados mas não me perguntava nada, nã me dizia nada. Confiava em mim. Confiava mal que eu não era, não era, era de fiar mas o Agostinho, esse irmão mais v, esse meu irmão 10 anos mais velho é que, até ir para os Estados Unidos é que de certa forma me acompanhou. Depois ele foi embora e eu fiquei sozinho. Mas a minha vida melhorou de facto com, foi o futebol é que deu uma volta à minha vida, se não eu não sei o que é que tinha sido. Porque depois CRESCI, porque depois no FAREnse, com aqueles CONtactos, aaa depois aaa fui tre, fui capitão de equipa, aaa amadureci muito, cresci muito. Porque tinha outro tipo de contactos, outro tipo de vivências. Eu acho que se não fosse o futebol não sei o que é que tinha sido. Não se tinha sido, se tinha continuado no liceu. O quinto ano do liceu foi um espetáculo! Porque foi no ano em que roubaram os pontos do liceu e então eu cheguei a passar o, os pontos do exame nas vésperas do exame nas paredes do, do café. Depois ivemos que repetir os exames todos, depois fui para o sexto ano, jogava no Fareense. Depois no sexto ano reprovei, isto é mudei de alínea e depois fiz o sétimo ano e, fiz o sétimo ano e depois de fazer o sétimo ano, fui professor de educação FÍSICA! Fui trabalhar para a caixa geral de depósitos, depois a vida aí começou a correr melhor. O meu estado entre a, a adolescência e a adultez foi melhor! A infância foi uma merda! Foi uma infância muito, muito... não tenho re, não tenho nada boas recordações de infância.

E – Não...

e – Sim. A MELhor fase da minha vida FOI a fase final da adolescência, espetáculo! Portanto fui professor de liceu... Nunca tinha, eu comecei a trabalhar aos 14 anos precisamente porque o meu pai não me dava dinheiro. Trabalhei aos 14 anos numa oficina de automóveis nas férias. Depois aaa passei a ser animador desportivo, depois joguei no Fareense, até aos 17 anos. E o dinheirinho que ganhava dos prémios de jogo, como a gente tinha uma equipa boa e ganhava sempre, havia um premiozinho de jogo, na altura não sei se era cem escudos, mas dava para os meus gastos. Depois quando cheguei aos 17 anos trabalhei numa residencial, no ano em que tava no 7º ano aaa trabalhava, trabalhava uma hora e meia por noite no, num, num part time. Depois fiz o

7º, portanto, e também era animador desportivo do Inatel e fazia arbitragem. Desde os 14 anos que ganho dinheiro, o meu pai nunca me deu um tostão. Eu sempre ganhei o dinheiro para mim. Nunca me deram, sempre ganhei o dinheiro para mim. Aaa depois a minha vida aí melhorou, quando eu acabei o 7º ano do liceu ainda tentei ir, estudar pra... para Lisboa (pausa 2s) mas depois quando fui estudar para Lisboa, quando acabei, quando acabei o liceu foi o ano do 25 de Abril então era só... RGA's, RGA's, RGA's, RGA's, RGA's... (Pausa 2s) e aaa... não tou mentir! Eu acabei o liceu e no outro ano fui dar aulas de educação física, porque fiquei com o inglês em atraso e o professor Fortes convidou-me para dar aulas de educação física. Então dava aulas de educação física, para aí com 18 anos, e tinha uma disciplina de inglês para fazer. E depois acabei o inglês e depois é no outro ano que acontece o 25 de Abril que eu vou para Lisboa para fazer o curso ensino superior para economia calcula tu! Para economia... Só que aquilo era RGA's, RGA's e o dinheiro que eu levei para Lisboa era o dinheiro que eu tinha ganho, o meu pai não me deu. Ao fim de três meses “eu tou aqui a gastar dinheiro, eu vou-me é embora!”, vim-me embora, voltei a dar aulas de educação física e fui trabalhar na caixa geral de depósitos. Fartei-me de trabalhar e fartei-me de ganhar dinheiro. Aaa e foi essa fase que foi a melhor fase da minha vida. Tinha muito dinheiro, dava dinheiro em casa à minha mãe, sem me pedirem eu dava dinheiro em casa. Tinha dinheiro para tudo. Foi o melhor tempo da minha vida. E tanto que eu me sentia tão feliz que depois a minha felicidade continuou quando eu fui para o magistério. Depois eu, no terceiro ano em que dava aulas de educação física na, depois se tu quiseres acertar os dados eu volto atrás para te, te compor, mas é só para dizer... Fui três anos professor de educação física, no terceiro ano, e foi entre um e outro ano que eu trabalhei duas vezes na caixa geral de depósitos nas férias e ganhava um porradão de dinheiro. Eu cheguei a ganhar como professor de educação física cinco contos e duzentos e como empregado na caixa geral de depósitos nove contos! E consegui ganhar os dois ao mesmo tempo. Porque era nas férias do liceu, eu, eu tinha de fazer serviço de exames, pedia ao gerente da caixa “Sr. Martins preciso de ir ao médico.”, era mentira. Saía, saía a fugir, subia a avenida do liceu, ia buscar os pontos de exame, fazia o, o exame, o serviço de exame, que era uma coisa que se tinha de fazer na lá nessas férias e depois voltava para a caixa. Tinha os dois empregos. Ganhei uma porrada de dinheiro nesse tempo.

E – Hum.

e – Aaa e depois fui para o magistério. E continuei feliz da vida, primeiro ano então foi espectacular! Muita vaidoso, era professor de educação física na Tomás Cabreira, era o meu terceiro ano, bons fatos de treinos adidas e depois ia pó, ia pó magistério fazer, fazer sucesso. Usava os cabelos louros, compridos... era professor de educação física e então as meninas era tudo, era tudo de roda. Aquilo éramos para aí que? 14 ou 15 homens e umas 300 mulheres. Fui para o magistério... porque fui atrás da Isabel. Conhecia porque ela foi-se hospedar em frente de mim (Risos) eu meti conversa com ela e ela disse que queria ir fazer exame ao magistério, então também FUI. Então fui fazer exame e passei, não tava a pensar ir para o magistério. Mas depois passei no exame... entretanto tinha sido operado à apêndice e não podia dar aulas de educação física. Então disse “olha eu vou mesmo para o magistério”. Mas depois acabei por ir para o magistério, acabei por melhorar e acabaram por me chamar pó, pó, pá Tomás Cabreira para dar aulas de Educação Física, portanto mas acab, mas, mas o motivo principal: Fui atrás da Isabel. Entretanto começámos a namorar e olha é o que se vê 33 anos casados que me lixei.

E – (Risos)

e – Mas, mas o magistério para mim, o primeiro ano foi espectacular. O primeiro ano foi espectacular por várias razões (Inspiração)... Para já porque ganhava dinheiro, para já porque tinha um estatuto diferente sentia-me como, diferente porque aaa era professor de educação física e depois o magistério foi espectacular! Porque foi depois do 25 de Abril, foi o primeiro curso de 3 anos, houve reformulação dos currículos e foram tudo prof, muitos professores vieram do estrangeiro.

E – Hum, hum.

e – O, o Zé, marido da Helena Quintas, o Calvário que era da, tinha vindo da Bélgica que era, que era de, parecia o Demi Russo, autêntico Demi Russos, então MUITA grande, barbas, sempre de sobretudo, que era professor de desenho, o Jacinto que era de linguística que era um gajo... muita estranho que ainda hoje é, um gajo acho que se metia na (Barulho com boca), na, na passa, acho que às vezes, uma vez numa aula começou a dizer “Vocês não vêem as borboletas a voar?” “Quais borboletas?” (Risos) “Quais borboletas?” era de, era de literatura infantil e de linguística, que tá em Castro Marim, já teve na produção de sal... Eu acho que o gajo agora é da produção de sal ali naquela zona. Já teve uma produção de enguias, é tudo dos projectos todos loucos. E

havia uma série de professores, uma série de professores com ideias completamente novas e aquele primeiro ano foi Espectacular! Foi um ano espectacular e era ver! Se fossemos fazer um estudo da gente que andou no magistério naquele ano vê os caminhos que eles andam... é tudo malta que uns tão na universidade e que uns seguiram outros percursos mas lá havia gente muita boa, havia gente muito interessante. No magistério fui muita feliz pá! Fui muita feliz. E depois gostei tanto que fiz o segundo e o terceiro ano, no terceiro ano casei e pronto entrei nesta vida de professor primário. Fui sair com 16, tive uma nota... tive uma das notas mais altas do magistério e fui logo colocado naquela escola em Odeceixe. Fui casado e uma semana depois fui colocado. E aí começou a minha vida de professor primário.

E – Sim... E voltando só atrás...

e – Sim podes voltar à vontade.

E – Estavas a dizer que, que o teu pai também gostava muito de ler e que tinha os livros e achas

e – [O meu pai era um...

E – que isso influenciou também o teu gosto pela leitura?

e – Influenciou... O meu pai... se formos falar do meu pai era o meu melhor, era o meu melhor amigo.

E – (Risos) (Imperceptível)

e – Não, batia-me, quando batia-me tinha razão. Eu nem apanhei, nem a décima parte daquilo que merecia, porque eu era mesmo muito mau e fazia muitos, muitos disparates. Eu fazia muitos disparates, se ele me apanhasse, ele não tinha hipóteses de me apanhar. Ele, por exemplo, pôs-me numa explicação de matemática, no, quando eu andava no 2º ano do liceu. Porque eu tinha notas de 10/11 e ele, o Agostinho, o meu irmão é que sugeriu “É melhor o Joca ir para explicação de matemática. A matemática é muita difícil”. Eu não ia para a explicação de matemática, eu ia pa, para a mocidade, para o “Extra”, que hoje já não existe, era em frente da antiga CCR. Hoje onde tá uma farmácia, aquilo era a mocidade portuguesa, ia para lá ver a malta a jogar bilhar e ficava com o dinheiro, escondia na capa do “Palma Fernandes”, que era o livro de exercícios de matemática do segundo ano. Para ter dinheiro não ia às explicações e escondia o

livro na, na, no, escondia o dinheiro na capa do, na contracapa do livro. Porque não tinha dinheiro e não, nunca pus o rabo na explicação e ele pensava que, levou-me um ano inteiro a pagar explicações e eu a ficar com o dinheiro. Aaa epá eu fazia, fazia as tropelias, as coisas mais... eu uma vez quis fazer uma experiência, távamos a jogar à bola, rebentei com a instalação toda do bairro! Porque acertei com a bola nos fios de electricidade para ver o efeito, porque uma vez a, a jogar à bola tinha batido e aquilo fez faísca e então eu achei que aquilo era capaz de ver qual era o efeito daquilo... Os, comecei à bolada com os fios de electricidade, os fios entrelaçaram, começou a fazer faíscas, rebentou com a instalação eléctrica do bairro. (Risos) E depois FUGI! Fugi. Só fazia disparates, parti, partia os vidros das casas, epá eu só fazia merda. Parece que era uma revolta que eu tinha e que se manifestava assim.

E – Porque é que achas?

e – Não sei pá! Era, aaa, tu não vais acreditar eu a dizer ninguém gostava de mim quando eu era moço, ninguém gostava de mim quando era moço. Só me dava com *malterzaria*, com malta de S. Francisco, aquilo andar à porrada, andava sempre todo, todo sempre de nha, todo, eu resolvia tudo à porrada. Por isso é que eu, há ali uma parte minha de violência que foi sublimada pelo futebol porque eu no futebol era muito, era muito duro, era muito duro, eu fui várias vezes e mesmo quando fiz desporto mesmo no andebol e tudo... eu apanhei, apanhei 14 jogos de castigo quando jogava andebol na “Ráfia” e aí já tinha aaa 23 anos. Agarrei o árbitro pelo pescoço e corri o campo com ele na mão, eu era mesmo MUITO viol, revezava tudo para a violência e o desporto para mim de certa forma sublimou-me porque eu quando era moço resolvia tudo à porrada. Ali em S. Francisco era a linguagem que se conhecia era a linguagem da porrada. Eu era um moço de S. Francisco, eu hoje estou aqui, não sei como é que as coisas aconteceram, como é que o meu percurso veio por aqui porque supostamente não era, não era suposto eu vir por aqui... Era suposto eu andar ao mar... ou ter uma vida, ter ao mar, ao mar porque eu nunca queria outra profissão. Continuar com a actividade do meu pai, das amêijoas e da, e da

(Interrupção)

e – Cont, portanto aaa era suposto eu ter aaa levado a vida, a vida, a vida do mar ter seguido, aaa ter seguido a vida que o meu pai, que o meu teve. Não era suposto virar

professor, muito menos professor numa universidade. Que isso nunca, nunca estaria, numa escola superior ?? Nunca taria nos planos de ninguém.

E – E o teu irmão mais novo, não achas que ajudou nisso? Se calhar ele foi a pessoa que, que...

e – Não, o meu irmão até ir para os Estados Unidos, era ele que me controlava se eu não faltava à, à, às aulas, mas era mais para me controlar. Porque, por exemplo, o gajo parecia que adivinhava... Quando eu faltava à escola e, por exemplo, ia jogar para os blocos, aqui os blocos é em frente do Lidl há ali um campo, que era um belíssimo campo de futebol.

E – Hum, hum.

e – Era um belíssimo campo de futebol e eu (Risos), eu ia jogar para ali, pois o malandro do meu irmão parece que adivinhava ia-me buscar sempre quando, quando eu faltava às aulas e tudo. Um vez tava eu, faltei as aulas e tava em frente da Tomás Cabreira, porque andava no liceu, a FUMAR, a ver a saída das raparigas, quando dei por mim tava o gajo ao pé de mim... E não disse ao meu pai, nem me bateu mas disse

E – [Mas o teu irmão fazia papel do teu pai também...?]

e – ele é que fazia papel de meu pai, porque conhecia era mais novo conhecia-me. Era ele que me controlava, controlava-me tudo. A partir dos 14 anos, 15 anos senti essa perda quando ele foi embora. Porque eu gostava de ficar com ele, portanto ele comprava o jornal, o “Diário Popular”, eu lembro-me muito bem dos suplementos do “Diário Popular” tinha as palavras cruzadas, tinha ver as diferenças. E eu fazia os suplementos, lia o jornal... os livros em casa entusiasmava-me porque o meu pai lia muito e eu também gostava muito de ler. Mas é como te digo, a influência de ler não era pelo meu pai, era mais por ele ter os livros e por eu ia para o mar e sentia-me sozinho e os livros era uma maneira de ocupar o tempo. Porque para além de ir ao mar, eu vou-te dizer, o meu pai tinha uma “tapada”, é como se chama, é um viveiro de piscicultura e tinha uma casa lá e passávamos lá temporadas no Verão. Então eu tava privado dos amigos, eu tava sozinho ali, com o meu pai e com a minha mãe, porque o meu irmão não ia, o meu irmão era dez anos mais velho não ia. E eu não tinha nada que fazer, para além de apanhar “cavateras”, para além de ir à amêijoa, para além de ir à pesca, ali a

companhia era o livro! Por isso é que a minha, por isso é que o livro era o meu melhor amigo, por isso é que eu gostava tanto de ler.

E – Só aprendesedte a ler na escola?

e – Logo, logo, logo aprendi (imperceptível) aprendi, em casa ninguém me ensinou mas eu aprendi na escola.

E – Então até aos seis anos ias com o teu pai também ao mar?

e – Sim, sim. Sempre, sempre.

E – E como é que passavas aí o tempo?

e – Ah! Aí lembro-me lá. Mas aí, eu sempre tive banda desenhada, tinha livros de banda desenhada tinha, tinha MONTES de banda desenhada! Do meu irmão, tinha em casa. Pois eu lia banda desenhada, mas eu não me lembro. Mas é como digo, eu não tenho boas recordações de infância, eu não tenho assim muitas recordações. O que me lembro mais são assim destas fases. Lembro-me do mar, de jogar à bola em S. Francisc e a minha vida melhorou sobretudo quando eu fui para o Fareense, quando comecei a jogar à bola no Fareense. Aí é que foi a fase em que eu me senti mais...

E – E na tua rua, já sei que eras muito traquinas, mas na tua rua tinhas amigos?

e – Tinha.

E – Qual é que era a relação com os t, com os teus vizinhos mais novos pronto, com os teus vizinhos mais velhos já

e – [Era, eu era líder e a malta seguia-me toda. Juntávamos todos na rua, vinham pessoas bater à porta para eu ir para a rua. Eu passava a vida na rua, ou a jogar à bola ou a fazer, ou a bater às portas. A gente naquele tempo, agora já não fazem isso mas a brincadeira preferida era a gente arranjava um cordel porque as portas não são com, com, com toque. Hoje é que têm campainhas, naquele tempo havia batentes.

E – Pois.

e – Então a nossa brincadeira preferida, a NOSSA brincadeira preferida era com uma **tança**¹ prender aos batentes e começar a tocar à porta e depois as pessoas vinham, olhavam e não viam ninguém. Mal fechavam a porta a gente batia, depois as pessoas já desconfiavam, jogavam a mão assim à batente e descobriam a, a, a, e começavam “seus malandros!” “seus vadios” seus assim, seus assados, nha, nha, nha, nha. Pronto a vida na rua era feita a fazer aaa a fazer, fazer asneiras e a andar de bicicleta. O meu pai tinha uma chocolateira velha e eu passava o meu tempo, é verdade esqueci, a minha melhor amiga era a chocolateira. Porque eu ia para S. Francisco, ia para as salinas e andava de bicicleta. Portanto andar de bicicleta e andar à bola era só o que eu fazia, era o que, o que eu mais gostava de fazer.

E – Então e se tivesses que pensar em três objectos que caracterizassem a tua infância, quais é que seriam?

e – A bicycle, a bicicleta, a bola e a faca de amariscar. (Pausa 3s) Se fosse quatro era o livro.

E – Tá bem (risos) (Imperceptível) Já percebi que a tua infância foi...

e – A minha infância foi de merda... foi uma infância de merda. E, e é como te digo, as coisas mudaram muito porque, porque nunca pensei, porque eu nunca fui bom aluno e nunca pensei ter qualquer sucesso.

E – Não gostavas da escola?

e – Não, não gostava. Detestava o liceu, detestava o liceu. SÓ gostei do liceu a partir do 6º ano.

E – Porquê?

e – Quando mudei de alínea. Porque me senti mais adulto e comecei a encontrar mais sentido para as coisas.

E – E já não eras tão gozado, já...

¹ Fio de nailon

e – Não, o gozado foi só no primeiro, no primeiro ano, mas como te digo foi só no primeiro ano quando cheguei ao liceu, mas depois como tinha jeito para a bola e me queriam para a equipa, aceitavam-me, afirmei-me através disso!

E – Então a bola...

e – Sim, afirmei-me através disso. Foi a forma como me afirmei porque eles não gozava, porque eles todos queriam pa a equipa deles. E quem me gozava não eram os alunos, eram, eram os professores, os professores. Os professores, era antes do 25 de Abril, aquilo era uma coisa completamente aaa surrealista. E tanto que, tanto que não namoradas no liceu, tive uma namorada, quando tive uma namoradinha, mas aquilo, aquilo naquele tempo a gente não podia namorar! A gente tinha de namorar X quilómetros de, X quilómetros do, do liceu e naquele tempo era meninas para um lado e rapazes para o outro.

E – Eram separados...

e – E era, eu às vezes digo de brincadeira que até admira como é que nã, a minha geração não saímos uma cambada de, de tarados. Se calhar alguns são tarados aaa, alguns saíram mais tarados, mas era uma coisa completamente eee surrealista. Aquilo, não quando andava no primeiro ano mas lembro-me quando andava no sexto, quinto ano e sexto ano, moças do lado e moços de outro, quando tocava descíamos feitos malucos aaa as escadas e vínhamos para os pátios exteriores que davam acesso, que tinham umas grades e via-se, pátios interiores eram das raparigas e os pátios exteriores eram dos rapazes. A gente agarrava-se ali só para ver as meninas a salta à, a jogar ao manecas e a saltar à corda, só para olhar para as pernas delas. Aquilo era uma cambada de tarados. Porque a gente não tinha, não tinha contacto directamente com as moças e isso era um aspecto muito negativo daquele tempo esta questão de, esta segregação.

(Interrupção)

e – Portanto isto foi uma fase sobretudo marcado, até ao magistério. Pronto as fases boas como te digo o Fareense foi aquilo que me deu tudo. O Fareense deu-me tudo. O Fareense, o futebol, o Fareense, a socialização, os amigos, deu-me tudo. Depois comecei s ter um grupo que ainda é o meu grupo de amigos que se mantém até hoje porque depois quando comecei a jogar à bola, tínhamos um grupo que se juntava no “Acordeón” e aaa... Não é o “Acordeón” é o “Atlântico” café, o “Acordeón” era, o café “Atlântico”.

E era no café açor, “Atlântico” que nós nos juntávamos todos e durante muitos anos até me casar, e até depois de me casar, nos mantivemos aí form, tanto que foi esse grupo que formou o grupo da “Rafe” da Real Amizade Fareense e depois aaa, que também teve uma duração durante muitos anos, durante um certo tempo. Mas foi sobretudo o futebol que me socializou e depois aqueles amigos, foi depois no liceu que comecei a pensar de uma maneira mais madura. Então comecei a fazer o 6º e o 7º ano de liceu, e depois o facto, o professor Fortes convidou-me para professor de educação física como eu sempre vivi ligado ao desporto, jogava nas equipas de liceu... O liceu afirmou-me porque, o liceu afirmou-me tanto que eu era da, naquele tempo era um pouco elitista mas aqueles que tínhamos jeito para desporto jogávamos todos. Eu jogava nas equipas de liceu e sentia-me muito bem. Em equipas de andebol, de juvenis, a equipa de basquete, sobretudo andebol e basquete. Joguei nas equipas do liceu. Então isso dava-nos um certo tipo de importância, em termos de auto estima isso foi muito importante porque no liceu o desporto é que foi a minha sorte. E depois quando fui para o 6º ano, para o quinto e sexto ano fazia parte do grupo desportivo, já tinha outra idade, jogava à bola no Fareense, era admirado porque era o capitão de equipa de juniores, e aquele deu-me um, portanto já tinha outra autoestima, já tinha outra, já, já ganhava dinheiro, já vestia as minhas roupinhas, já comprava a minha roupa. Que eu tinha muito complexo da roupa quando era moço porque não vestia como os outros, como os outros vestiam... consegui ultrapassar esse quando comecei a ganhar dinheiro. Aí senti-me mais adulto. E depois o facto de dar aulas no liceu, depois quis, fiz o sétimo ano e depois pensei, o facto de dar aulas, não contar com outras pessoas a minha cabeça mudou completamente. E depois daí vir o magistério... pronto! E depois fui feliz, fui muita feliz como professor primário! Muita feliz.

E – E quando eras novo chegaste alguma vez a bater em algum professor? Ou tiveste alguma zanga... como estavas a dizer que era muito revoltado e...

e – Não, nem nunca, nem hipótese, nem hipótese de pensar! A única coisa que eu fiz a um professor foi, foi essa professora de história que me acusou, foi, fui durante uma aula pelas janelas do, do, do pavilhão, tínhamos aulas nos pavilhões, aquilo tinha brita, foi antes de alcatroarem, agarrei numa mão cheia de brita e joguei pela janela na, na direcção da secretária dela e meti-me na bicicleta e fugi.

E – Quando ela te acusou de...

e – Sim, sim. Depois de eu ter desistido fiquei com raiva, mas nunca nesse tempo, antes do 25 de Abril nem pensar a gente fazer seja o que fosse a um professor.

E – E houve algum que te marcou pela positiva?

e – Professor que me marcou pela positiva?

E – Que tivesse marcado, que tivesse influenciado também

e – [Houve, houve tu conheces!

E – o professor Louro!

e – O professor Louro. Marcou-me o Louro, marcou-me a Etelvina que era professora de inglês, gostei muito dela. Aliás ela no terceiro ano deu-me a minha melhor nota. Tive um 14, nunca tinha 14 de inglês, dei saltos de alegria. Deu-me 14 a inglês no, no primeiro ano, no ano em que eu, no terceiro ano em que repeti, porque eu tinha...

E – No sétimo?

e – No, no, não, no, no, no que é hoje o sétimo ano sim, no meu tempo era o terceiro ano do liceu. Eu reprovei como te disse e depois quando voltei tive, tive, também tinha alguns ensinamentos anterior, o meu pai também me ensinava inglês. Tive 14 fiquei feliz. A gente gostava dos professores dos quais também tinha melhores notas. Gostei de, da, dessa professora. Não gostei de mais nenhum! Tive tanta professor, tanta professor detestei a Baltec que foi minha professor de francês, no primeiro e segundo ano. Não gostei, não gostei, não gostei... professor de matemática não gostei de nenhum. Depois gostei do Louro que me marcou... a filosofia... marcou a filosofia no 6º ano ou no 7º... O professor Fortes era meu amigo mas eu andava sempre à, à pega com ele, não gostava dele, gostava dele. Gostava dele mas depois tive um tempo que o odiei... Porque fomos jogar pela equipa do liceu, a selecção do liceu foi jogar ao seminário, contra o seminário, também tinha uma equipa de andebol. Eu era o mais novinho, porque era tudo malta mais velha, eu ainda juvenil e ele pôs-me na selecção... pôs-me na selecção do liceu e era tudo malta do, do 6º/7º ano e quando chegou a dois minutos, (Imperceptível) quando chegou a um minuto ou dois no fim, para ter um prémio de consolação foi-me por a jogar e eu enchi-me de orgulho e não quis jogar o último minuto. Eu recusei. Nunca mais me, nunca mais me convocou. Eu fazia parte da equipa de liceu de basquete para ir a Espanha, não fui, mas depois acabámos por

fazermos as pazes, porque eu no sexto ano, eu no sexto ano fazia parte da, da comissão desportiva do liceu, que organizava actividades desportivas e tanto que depois nos entendemos que ele depois me convidou pra, porque ele director de desportos do Inatel, convidou-me para ser animador desportivo do Inatel e convidou-me para ser professor de educação física no liceu naquele ano em que eu me faltava uma disciplina de inglês. Portanto...

E – Marcou-te pela positiva e pela negativa.

e – Depois tornamo-nos amigos. Eu tive muito poucos professores que me marcaram. Para tu veres o respeito que eu tinha aos professores eu no meu 6º ano tive uma professora de matemática que a mulher dava-lhe ataques epilépticos, e aquilo era difícil! Matemática era difícil, sexto ano e com era ela lixado! Pois a mulher teve um ataque epiléptico foram todos, foram todos (Risos) para tu veres como eu era, ah com os professores, o respeito que tinha por eles... e aí já estava no sexto ano! A gaja deu-lhe um ataque epiléptico, caiu no chão, chamaram logo o contínuo, puseram-se todos de roda dela e eu aproveitei aquele momento, para, pra cabular o cabrão do teste. Távamos a fazer teste e a mulher deu-lhe um ataque epiléptico fui copiar o teste ao, ao meu parceiro que sabia, sabia mais de matemática. Tive nas tintas para dar apoio, a mulher a estrebuchar com ataques epilépticos, todos de roda dela e eu... (Risos)

E – (Risos)

e – Nã, nã, não era... mas depois fui melhorando com o tempo, mas tinha sempre esta veia de, de violência... tinha esta veia de violência.

E – Quando é que achas que acalmaste? Foi...

e – Ah com a idade...

E – Foi depois quando foste para o magistério? Quando...

e – Não, não, não... Então depois do magistério eu continuei a jogar andebol é no, no andebol é que aquilo era uma actividade muito física e aquilo é que aquilo gastava ali aquela adrenalina toda e era uma forma também de sublimar esta toda, toda esta, isto que eu tinha cá dentro. Era, eu levava tudo à, levava tudo à, à porrada, mesmo depois de casado e tudo. Quando alguma coisa não me cheirava bem ia logo a direito. Mas depois aos tempos com a idade, depois com o nascimento dos moços fui acalmando... Fui

acalmado. Não sei como é que reag, se hoje me provocarem como sou capaz de reagir. Mas acho que não sei, mas também não deixo que me provoquem. Mas aaa, fui um bocado assim, era muita nervoso, muito colérico, muito colérico e muito nervoso. Mas pronto, mas tive uma vida feliz porque como, sim, e depois... o casamento foi mais complicado. Tu não queres falar do casamento não? Não queres entrar por aí ainda? Quando tu quiseres... quando tu quiseres. Diz, diz...

E – Não, não, nada. Hoje também queria saber um pouco da tua infância, como foi... já percebi que não foi propriamente um mar de rosas...

e – Melhorou, o Farense, o desporto marcou-me. Porque depois toda a minha vida foi baseada no desporto.

E – Sim.

e – Porque eu andava no liceu, fazia parte da comissão desportiva e era árbitro do Inatel, depois... depois era árbitro do Inatel e depois esqueci-me era árbitro do Inatel e depois fui, esqueci-me esta parte, uma componente importante, também fui animador de Voleibol na DGD, depois passou a Instituto Geral dos Desportos, a Direcção Geral de Desportos e era animador desportivo no Inatel e na DGD, era animador desportivo. Aí do voleibol, responsável pelo voleibol. Coordenador distrital de voleibol da DGD! E animador desportivo no Inatel, que eram parte timesinhos pequeninos mas que davam tostõezinhos. Mas como eu não gastava muito dinheiro davam pra, pra mim e ir juntando. E era nas arbitragens no desporto que eu fiz a minha vida toda. E que ia ganhando dinheiro! Portanto foi o desporto, o desporto foi MUITO, muito importante pra mim. Foi a base da minha sobrevivência e do meu crescimento. Porque não é só desporto, é que depois fui animador desportivo e tu à, e tu se calhar vais-me perguntar a educação de adultos. Foi no Inatel que eu comecei a fazer educação de adultos. Porque eu era animador desportivo e organizava aaa, aquilo funcionava assim o inspector de desporto era responsável pelo desporto, eu fui inspector de desportos um ano, mais tarde quando o, o Fortes se reformou, já eu tinha 35 anos, exactamente um ano antes de vir para a Universidade. Mas o animador desportivo é que organizava as actividades, eu organizava, eu animador desportivo não era no atletismo, era para o andebol, para o basquete, para o volei e para o futebol de salão. Então eu é que organizava os campeonatos, era no tempo, no tempo do Inatel em que havia muito desporto de, das empresas, dos trabalhadores, portanto EU aí era puto mas eu é que organizava. Eles

respeitavam-me, eu aí já, foi aí o meu primeiro passo em que comecei a fazer Educação de Adultos, foi aí. Organizar desporto, que era da parte de desporto tá bem, mas organizar, eu fazia, constituía com as indicações do Fortes as comissões desportivas e fazíamos o calendário em conjunto e eles, tínhamos uma reunião, tínhamos reuniões, aquilo era muito democrático, muito participado! Tínhamos reuniões, de vez em quando, para ver como é que o campeonato tava a decorrer se estavam a gostar das arbitragens, se tava tudo bem... O meu, a minha primeira Educação de Adultos é exactamente no desporto, no Inatel, com trabalhadores. O desporto para mim era tudo. O desporto era tudo, eu vivia de desporto... eu saía do liceu era desporto, aaa tava nas aulas, era Inatel, era DGD, depois, depois quando acabei o Fareense, portanto eu joguei juniores até aos 17 anos, fui jogar basquete para o Fareense, federado, na equipa de, de, de, joguei ainda três anos no basquete federado. O Fareense era rico, a gente só ia de Audi, íamos jogar a Lisboa de AUDI. O Fareense era rico, tínhamos bons hotéis, o Fareense era rico. Joguei basquete no Fareense e depois joguei andebol na RAFE. Portanto eu fiz uma actividade de desporto federado aí, para aí até aos 30 anos. Sempre no desporto, no desporto. Era casado mas sempre desporto, quando não treinava fazia arbitragens para ganhar dinheiro, portanto sempre muito desporto. O desporto foi a minha salvação. Foi o desporto que fez, fez aquilo que eu sou hoje. (Pausa 3s) Mudei... o contacto com as outras pessoas, a socialização, o respeito pelas regras, aaa não gostava nada de dizer, e nessa vez que eu apanhei 15 jogos, portanto eu quando jogava futebol no Fareense era capitão de equipa e perdi a braçadeira de capitão exactamente porque agredi um, em Portimão agredi um, um jogador da outra equipa a, aaa agredi o jogador da outra equipa. Passei-me e perdi a braçadeira de capitão e quatro jogos sem jogar. E depois quando jogava andebol, um indivíduo também aaa fez-me um gesto que eu não gostei, eu agredi-o, também tive um porção jogos, parou o jogo, acabou o jogo, também tive um porção de jogos... Agredi-o mesmo, deixei-o, deixei-o estendido no, no campo, com os meus colegas a tirarem-me. E aí já namorava a Isabel, portanto já não era tão criança assim.

E – Pois.

e – Já não era tão criança assim. Aí já andava no magistério... Num campeonato com, com Tavira, dei-lhe uma sova no campo, parou o jogo, fiquei... e depois a terceira vez que isso então foi o cúmulo, foi no jogo com um equipa de Lisboa, em que o árbitro só por eu olhar para ele me expulsou dois minutos. Ele já vinha com a ideia que nós aqui

éramos muito violentos, porque de vez enquanto havia invasões de campo. O andebol era muito violento, mas era uma equipa, nós tínhamos uma equipa federada, chegámos a jogar aqui com o Benfica na primeira parte estarmos a ganhar por um golo! Era uma boa equipa, a gente tinha uma boa equipa de andebol. Aaa e o árbitro aaa só porque eu levantei os braços, pôs-me cinco minutos na rua e eu achei aquilo uma injustiça porque não tinha feito, passei-me, agarrei o árbitro pelo pescoço, atravessei, atravessei o campo com o árbitro. O árbitro era pequenino, levantei-o no ar, a malta atrás de mim e eu com o árbitro com as penas a...

E – (Risos)

e – (Risos) A bater, e eu com o árbitro... Apanhei 14 jogos de castigo e apanhámos 35 contos de multa. Portanto tive duas épocas sem, tive, perdi duas épocas sem jogar... e depois... deixei o andebol e comecei a treinar, fui treinador de voleibol. Também tínhamos uma boa equipa. Também tínhamos uma boa, virei treinador, ALIÁS acabei a minha carreira desportiva...

E – No Farense?

e – Não, não. Treinei uma equipa da RAFE e depois treinei uma e, treinei a mesma equipa na, nos bombeiros voluntários que era, havia um mecenas que financiava a equipa. Subimos à pri, ainda subimos à primeira divisão mas depois não houve dinheiro para continuar. A gente tinha uma bela equipa. Quando eu tinha uma equipa de juvenis, no segundo ano treinei uma equipa de juvenis, hoje são todos jovens que, que, o nível aaa sócio económico cultural era acima da média, são... doutorados. Luís, o luís Santos é doutorado e é o, é o director do Instituto de Pescas, o Alexandre está na, na CCR, o Paulo Semião é doutorado e é professor de matemática nas Gambelas, aaa os outros viraram professores, outros viraram engenheiros agrónomos era tudo gente com, com formação, depois fez formação. Mas tínhamos uma equipa, trabalhámos bastante. Naquele ano de juvenis só perdemos na Figueira da Foz, não houve, até as, as famosas equipas de, de voleibol de Lisboa nós ganhámos, só perdemos na Figueira da Foz e fomos roubados pelo árbitro. Portanto, depois acabei a minha carreira já mais calmo, como treinador de voleibol. E depois houve um tempo em que pronto, que não conseguia conciliar, acabei a minha carreira mesmo foi quando fui para a Universidade. Deixei o Inatel, deixei o desporto quando vim, portanto vim em 1900 e... e 90! Foi o ano em que morreu também o meu pai, em 89/90, entre 90/91 vim para cá, morreu o

meu pai morreu em 90. Fui, quando vim para a Universidade deixei o Inatel, deixei de treinar, deixei o desporto, fiz praticamente o encerramento, a minha carreira tinha acabado.

E – Há 22 anos...

e – Com trinta e...?

E – Há 22 anos.

e – Ah pois à 22 anos, estou aqui há 22 anos é verdade... Já viste à 22 anos estou aqui. Tou farto de tar aqui.

(Fim da 1º parte) – Desligámos o gravador mas a conversa de algum modo retomou e voltámos a ligar o gravador...

e – Não porque... a minha... eu vou-te só falar do meu pai. Até pra situar, até porque... é a minha maior referência e foi o meu melhor amigo, o meu melhor (Pausa 4s), foi a melhor coisa que eu tive na minha vida, foi o meu pai. Porque tas a ver nã era um homem de muitas carícias, de muitos carinhos, mas era meu amigo. E depois uma coisa que eu me enchi de orgulho, eu senti que ele tinha orgulho em mim, quando eu ia jogar... o meu pai era um homem muito respeitado no mar, portanto, mas uma pessoa que, em casa NUNCA houve fome. NUNCA faltou comida, agora não me dava dinheiro... só tive só tive televis, aos 17 anos.

E – Não era afectuoso.

e – Não era de se por assim com miminhos, aquelas coisas como os pais são, mas era muito meu amigo... falava comigo, eu, tinha mais um olhar dele, eu preferia que ele me batesse do que ele me fizesse aquele olhar. A pior coisa que o meu pai me fazia era me dizer assim “ficas em casa de castigo dois dias”. Era a pior coisa! “Ficas em casa três dias”, quando eu fazia disparates, deixava-me de castigo em casa. Porque eu não tinha em casa, em casa metia-me no quarto e jogava, passava as tardes a jogar ao balão, ou a inventar balões com trapos. Portanto não tinha brinquedos, não tinha nada, nunca tive um brinquedo. Nunca tive um brinquedo, nunca tive nada. Nunca tive, que é isso de brinquedos... Inventava, fazia com, com meias bolas, fazia, enrolava com meias, enchia

com meias, peúgos, fazia bolas e jogava com as bolas, mas sentia que o meu pai era meu amigo. Ensinava-me bastante, as nossas conversas, por exemplo quando cheguei aí à fase dos 14/15 anos a coisa que eu mais gostava era de ir passear com ele. E quando eu jogava no Farense era ver o meu pai com o seu casaco branco de linho, muito bem apumado sempre muito limpinho, a ver-me jogar à bola e depois espera por mim e vínhamos para casa. E os meus dias mais felizes da minha vida eram os Domingos em que eu ganhava, o meu pai esperava por mim e depois a minha mãe tinha cabidela. O Domingo de cabidela para mim era um Domingo fabuloso. Era o que eu mais gostava era aquele domingo, vir, jogar futebol, é o que eu guardo melhor recordação nessa fase é o Domingo de manhã levantar-me tomar o banho, tomar o banho não. O banho! O banho, eu não tomava banho. Eu não, eu tomava banho de bacia! O meu pai não tinha, nunca tive esquentador em minha casa. O desporto também foi importante por isso, eu só comecei a tomar o banho, um banho diário ou de dois em dois dias quando fui pra o farense aos 14 anos. Até lá só tomava banho ao Domingo. Eu hoje penso nisso, hoje penso nisso. Era, aquecia uma vasilha de água, deitava numa bacia e era uma para lavar o corpo, à gato, e outra para lavar o cabelo, porque só no Verão é que tomava duche. Quando fui para o Farense então senti o prazer do que era tomar banho de água quente, um duche de água quente! Que nunca tinha isso. Nunca tinha isso. E isso era um aspecto importante! Mas falado do meu pai eu adorava dar os passeios e depois obviamente quando tinha 14, 14/15 anos já conversávamos bastante. Mas no mar não, no mar era um homem de poucas falas. Mas foi uma referência para mim. E para perceber a referência que foi para mim, como eu ia ao mar e tinha jeito para o mar, mesmo depois de adulto a malta convidava-me para ir ao mar, eu não ia com ninguém ao mar... Só ia com o meu pai. O meu pai era o meu camarada. No dia em que o meu pai morreu, nunca mais fui ao mar. Eu tinha dois barcos, dois saveiros de madeira e tinha o viveiro, ficou tudo. Os, os barcos apodreceram e o viveiro ficou para quem quis apanhar as amêijoas e depois não paguei contribuições. Morreu o meu camarada, morreu o mar, nunca mais fui ao mar. E eu gostava tanto de ir ao mar, era o meu camarada, era a minha referência, eu adorava o meu pai. O meu pai era muito, muito meu amigo. Mas o meu pai era um homem culto, muito culto. Ele ensinou-me inglês, ensinou-me francês... olha quando eu andava no 3º ano o professor, a professora de português pediu para fazer um resumo sobre “A cidade e as Serras” e eu engonhei, engonhei, engonhei... e no dia que tinha de apresentar o trabalho, no dia que tinha de apresentar o trabalho tava todo murcho, tava murcho e o meu pai disse “Tão mas o que

é que, o que é que se passa?” e não sei o quê, “Oh pai tenho de fazer o resumo da “Cidade e as Serras” e eu não li o livro...” “Então escreve aí que eu dito.”

E – (Risos)

e – Apanhei suficiente mais, nunca mais me esqueço, apanhei um suficiente mais nesse trabalho, no terceiro ano de liceu, de português. Aaa... o meu pai acabou o curso na escola e tinha uma mente... diferente pá. Pra já não era dado nem tabernas, o meu pai não bebia... BEBIA! A única coisa bebia era, quando eu jogava futebol no Farense, mandava-me ir a uma taberna e ia comprar um cerveja preta e dividíamos a cerveja preta pelos dois e fazia uma GEMADA com cerveja preta, pra dar fortificante. E como ele andava ao mar e precisava era o, a única coisa que ele bebia, nunca vi beber um copo de vinho, o que bebia era metade de uma cerveja preta quando dividia comigo pra fazer a gemada. Mas o meu pai aaa, acabou o curso da escola e empregou-se nos escritórios do Ruah dos, dos, dos, de uns judeus muito ricos que haviam em Faro. Havia uma série de escritórios. Havia uma família de, já acabaram todos, uma família de judeus aqui em Faro. Tinham uns escritórios, portanto eram gente muito rica. O meu pai acho que ganhava muito bem e gostavam muito dele, mas ele sentia a prisão de tar ali. Quis ir para o mar! Quis ir para o mar e viver a vida do mar. Então a vida dele era o mar, porque o mar dá uma sensação de liberdade. Porque apanhara as amêijoas e depois a vida é difícil obviamente, porque a amêijoa não tem o preço que tem hoje, tinha de deitar ó, ó, ó viveiro, tinha que ir às cinco, seis da manhã à maré... tinha que tratar da tapada, apanhar o peixe para a tapada, mas era uma vida livre, era o patrão dele. Era o patrão dele. E dava pra viver, eu acho que ele foi feliz, eu acho que ele foi feliz naquela vida. Eu também fui, há umas partes de, de eu lembro-me disso, eu era feliz. Só não era muito feliz quando era muito puto, que ele me obrigava a ir ao mar e eu nã... eu tinha que ir à escola e não podia jogar à bola com os amigos. Agora naquela fase em que eu já era mais adultozinho, dos 14 anos, gostava de ir ao mar. Gostava de ir ao mar, gostava muito...

E – Aaa tavas a dizer à bocadinho que nã, não tinhas brinquedos...

e – Nada, nada!

E – Aaa isso faz-me lembrar, quando eu penso assim... como é que eram, quando tu fazias anos quando eras pequeno?

e – Nunca, nunca tive!

E – Como funcionavam os teus anos?

e – Não tinha anos! Nunca tive aniversário. Nunca, nunca, nunca. Não, a minha mãe também era, a minha mãe era da Fuzeta, filhas de homem do mar, que ia tudo para a Fuzeta, ia tudo para os Estados Unidos, para a América e a minha mãe era muito, aliás (Risos) eu tenho saudades da comida da minha mãe mas eu hoje sou, sou melhor cozinheiro que ela. Ela só fazia ali meia dúzia de coisas. Algumas coisas aprendi com ela. Aprendi o berbigão guisado, o, tudo o que era marisco, os guisados de chocos, essas coisas assim. Aaa algumas coisas que ela fazia eu aprendi a fazer com ela. Mas a minha mãe doçaria era uma desgraça. Uma vez fez uns biscoitos, porque ia a Fátima quis fazer uns biscoitos, deixou, eu jogava os biscoitos à parede e não se partiam. Os biscoitos iam contra a parede e não se partiam. Vê lá a mão que ela tinha para a doçaria! A minha mãe nunca me lembro de ter feito um bolo na minha vida. Só entrou um bolo, começaram a entrar bolos na minha vida, na minha casa em S. Francisc, quando comecei a namorar a Isabel, tinha jeito para bolos e levava quando alguém fazia anos. AH! AH! Lembro-me, lembro-me quando já era mais crescido uma vez fiz anos e o meu pai mandou-me ao “Aliança” comprar pasteis de nata e bolos sortidos para os anos e então como eram bolos sortidos partíamos os bolos em quatro quadrinhos que era para haver um bocadinho a cada um. Aí se me lembro disso! Exactamente. Um aniversário em que me mandou comprar bolos sortidos! O meu pai gostava muito de delícias, que eram uns bolos brancos. Delícias, pasteis de nata...

E – Lembraste que idade tinhas?

e – Eu já devia ter para aí uns 13 ou 14 anos. 12/13 anos, sei lá para aí, sim. Já era mais crescidinho, porque eu nunca tinha, porque eu aniversário na minha casa era coisa que não havia. Era uma coisa que não havia... NUNCA tive uma festa de aniversário na minha casa. Só depois quando comecei a namorar a Isabel. A Isabel aí fazia gosto em que quem fazia anos, a Isabel fazia um bolo e então umas velas, porque ela trazia essa, esse hábito de Silves. Só começou a haver festas de aniversário na minha casa, de S. Francisco, quando eu comecei a namorar. Até lá não. Nha era um dia...

E – Normal...

e – Normal. NORMALíssimo, não é, qual prendas, qual coisa. Nunca tive uma prenda, nunca tive um brinquedo. Os meus brinquedos eram quando conseguia arranjar um balão, que era para brincar ao balão no quarto, passava o tempo a jogar à parede. Era com as bolas e eram as, as, fazia corrida de caricas das, das, das tampas das latas de cerveja que serviam para as gemadas. Eu inventada e fazia caricas, jogava com um e jogava com outro nos ladrilhos, que a minha casa era ladrilhada e passava e inv, tinha que inventar, que era um autêntico desespero. Depois a casa era pequena, é uma casa pequena, eu não tinha como sair. Quando não me deixavam ir à rua e eu ouvia a malta na rua a brincar aquilo era pra mim, pra mim a pior coisa do mundo era o meu pai não me deixar ir brincar, sair à rua. Era o maior castigo. Não, nunca tive um brinquedo. Nunca tive um brinquedo. Fiquei muito chocado com, com o meu irmão... lembro-me tão bem disso, com o meu irmão mais velho... porque aí eu já teria, sei lá! Não sei que idade eu tinha. Tinha 13/14 anos, 15 anos assim não sei... O meu irmão tinha sido, tinha vindo do, de uma comissão em Nacala, tinha tado na, na força aérea em Moçambique, tinha tado na, em Moçambique e trouxe-me um avião. Trouxe-me um avião grande que se ligava as, as baterias e o avião andava, era assim grande e depois o avião se encontrava um obstáculo fazia “tzzzzzzz”, rodava e ia noutra direcção. Mas eu não tinha autorização para brincar porque as pilhas, não podia gastar as pilhas.

E – Trouxe-te um brinquedo para não brincares.

e – Exactamente. E depois, depois passado uns anos ele casou, teve um filho, veio ficar o avião para dar ao filho, que me tinha oferecido. Nunca mais me esqueci disso. Foi um trauma quando ele levou aquele avião, eu chorei tanto... Aquilo foi um trauma, porque era um avião, eu tava sempre a adorar o avião. Às vezes às escondidas lá o ligava à bateria mas aquilo não podia gastar as pilhas. Ele veio buscar e levou. Foi o único brinquedo que eu lembro-me ter tido que ele depois acabou por o levar. Mas a melhor coisa que o meu pai me ofereceu, foi quando eu fiz o exame do 2º ano do liceu, comprou-me umas botas de futebol no “Limpinho”, com travessas. Então a minha mãe fez-me uns calções de cetim e então tinha uma camisola, tive um equipamento. Então aquelas botas, a primeira vez que calcei as botas escorreguei cá logo que no, no pátio que era de ladrilho. Que era a primeira vez que calcei as botas, que saí do quarto cá logo. Mas era, foi a melhor oferta que o meu pai me fez na vida foi aquelas botas de futebol quando eu tinha 12 anos. Então quando ia jogar para S. Francisco com botas de futebol de, de travessas, eram botas de travessas naquele tempo. Foi a melhor oferta que

o meu me fez, tinha 12 anos. Foi o único, não foi por anos foi por passei do 2º ano e porque gostava de jogar à bola. Foi a única oferta, porque ofertas, NUNCA fui habituado a ofertas, nunca fui habituada a ofertas. Por isso penso que sou mais de dar do que receber. E também não gosto que me ofereçam, por exemplo roupa não admito que me ofereçam, eu é que compro a minha roupa. É muito raro, a única coisa que me oferecem é um aftershave, digo “Não eu só quero um aftershave” ou, ou uma coisa assim, não, não sou de receber ofertas. Ou um livro ou um aftershave, mais nada. Mas nunca fui habituado a ter ofertas.

II Entrevista

E – Aaa falaste que na escola primária não tinhas grandes recordações aaa minha questão era tentar explorar um bocadinho como é que era a tua professora?

e – Lembro-me da professora lembro-me...

E – Os teus colegas...

e – Não, a única coisa não, lembro-me da professora... que era a D. Fernanda Vilhana, que foi minha professora 4 anos e eu acho que ainda cheguei a ir à casa dela. Era uma senhora de bem, da família dos Vilhanas aqui de Faro. Acho que ainda cheguei a ir à casa dela, era ali numa rua, numa rua ali no Largo da Madalena, uma casa meio apalaçada uma senhora de bem na altura. Aaa sim, pois foi a única professora que eu conheci, era meiga, não batia e eu também era relativamente... Era a cima da média, na escola primária também, terra de (Imperceptível). Era São Francisco, a imagem que eu tenho, aquilo era escola primária naquele tempo há 50 anos atrás aquilo era só pilhos, era só vadiagem. Era a malta ali da Sé que ia ao mar, que batiam na professora, que faziam disparates, que saltavam pelas janelas. E eu era um puto todo muito calminho, todo muito tranquilinho. Lembro-me na escola das sa, da, das filas dos bons, dos médios e dos burros. Lembro-me das três filas, que eu ficava na fila dos bons. Não estudava muito mas no contexto da turma era, era, estava entre os melhores da turma. Nunca apanhei nenhum, fazíamos as provas naquelas folhas de 35 linhas, lembro-me das folhas de 35 linhas, lembro-me de fazer as provas, lembro-me do exame da 4º classe... Também foi com uma professora que depois acabou por ser aaa, acabei por encontra-la quando fiz o magistério. Também era Fernanda Vilhana, tinha o mesmo nome, mas não eram nada uma à outra. Era uma professora pequenina, até que morava ali no meu bairro. A recordação que eu tenho é... dos amigos de infância, da escola, não me lembro de nenhum amigo de infância. Os moços lembram-se de mim, “Eu andei contigo à escola” mas eu não tenho ideia nenhuma. A ideia que eu tenho, ia à escola, vinha para casa, aaa e jogava à bola, jogávamos à bola no recreio, mas não tenho assim grandes recordações. Ah lembro-me das professoras estagiárias de irmos, onde é o magistério, às vezes tínhamos aulas nas anexas com, com as professoras estagiárias, mas tenho uma recordação assim muito vaga da escola primária. Não tenho má recordação, quer dizer tenho uma recordação razoável. Tenho uma recordação razoável porque nunca me bateram, nunca me aconteceu nada. Eu até era muito calmo, até era muito tranquilo

nessa fase da minha idade, nessa fase da minha vida. Lembro-me de isso ter acontecido assim, a escola primária correu assim de uma forma...

E – Vocês tinham aulas o dia inteiro?

e – Não, tínhamos de manhã e depois à tarde ficava em casa.

E – Hum.

e – Ia brincar quando podia, ia jogar à bola para S. Francisco quando, quando me deixavam. O meu pai, nessa altura, nessa altura não ia para o mar, nas férias é que eu tinha que ir para o mar com o meu pai. Agora nessa altura não, brincava na rua, jogávamos à bola na rua, a minha vida era passada na rua eu praticamente se não... se eu não fazia nenhum disparate que o meu pai a única maneira de me castigar, às vezes batia-me, mas aaa ainda apanhei muita porrada, menos que o meu irmão, mas aaa castigava-me e era a pior coisa que me podiam fazer era castigar-me e eu ficar em casa. Ficava em casa, fechado em casa. Mas quando não, estava sempre na rua a brincar, ou andar de bicicleta nas salinas, ou a jogar à bola no largo de S. Francisco. Passei a vida praticamente na rua.

E – Hum, hum. E lembraste do que é que querias ser quando fosses grande?

e – (Pausa 2s) Nunca me passou pela cabeça.

E – Nunca tiveste...

e – Nunca, nunca, nunca. Eu achei que ia ser, ia, eu achei sempre que ia continuar a vida do meu pai e que ia continuar no mar. E depois... Sei, sei o que é que, sei. E depois não sei porquê, quando cheguei ao quinto ano, quando fiz o quinto ano do liceu, quis sair do liceu, não queria continuar a estudar, tinha tido a, aquilo não tinha corrido muito bem no terceiro ano, reprovei... e depois fiz o, no quatro ano, no quarto ano pensei que ia reprovar e fui-me empregar, o meu primeiro emprego foi aos 14 anos numa oficina de **J& Andrade**, que vendia tratores. Aaa onde trabalhei durante dois meses no escritório, fazia as requisições dos camiões que entravam, era numa oficina e nessa altura, nessa altura eu pensava que ia reprovar, que ia reprovar e então fui, fui trabalhar. Pedi ao meu tio para ele me arranjar um emprego e ele arranjou-me um emprego ai. Trabalhei dois meses e como passei fiquei feliz da vida. Só que me aconteceu uma coisa muita má nesse, nesse ano, nessas férias. Eu ai já tinha os meus

14 anos, já tinha a mania que os macacos andavam de avião, já tinha a mania que era bom e não sei o quê. Porque eu fiz a minha vida em S. Francisc e no Verão ia para o cais neves pires tomar banho. Ca malta toda de S. Francisco ia para o cais tomar banho e aquilo, e eli faziamos concursos de saltos e de mergulhos, e então a gente aprimorava as técnicas de salto e de mergulho, aliás algumas sovas eu apanhei... eu aprendi a nadar não foi com o meu pai no mar, até foi ali. Porque a gente mergulhava, direito à ponte, que aquilo era o cais e depois tinha umas escadinhas e depois ali nas escadinhas, e vários moços morreram ali. Morreram, morreram muito moços ali. E o meu pai não queria que eu fosse tomar banho para S. Francisco. Eu ia tomar banho para S. Francisco e de vez enquanto ele descobria-me e ia-me apanhar lá. Eu usava umas cuecas que guardava num, numa pedra e depois no buraco da, da, no cais Neves Pires aquilo tem uns armazéns que eram armazéns das cervejas e escavei uma pedra, tirei a pedra, fiz um esconderijo punha lá umas cuecas e depois punha uma pedra na frente, e era com essas cuecas que eu tomava banho, para o meu pai não saber. Se ele me visse com umas cuecas, com um fato de banho, fato de banho não, que eu tinha lá fatos de banho, era umas cuecas que eu tomava banho. Vestia-me, vestia as cuecas, depois despia as cuecas, guardava lá as cuecas. Depois no outro dia quando ia tomar banho, tirava as cuecas, vetia as cuecas (Risos) e, e a minha vida foi... O que eu me lembro da infância era de jogar à bola e tomar banho no cai de Neves Pires, sempre contra a vontade do meu pai. Sempre! Se o meu pai me apanhasse... levava uma sova, isso com 12, 13 anos e então eu achava que era muita bom a dar mergulhos, porque a gente ia ali, treinava, aquilo era altíssimo e passavamos, eram as minhas tardes de Verão eram a dar banho no cais de Neves Pires. Sabia lá onde é que eu tava! Pensava que eu tava a jogar à bola, que tava na rua e eu tava a tomar banho no, no cais Neves Pires. E depois no Verão tinha 14 anitos e fui para a praia e o meu pai foi, e tava acampado na praia que iamos passar, no Verão às vezes iamos acampar para a praia. O meu pai levava, levava uma tenda e acampávamos. Foi os melhores tempos que eu tenho de infância são desses, de acampar na praia. E eu fui para a ponte do meio dos barcos, dos gasolinas, porque aquilo tinha ali uma cova e a gente dava mergulhos, e eu fui formar um mergulho, calculei mal a distância, pensei que aquilo era mais fundo, não era. Bati com a cabeça no chão e o pescoço veio para trás, se viesse para a frente tinha partido o pescoço. Fiquei, fui para trás, senti uma ganda dor, fui para, fui para a tenda... não me conseguia mexer, vim para Faro e passei o resto do mês de férias deitado na cama, nem fui ao médico nem nada à espera que isto passasse. Nem fui a

médico nem nada. O meu pai não me levava, médico, sentia, não me podia mexer, fiquei assim deitado na cama quase um mês às espera que aquilo passasse. Durante muitos anos, pelo menos uns 20 anos, quando vinha o inverno, eu sentia as dores aqui. Sempre, sempre, quando vinha o frio sentia aquelas dores que me apanhavam. Agora já não sinto obviamente passou, mas levei para ai uns 20 anos, sentia sempre aquilo. Podia ter morrido naquele dia.

E – Hum. E...

e – E a propósito de quê?

E – Ah porque tavamos a falar do que é querias ser quando fosses grande.

e – Ah! E depois... isso foi nesse quarto ano, fui para o quinto ano do liceu e no quinto ano pensei “eu devia de ir trabalhar” e houve uns amigos que foram para a escola hoteleira.

E – Hum, hum.

e – E eu sempre senti qualquer coisa, não sei, mas gostava de ir para um hotel. Mas só que o meu irmão, que era 10 anos mais velho do que eu, na altura tava na, na forç, antes de ir para os Estados Unidos, nessa altura ainda estava cá, não me deixou “Não tu vais continuar a estudar, não vais nada trabalhar para um hotel”, porque ele na altura trabalhava num hotel em, em Albufeira e achava que não era vida para mim.

E – Pois era isso que eu ia perguntar, porque o teu irmão passou maior parte a vida, a parte em que ele saiu da escola e até aos Estados Unidos, o que é que ele fazia nessa altura? Trabalhava na hotelaria?

e – Não. O meu irmão, o meu irmão trabalhou durante muitos anos no Paes Lobo, que era uma oficina de carros e de, e tinha garrafas de gás e não sei, olha agora é um estacionamento... Bom não interessa. É um estacionamento ali ao pé do Limpinho, onde diz BP? Chamava-se a BP, quando saís do Limpinho para ir pó, pó, pó Seu Café? Vais pela rua, na rua da, da, tem pizzas, que há entrada tem aí uns estacionamentos, tem ali uma bomba de gasolina, dizendo BP. Era do Paes Lobo, chamava-se Paes Lobo, tinha isso e tinha a Mavic, que eram aaa, tinha uma loja de venda de motas ali também ao pé da praça. Numa rua que vai ter, numa rua paralela a essa, quase, era Mavic. Tinha as melhores aaa, vendia bicicletas a motor e não sei o quê, era o mesmo dono. E o meu

irmão trabalhou aí e depois foi para a tropa e quando veio da tropa, quando veio do serviço militar foi para, para Albufeira para trabalhar num hotel.

E – O teu irmão mais novo não é?

e – O do meio sim. O mais velho não, o mais velho tava, o mais velho foi logo quando eu tinha, era pequeno foi logo voluntário, tinha mais 14 anos do que eu, portanto quando eu tinha 4 anos, ele foi voluntário para a força aérea e só vinha esporadicamente, eu nunca tive nenhuma relação assim aaa muito forte. Aaa então o meu irmão, que fez o acompanhamento do meu crescimento até ir para os Estados Unidos, até eu ter 14, 15 anos, disse-me “Não, não vais nada trabalhar para o hotel que aquilo não é vida para ti. Tu vais continuar a estudar”... Porque eu senti, tanto que senti, que depois quando eu tinha 17 anos, tava no 7º ano do liceu e trabalhei um ano e meio em part time na residencial Condado. E adorei a experiência, tanto que ainda tenho esta mania que gostava de ter um hotel ou uma residencial, ou qualquer coisa assim, porque me lembro que foi uma experiência... chegava gente nova, ver as pessoas, alugar o quarto. Achei que, aquilo foi um ano interessante, foi no ano em que fiz o 7º ano do liceu. Aliás eu chumbei, eu fiz o 7º ano do liceu todo e chumbei a inglês, exatamente porque tinha inglês ao Sábado de manhã. E eu fazia as, fazia as folgas do guarda nocturno, trabalhava na recepção durante duas horas por dia e à sexta feira fazia a folga dele, porque ele folgava. Então eu tinha que ficar lá e como geralmente dormi pouco...

E – Pois...

e – Ia sempre cheio de sono para a aula de inglês. E então a professora, uma professora que era a Jorgina, uma professora que ainda foi aqui na Universidade, a Jorgina, dizia assim “Mister Joaquim do Arco!”, eu era quase da idade dela, tinha acabado a faculdade tinha ido logo para ali e dizia “Oh Jorgina não me chateies pá”... Eu jogava à bola no fareense, já tinha outro estatuto na turma, já tinha a mania que era importante e tal. “Oh Jorgina não me chateies pá, deixa-me dormir” e então, e chumbei nesse ano por causa dessa história. E ela até me levou a exame, e eu chumbei no exame, po, eu nã, não ouvia nada do que ela dizia, a mulher fazia-me as perguntas e eu não respondia. E como eu era alto, louro, já jogava no fareense, já tinha um certo estatuto, na turma toda a malta ria e eu sentia-me lá, “Mister Joaquim do Arco”, “Oh Jorgina” (Risos)

E – E... e medos? Quando eras jovem lembras-te de medos?

e – Muitos medos sim. Que me acompanharam em sonhos até muito tarde... e sonhava muito com isso. Tinha, tinha dois, dois não, tinha três pavores tinha o pavor, ainda, hoje já não tenho tanto, à trovoada. Porque vi morrer um homem queimado, quando ia no barco com o meu pai, iamos no inverno, iamos no barco à vela e começou a chover e a trovejar, direito à, ao farol, iamos lá apanhar ameijoas, que a minha vida era, fosse de inverno, fosse de verão, fosse de férias ou fim de semana eu não tinha escapa. E começou a trovejar e o meu pai tirou o mastro do, tiramos o mastro, pusemos em baixo, tapámos com uma japona que é uma espécie de um casacão em cabedal e de repente foi como se o mundo desabasse em cima de mim... PUMMM! E um homem, eu não vi obviamente mas senti, e um homem que não tirou o mastro, ao lado, entrou-lhe, o homem depois, po, o meu pai se apercebeu, não sei, porque viu aquilo, depois tirou, viu o barco, o barco tava perto de nós e o homem tava, só tenho esta ideia, o homem tinha umas alpragatas, umas sapatilhas, tinha um furinho na cabeça e um furinho na sapatilha. Entrou por um lado, saiu pelo o outro. Tenho esta imagem... e depois fomos para baixo, e depois o meu pai foi ao salvavidas para contactarem, para virem porque o barco não podia ser demovido dali nem o cadáver. Foi assim uma cena... mas o meu pai afastou-me disso, deixou-me na, na, deixou-me na deserta e ele é que foi tratar dessas coisas. E portanto, fiquei sempre com pavor do, dos trovões. Um outro medo que eu tinha, durante muito tempo, eu sonhava que caía um avião em cima de mim ou perto de mim e que eu fugia do avião. Só espero não morrer, não morrer da queda de um avião. Porque tinha o pavor, sonhava com aviões e com helicópteros. Isto porquê? Porque quando construíram o aeroporto, o meu pai tinha o viveiro de piscicultura que é mesmo junto ao aeroporto, então os aviões passavam ali já em aterragem... e aquilo metia-me medo. Eu nunca tinha visto aviões, o aeroporto, eu era miúdo e eu achava que algum dia um cabrão de um avião havia de me cair em cima. E durante muito tempo, não tinha medo nenhum, não tenho medo nenhum, mas sonhava com aquilo, sonhava com aquilo, que um avião me havia de cair em cima. E outra coisa que durante, enquanto eu vivi na casa dos meus pais, até aos 14, 15 anos e depois sonhei mais tarde, sonhava que me arrombavam a porta. Que me arrombavam a porta e que me assaltavam a casa, porque o meu pai contava a história que do tempo do meu avô, do meu avô... hoje o meu pai teria cento e tal anos, portanto do tempo dele contava a história dos miguelistas e dos... aaa sabes as história dos miguelistas, do Miguel teve que fugir para o Brasil, quando foi a, quando foi a...

E – Sei, sei.

e – E aquilo, eram os miguelistas e os outros eram aaa...

E – (Imperceptível)

e – Sim. E entrou-se numa fase louca. E do tempo do meu bisavô, do tempo do meu bisavô contava que, uma vez eles passavam, porque eles matavam quem não era, quem não era, ou eras a favor ou eras contra, os miguelistas. E então foram bater à porta, NÃO, passaram na rua e o meu bisavô quando sentiu que eles andavam a passar na rua, foi fechar a porta à chave, conforme ele fechou a porta à chave dispararam um tiro de pistola para a porta. Acho que eram uns tempos loucos assim. O meu pai contava muito as histórias desses tempos, eu não sei o quê, acho que me ficou no subconsciente e achava sempre e tinha medo de ser assaltado. Sonhava muitas vezes com assaltos e que arrombavam a porta e que entravam pela janela. Durante muitos anos isso me acompanhou, das histórias que o meu pai contava aquilo ficou-me um bocado na, na cabeça. Sonhava com os assaltos. Hoje já não, já não. Mas quando morava em S. Francisco naquela casa e como aquela casa tinha muito poucas resistências, até ultimamente a fechadura, quando eu morava lá, até aquilo bastava um encontrãozinho na porta, aquelas portas antigas, que a porta de abria. Então eu estava sempre, era os assaltos, eram os trovões e era o avião que me ia cair em cima. Eram esses medos, esses pânicos que eu tinha, sobretudo em sonho, não no... pode começar a trovejar e eu fico assim...sempre com muita... mas não tenho o medo que tinha antigamente. Antigamente Ai Mãe do Céu... Vinha-me aquelas coisas à cabeça. Agora isto ficou-me depois no subconsciente, às vezes tinha sonhos. Os outros medos que eu tive, os medos era sempre o medo de perder o meu pai, tinha sempre um, tinha pavor que lhe pudesse acontecer alguma coisa, como depois mais tarde era que acontecesse alguma coisa aos meus filhos, mas são os medos naturais da vida.

E – Pronto e depois falaste do teu tio Joaquim, que era teu padrinho?

e – Sim.

E – Quem era o tio Joaquim? Porque normalmente, a ideia que eu tenho é que os padrinhos aaa quando um pai escolhia um padrinho é porque é uma pessoa importante, uma pessoa que se os pais desaparecerem vai cuidar.

e – Sim, sim. O meu tio Joaquim, o meu tio Joaquim era uma pessoa muito estranha, era um bocado estranho. Era o irmão mais novo do meu pai, e o meu avô tinha bens, o meu pai era o teso, era o pobre da, tinha bens, tinha casas, tinha moinhos, tinha a tapada, tinha viveiros de ameijoa e depois dividiu... umas casas, pronto também tinha o Agostinho que era o do meio, e o meu tio Joaquim, como era o mais novo e era muito bom aluno, tinha muito jeito para desenho foi estudar para Lisboa para Belas Artes e o meu pai que era o mais velho e que sempre foi mais bonacheirão, ajudava o meu avô. Já era casado, vivia numa casa contígua ao meu avô e o meu pai nem sequer recebia um ordenado, o meu avô é que lhe dava o dinheiro e o meu avô até era parco em dar-lhe dinheiro, porque uma parte tirava... O meu, o tio Joaquim, o Agostinho, o do meio, já tinha saído de casa, o Joaquim tava em Lisboa a estudar e o meu pai que era casado e o meu irmão Zé já tinha nascido, como trabalhava para o meu, para o meu avô parte do dinheiro em vez de dar dos rendimentos, dava uma parte que era para pagar os estudos ao meu tio Joaquim que tava a fazer Belas Artes. E depois ficou e era o tio fino da família, depois casou com uma professora de matemática, de Lisboa e era a família, e era a família, a parte fina da família. Eu tinha uma grande adoração quando era moço, porque quando ele vinha cá levava-me sempre a almoçar ao restaurante, ia à Nortenha ou ia ao Joaquim das Iscas. Eu gostava que ele viesse cá, tinha um, quando eu via o carro dele, que era um Volkswagen verde à porta, ficava radiante porque sabia que naquele dia ia comer ao restaurante. E depois claro que esta admiração foi-se desvanecendo com o tempo, à medida que fui crescendo, depois ele fez algumas partidas, que era mesmo o mais fino da família e há umas partes assim de uma certa discriminação e pronto isso foi-se desvanecendo, mas quando era miúdo era o meu tio Joaquim que era... Professor de Belas Artes... era o craque da família.

E – Hum, hum.

e – Era isso que querias saber?

E – Eu agora queria saber outra coisa, porque falamos só disso no final, falaste na chocolateira do teu pai.

e – A Bicicleta?

E – Sim. Tiveste alguma tua? Tiveste alguma...

e – Não, era a chocolateira do meu pai, era um espetáculo! Que era uma bicicleta velha, que ainda deve tar em casa do meu pai, lá em cima, toda podre, que é uma bicicleta, que eu com aquela bicicleta fazia maravilhas. Eu com aquela bicicleta, eu andava sem mãos, eu andava com os pés no guiador, eu fazia as maravilhas todas e desde logo muito pequenino comecei logo a andar de bicicleta sem sequer chegar, eu sem chegar aos pedais. Eu ia para a cruz em frente à igreja de S. Francisco, onde tá a Escola Hoteleira, tá a igreja, tá a cruz, a cruz é mais alta, eu levava a bibicleta assim, ia assim descendo a rua depois lá é que eu punha junto à cruz para saltar para cima do guiador, do, do celim e depois pedalava à espera que os pedais dessem a volta. Comecei logo muito cedo e fiz, eu lembro-me de ter, depois o meu pai tinha um primo ali para a Conceição... O meu pai era muito boa pessoa, era muito boa pessoa até a minha mãe garreava com ele por causa, palerma, era um bocado como eu às vezes um bocado palerma com certas coisas. O meu pai trocava amêijoas por laranjas e por batatas. Como o meu pai tinha amêijoas e ele laranjas e batatas e o que é que o meu pai pedia? Para eu ir de bicicleta à Senhora da Saúde, tinha que atravessar a cidade toda de Faro, na estrada da Senhora da Saúde quase, sei lá, aquilo era muito longe, era naquelas estradas na Senhora da Saúde que eu já nem sei como é que aquilo... eu ia na bicicleta e nem carta tinha. Uma vez a polícia foi atrás de mim, era miúdo, tinha 11, 12 anos. E uma vez aconteceu-me uma cena, porque eu levava as amêijoas, aí tudo bem, mas depois meti na grelha cá atrás ou laranjas ou batatas e a bicicleta, um puto de 12 anos numa bicicleta aquilo era difícil manobrar e eu tentei... uma vez lembro-me que a saca da batata descaíu, caíu nos raios, os raios traçaram as batatas, havia batatas espelhadas pelo chão e eu até tava completamente desorientado, vim-me embora deixei as batatas, deixei tudo. Vim-me embora sem batatas, cheguei a casa e foi uma chatice “olha o primo não deu nada” “não deu? Mas costuma sempre dar alguma coisa” “Não deu nada pá, desta vez não deu nada”, tinha dado uma saca de batatas que eu deixei no meio, que aquilo caiu e ficou tudo traçado nos raios da bicicleta.

E – Era preciso carta?

e – Era, era preciso carta. Várias vezes fugi da polícia, várias vezes fugi da polícia, porque eles me viam, viam que era um gaiato. Naquele tempo era preciso carta de condução para andar de bicicleta, era preciso. Aquilo era uma bicicleta grande, duas vezes ou três fui eu perseguido. Tive uma cena com, com um polícia, ai eu era mais, ai são das partes que recordo que tinham piada mas que não tinham piada nenhuma, eu

andava numa explicação aqui ao pé do stop, de matemática, quando andava no 4º ano do liceu.

E – Aquelas que nunca ias?

e – Não, isso foi no 2º ano, isso foi no 2º ano, depois fiz 1º ciclo, que é 1º e 2º ano que nunca fui, depois no 3º ano chumbei e depois quando voltei a estudar no 4º ano o meu pai pôs-me na explicação de matemática, que era aqui ao pé do... do Algartalhos, ali na rua do Stop. Sabes onde é que era o Horta antigamente?

E – Sim, sim.

e – Ali na rua de S. Luís, nessa rua de cima, agora tão tudo prédios, e aí havia, eu ia para a explicação e aí havia o Charengas, que era o meu professor de Geografia, era um velho, que tinha uma bela de um, de um Albricoqueiro no quintal, e era meu professor de Geografia, mas eu tava-me lixando, ia roubar os albricoques quando ia para a explicação. E tava a roubar os albricoques quando vi um polícia que me viu e perseguiu-me. Então eu a fugir, ele a fugir atrás de mim, ele de bicicleta a fugir atrás de mim, eu consegui meter ali no meio daqueles prédios, atravessei a estrada de Olhão, depois quando cheguei à mata do liceu é que o despistei por completo, entrei por uma parte do liceu, saí pela outra e fui descansar para os blocos, para o apeadeiro do Bom João. Esse polícia nunca mais se esqueceu de mim. Um dia eu estava em frente à Tomás Cabreira armado em bonzão a ver as gaiatas, a ver a saída da escola que a gente gostava de ir para a escola ver a saída das moças, o polícia vinha da, viu-me “Ah maladro estás aqui!”, eu começo a fugir... caí uma latada mesmo em frente no, na igreja do Pé da Cruz tem aquela... na igreja do Pé da Cruz, tás a ver onde é a igreja do Pé da Cruz?

E – Sim, sim.

e – Tem uma cruz... e aquilo tinha, a rua era desnivelada, caí uma latada aí rebolei, rebolei, quando o gajo tava quase em cima de mim, pois eu tinha 14 anos, consegui fugir... pois quando é que eu venho encontrar esse homem? Esse polícia, foi a última vez que ele correu atrás de mim, que me viu assim, eu sou, eu jogo no fareense e tou equipado e ele é o polícia que tá de serviço à, tá de serviço ao jogo e viu-me equipado, eu já jogava no fareense, o homem olhou para mim, deu um sorriso. A partir daí quando me vê comprimenta-me sempre muito bem. Ainda hoje, está reformado, é assim um senhor idoso, “boa tarde”, ele não tinha jeito de ar bondoso e eu dei-lhe sempre um

sorriso, “boa tarde como está?”. Desde aí sempre me falou, desde que me viu a jogar no farese nunca mais me... cumprimentava-me (Risos). Foi engraçado, mas deu-me uma corrida em osso, por causa da... Outra coisa que eu fiz, que não me orgulho, mas que foi um completo disparate, mas eu tinha estas coisas pá, eu não sei porque é que eu tinha estas coisas, era tão mau... era tão mau... eu andava nessa explicação e andava comigo um moço, um colega que era para aqui de Paderne ou... era para aqui de um sitio qualquer e fizeram escavações e encontraram moedas, houve escavações e encontraram moedas e o gajo aparece com moedas que era do tamanho, naquele tempo, do tamanho de 10 tostões, acho que eram 10 tostões. E frente a essa igreja, frente a essa igreja havia aí uma mercearia que vendia sandes de atum e que tinha à porta uma daquelas máquinas que se punham uma moeda e que se tiram aaa chicletes, bolinhas de chicletes. Oh o gajo tinha moedas, a gente encheu as algibeiras de chicletes. Antes de irmos para a explicação passámos pela Alameda e o que é que tava na Alameda? Esta... estavam uns esquilos e eu tava farto de comer chicletes lembrei-me de dar chicletes, já tinha uns 13 anos já devia ter juízo, lembro-me de dar chicletes, a imagem que eu tenho é dos esquilo agarrar nas patinhas assim, começar a comer as chicletes. De repente comecei a perceber que... começou com dificuldade a abrir a boca, aquilo deve ter colado. Então fugimos, eu, ele fugiu, fugi eu atrás. No outro dia fui passar pela Alameda já não estavam lá os esquilos, devem ter morrido... Esta é a única que ficou marcada. Nunca mais me esqueci desta história, quando vejo esquilos lembro-me dos esquilos que matei. Foi a única vez que tiveram esquilos na Alameda, tinha de me lembrar de dar a merda das bolas... (Risos) das chicletes. Passagens da vida, disparates da vida. Também nessa idade foi a fase do disparate, também senti necessidade de roubar. (Pausa 2s) Senti necessidade de roubar. Nunca tinha tido este sentimento então queria saber a sensação que era roubar, então fui a uma mercearia ali ao pé de mim e roubei uma, uma lata de conservas e depois fugi que nem um perdido. Já não me lembro bem porquê, senti aquela necessidade de roubar, saber qual era a sensação de que era roubar. Não sei porque é que fiz aquilo, nunca mais fiz isso, nem sou capaz de tirar nada mas tive, entrei e roubei só para sentir a sensação. Eu acho que nem comi a lata, nem sei o que fiz à lata de conserva, mas roubei, lembro-me disto perfeitamente. Senti necessidade de roubar para saber qual era a sensação que dava. Como também fumar, também passei pela fase do fumar, tinha um amigo, que morava lá na rua, o Capela que tinha uma loja, a loja do Capela, onde hoje está a farmácia Caminé, na rua de Santo António, maços de tabaco! Era só Marlboro, porque era uma boa casa, era Capela que era da família da Artis,

também já desapareceu da rua de Santo António, bombinhas do S. João, todo esse tipo de coisas. Íamos fumar Marlboro pó, para as salinas. Uma vez eu tava a fumar em frente ao quartel e o meu irmão tava, em frente à escola para impressionar as garotas e o meu irmão estava na tropa, também ia ver as garotas mas ele tinha outra idade, viu-me... só, eu quando o vi... “a gente logo conversa”, quando chegar do quartel, “às cinco a gente logo conversa”, eu cheguei a casa e então preparei logo o meu pai, “pai doía-me os dentes, fumei um cigarro, o Agostinho viu ele agora vai-me bater” “Não bate nada” “pois doía-me o dente... não sei o quê, diz que faz bem” e passou! E não me bateu, só que o Agostinho tinha ido a um casamento ou a uma coisa qualquer, tinha uns charutos e eu, a minha tentativa de, foi aí que eu deixei de fumar, tinha uns charutos e eu, o meu pai tinha uma coelheira na varanda, porque o meu pai gostava muito quando vinha do mar, ia apanhar, ia para os coelhos e... Isto interessa-te?

E – Pode ser que sim.

e – O meu pai ia apanhar para os coelhos, era o entretenimento dele, e dava aos coelhos, sempre tive muitos coelhos em casa, então eu meti-me dentro da coelheira e fumei um charuto daqueles e lembro-me que o meu pai é que me foi buscar que eu me deixei dormir. Devo ter apanhado uma bebudeira... porque eu fiquei a dormir dentro da coelheira (Risos), o meu pai é que me foi buscar. Acho que foi a última vez, depois nunca mais fumei, não achava piada aquilo, nunca mais fumei.

E – E o teu irmão porque é que ele foi para os Estados Unidos?

e – Foi então... naquela década, naquela década, sabes que na década de 60 houve muita gente que emigrou de toda a parte, de toda a parte! O nordeste ficou, ficou desertificado por causa da emigração, e os jovens emigravam muito, emigravam aqui não havia... ele até tinha um emprego. Ele até tinha um emprego mas depois começou a namorar uma, aaa depois começou a, já tinha metido os papéis, porque eu tinha família nos Estados Unidos e ele achava que, ele até tinha um emprego mas achava que devia de arriscar. E por acaso ele, quando depois ele já tinha tudo preparado começou a namorar, a atual mulher, que era professora que foi-se hospedar em frente à minha casa, exactamente no mesmo sítio onde eu conheci também a Isabel e, e depois foi para os Estados Unidos e um ano depois veio para casar com ela e depois ela foi com ele. Portanto foi para os Estados Unidos, tinha lá família, naquela altura achava que ia ter uma melhor vida, porque o meu irmão tinha, o meu tinha sido um cabo, nunca tinha estudado, era muito

mais pirata do que eu e só fez o, fez o primeiro ciclo exame externo, até o ajudei. Fez o primeiro ciclo, ele não tinha mais do que isso, não tinha mais do que isso. Tinha andado na escola, nunca tinha feito nada, depois fez externo o primeiro ciclo, naquele tempo o segundo ano do liceu. Estamos a falar em 60, mil novecentos e sessenta e picos.

E – Hum. E o onde é que o teu pai vendia aquilo que apanhava? Onde é que vocês vendiam? Iam mariscar e depois onde é que...

e – Não, mariscavam, não, havia em Faro, isso já, agora já estás a entrar na história da cidade, havia, agora já só há um ali ao pé do centro de ciência viva e também há ao pé da minha casa, um gajo que compra marisco, mas havia muitos viveiros de amêijoa e havia MUITOs armazéns. Havia o Custódio, que era da família do, havia os (Imperceptível) Custódio, era dono dessa fábrica desses irmãos, havia o Custódio, havia o Cabeleira, havia o Atóino, havia pelos menos uns quatro ou cinco armazéns que estavam de portas abertas, armazéns, que eles compravam amêijoa, depois esses armazenistas compravam as amêijoas de quem apanhava 1 kilo ou 10 kilos e depois mandavam para Lisboa, mandavam para todo o sítio. Muita amêijoa ia para Lisboa.

E – E era aí que vendias quando, naquelas alturas em que disseste que apanhavas...

e – Não, não, não. Não, não, não... O meu pai vendia ao Cabeleira aaa e vendia ao Custódios, que eram uns armazéns grandes. Vou-te dizer onde é que eram, eram exactamente ali ao pé daquele restaurante fino... aaa, aaa, como é que se chama aquilo? A Universidade, não é a Universidade... Tás a ver o MacDonalds?

E – Sim.

e – Continuando nessa rua do MacDonalds...

E – Para a Eva.

e – Quem vai para a Eva nessa ruinha, né?

E – Sim.

e – Como é que se chama aquele restaurante fino, que é muita caro? Aaa é o nome de uma Universidade, não é a Universidade é a... (Pausa 2s) Mas tá o MacDonalds.

E – Sim.

e – Depois tem uma travessa à direita, continuas.

E – Ah tem uma, uma fininha?

e – Sim, não viras, não viras, é como se fosses para a rua do, do...

E – Dos bares?

e – Não. Tu tás no MacDonalds na parte de trás.

E – Ah! Ok, tava à frente.

e – Estás na parte de trás. Indo para o hotel Eva não contornes, fazes assim era nessa parede, umas casas antigas, eram os armazéns, em que havia aí três armazéns de compras de amêijoa aí. E havia o Atóino que é, aquilo acho que é filhos, que é (Imperceptível) do centro de ciência viva que compra assim aaa, que comprava só a pessoas individuais e o meu pai não vendia porque ele era muito mau de pagar. E então eu ia e pedia logo o dinheirinho, como era só um kilo, dois kilos. Era a esse homem que eu vendia. Não, porque se não eles sabiam, conheciam e iam dizer logo ao meu pai. Alguma vez? Havia muitos, havia, era um negócio muito flurescente.

E – Fazias isso sozinho? Quando ias vender...

e – Fazia, fazia.

E – Nunca foste apanhado?

e – Não, nunca fui apanhado. Nunca fui apanhado, nem eles ligavam, nem o Antóino ligava, sabia quem era o meu pai, mas o meu pai não lhe vendia a ele. O meu pai não lhe vendia a ele, nem o meu pai aaa, porque ele era um homem assim de um bocado de dívidas e o meu pai era um tipo todo coiso, passava assim, quando as pessoas eram assim o meu pai não passava cartão.

E – E agora... aaa houve uma certa altura em que começaste a gostar de ir ao mar e partindo dessa lтура se pudesses escolher, estando naquela época... bola ou mar?

e – (Pausa 2s) Bola. Bola que era com os amigos, quer dizer, eu comecei, eu gostava de estar no mar. O que me custava era sair de casa, saber que podia estar a jogar à bola, ter que ir com o meu pai. A imposição, obrigado. Mas depois naquele terceiro ano em que não andava a estudar e que ia para o mar, foi naquele ano em que eu desisti eu adora o

mar. O que eu não gostava era ter que estudar e ter que ir ao mar. E era nas férias de, quer dizer, estava desejando que acabassem as aulas e depois fim de semana não tinha fim de semana para mim, tinha que ir ao mar ou tinha que ir para a tapada com o meu pai e não jogava à bola. Por isso é que eu não sou assim muito sociável, também não me deixavam, eu não ia brincar com a malta, eu andava sempre de roda deles ou de roda do mar. Ou ia para o liceu ou ia para, para o mar. Não tinha tempo para as minhas coisas. Por isso é que quando cresci o meu pai compreendeu, a partir dos 14 anos/15 anos fui jogar para o farensê, ele ficou todo satisfeito. Então aí já era diferente, aos fins de semana jogava e aí já era diferente. Depois aí era eu que o ajudava, gostava de ir com ele, eu fui camarada do meu pai até ele morrer. Eu é que, o meu pai apanhava a tapada, pescava a tapada uma vez por anos, que eram as Douradas, as (Imperceptível), que vendia a um indivíduo de Albufeira que mandava para Itália. O peixe do meu pai era muito bom, era muito conceituado. Quem ia à lota era eu, aí a partir do 18 anitos não era o meu pai que vendia o peixe. Aquilo era assim, o meu pai trazia os barcos com o peixe, porque um viveiro de piscicultura aquilo apanhava toneladas de peixe, porque era uma vez durante o ano, apanhava o peixe todo. Então vinham os barcos carregados de peixe, que o meu pai pagava a um ou dois homens para o ajudar, punha ali na doca e depois os homens levavam em canastras para, para a lota e na lota era vendido pelo sistema antigo... 49 nhanhanha... Já ouviste alguma vez o chui? Nunca ouviste? Aquilo era assim, eles faziam pajalas, que eram assim, chamavam-se pajalas é uma quatro peixe podia ter 4 ou 5 kilos e o homem da lota (Ainda me lembro desse homem) achava que aquilo podia valer 500 escudos. Começava a licitação, devia valer mais aaa entre 500 e 700, não interessa, e começava a licitação por 700. E começava... 700! 99, 98, nanana, 20, vinha em ordem decrescente, tinha um grande treino e quando uma pessoa dizia chui ficava naquele. E então eu tomava logo nota, “tal tal vendeu aquelas douradas por tanto” e apontava, que era para depois quando fosse fazer contas saber quando é que tinha a receber. E havia outro peixe que o meu pai vendia para uns armazéns em Armação. Vinha um homem numa carrinha buscar o peixe. Eu é que ia com o homem, o meu pai não fazia nada disso, eu é que ia com o homem, fazia contas e recebia o dinheiro, a partir dos meus 17, 18 anos. Depois a partir de uma determinada fase já devia ter aí os meus 30 anos, influenciei o meu pai a vender a tapada, porque ele já estava, achava que ele já estava a ficar velho e cansado e não aguentava com aquilo e influenciei a vender a tapada em que os juros estavam altos também no banco. Os juros estavam altos no banco e ele pos o dinheiro no banco, tanto que quando ele morreu, quando morreu ainda

deixou cá, não precisava de deixar, deixou cá alguns 5 mil contos, que era muito dinheiro para ele, o que ele tinha trabalhado.

E – Agora vou andar para a frente mas só para apanhar a conversa, lembraste quando é que foi a última vez que foste ao mar?

e – ...Fui com o meu pai.

E – Lembraste...?

e – Lembro! Lembro-me. Aaa fomos, quis ir com ele porque era na altura, na altura da criação aaa, era na altura da criação e então fomo apanhar uns linguadinhos. Lembro-me que fomos para um lavage apanhar uns linguadinhos e depois fomos para o viveiro. As últimas vezes estão associadas ao viveiro, porque ele já tinha vendido a tapada, lembro-me, agora tou-me a lembrar do lavage, estávamos lá na praia, fomos apanhar uns linguadinhos, estava-me a lembrar disso... Mas as últimas vezes ia com o meu pai, ajudar o meu pai no viveiro, a limpar o viveiro, a apanhar as ameijoas porque ele continuou sempre a ir ao viveiro até com, até cair doente. Portanto... não te posso precisar mas foi no viveiro, as últimas vezes que fui ajudá-lo foi no viveiro. Tanto que eu comprei um motor, um motor Selva, mas ele preferia andar a remo. Comprei um motor Selva para ele não ter que remar e para poder ir ao mar, esse motor Selva ficou na casa velha que eu tenho lá... já não presta para nada.

E – Mas ainda existe essa casa, a casa de...

e – Era a casa onde morávamos, aquilo está praticamente para cair e eu nunca mais lá fui. Está fechada e continua mobilida, continua o motor, continuam artes de pesca mas aquilo deve estar num estado... (Interrupção) A casa não garantia e realmente aquilo podia cair tudo em cima, então a porta está fechada, não sei como é que... como aquilo é de mim e do meu irmão que está nos Estados Unidos, dos filhos do meu irmão. Aquilo está ali fechado mas está inabitável. Aquilo é para deitar abaixo e construir... em S. Francisco, na rua Lázaro Cortes. Mas a última vez que fui com o meu pai ao mar foi exactamente, as últimas vezes foram associadas ao viveiro. Depois ele adoeceu... depois nunca mais fui ao mar, nem com ele nem com ninguém.

E – E os teus pais como é que eram como casal?

e – (Suspiro) (Pausa 6s) Opá isso é um bocado...

E – Achas que eles eram felizes? Davam-se bem?

e – Aaa não, não, não... Davam-se bem, davam-se... não se davam bem. Não viveram uma vida muito feliz, porque o meu pai era um homem com muito nível, mas era um home humilde mas era um homem com estudos, era um homem que gostava muito de ler, era um homem que acompanhava bem uma conversa, era um homem muito educado, mas também muito nervoso... e um grande amigo! A minha mãe tinha um papel muito passivo. Era a, tava em casa, era a, fazia a comida, lavava a roupa... tanto que eu não tinha grande respeito pela minha mãe, nem nada. Era amigo dela mas... sim aaaa preocupei-me com ela na velhice dela, mas não era assim um grande carinho, não era assim. Como é que eles eram? Opá pois a vida do mar, aaa... A minha mãe às vezes provoca-o mas por interesses da casa e ele reagia às vezes mal, mas o que é que eles tinham? A minha mãe estava praticamente sempre em casa, gostava muito de ir à missa, não se dava com ninguém, não se dava assim com outras vizinhas, não se metia na casa de ninguém, o meu pai não gostava que se metesse na casa de ninguém. E o meu pai vinha do mar, lia... epá era uma parceira, mas não era propriamente uma parceira, não havia muita comunicação, não havia muito diálogo. Não eram pessoas de sair e passear, era uma vida muita à antiga, muito... não acho que não era, o meu pai não era muito feliz, o meu pai não era... Quer dizer era feliz à maneira dele. Um homem muito tranquilo, mas aquilo que se possa considerar de um casal, de saírem juntos, de ir aqui, de ir ali não, não. Eu lembro-me de sair com eles quando eramos miúdos, era um frete, íamos ao jardim, eu vinha sempre cheio de sono, tinha que os acompanhar, achava aquilo uma chatice. E ela gostava muito de o acompanhar, ela gostava muito de ir com ele.

E – Ah ela também ia ao mar?

e – Ia, gostava muito. Gostava de ir. A minha mãe era da Fuseta, também era filha de...

E – De pescadores.

e – De pescadores. E era uma alegria para a minha mãe poder pegar na faca e amariscar e apanhar amêijoas e gostav muito. Também gostava muito de ir, porque praticamente não tinha vida social. Ficava em casa, muito em casa, passava muito tempo a fazer rendas e bordados, aaa e a jogar, naquele tempo, no totobola, e o dinheiro, (Imperceptível) de vida, jogava muito no totobola, essas coisas. Mas não era assim, era

uma vida muit à antiga, essas coisas. Viviam juntos mas era assim.. Não era infelizes, gostariam um do outro, pois viveram tantos anos juntos mas não era assim, um casal assim...

E – Não tinham discussões?

e – Não. Não, não, não. Raramente discutiam, raramente discutiam. Quando discutiam é porque a minha mãe envenenava, mas até tinha razão, porque o meu pai por não, por o meu pai não se preocupar com certas coisas. Certas coisas que ele não... não dava muita importância ao dinheiro e a minha mãe era mais interesseira, e as discussões eram mais a partir daí. O meu pai era um homem que não ligava nenhuma ao dinheiro.

E – Quem é que geria as contas?

e – Aquilo, o dinheiro estava na carteira e a minha mãe ia buscar quando quisesse. Ela ia buscar e ela mexia, ela é que mexia as contas. O meu pai tinha o dinheiro na carteira, quando vinha, quando vinha, quando a minha mãe precisava ia buscar à carteira. Sim, não... Era ela que fazia as compras, mas também não fazia gastos nenhuns, não era pessoa vaidosa, não era pessoa de comprar roupas, era a praça, era a vida da praça e as outras despesas pagava o meu pai. A minha mãe era mais a vida da casa e das compras, mas por exemplo a mercearia era o meu pai que comprava e era eu que ia comprar ao sr. Guerreiro, que agora onde é, é ali ao pé do bar do Gião, ali na rua do Chiado. (Risos) Havia aí uma mercearia, aí é que ia comprar. Eu com 100 escudos vinha carregado, vinha carregado de azeite, farinha, açúcar, tudo. Quem fazia isso era eu. Eu ajudava muito em casa, eu ajudava muito. Pediam-me era, eu é que fazia as compras, tratava dessas coisas, enquanto eu era puto, quem é que havia de fazer? O meu pai não fazia nada disso. Se fosse preciso, quando eu cresci, ir à Câmara, fazer pagamentos, isto ou aquilo, era tudo eu, o meu pai não fazia nada disso.

E – Hum. E com que idade é que o teu pai te começou a ensinar inglês, francês...?

e – Então foi quando eu andava no liceu, foi quando eu fui para o liceu com 10 anos. O meu pai é que me ensinava inglês.

E – Como é que ele te ensinava?

e – Como é que me ensinava? Com o livro, tínhamos o livro de estudos e ele lia, dizia para eu ler e depois traduzia e depois dizia “Vá faz lá, tu sabes”, quando eu respondia às

questões, aos questionários, àquilo, “Vá faz lá tu sabes!”. Era assim que ele me ensinava, com a ajuda dos livros. Tinha os manuais, os livros de exercícios e ele corrigia e dizia para eu ler e “Vá faz lá” e eu fazia... “Não, não tá certo”. Sabia inglês e francês! Era assim, era pelos manuais.

E – Tu quando ias ao mar chegaste a conhecer amigos dele, do mar?

e – (Pausa 2s) O meu pai era um homem um bocado diferente... não se enquadrava nos parâmetros.

E – Era isso que eu te queria perguntar...

e – Era um homem diferente... Tinham muito respeito pelo meu pai, porque vinha do moinho, chamavam-lhe o Zé do Moinho, mas o meu pai era sempre um homem muito direito, sempre muito... quando vinha do mar, punha o seu casaquinho, sempre muito bem vestido. Era um homem que não ia a tabernas, era um homem que não se juntava, não fumava, não bebia... o meu pai não fumava, não bebia. Portanto gostava de dar os seus passeios, às vezes podia ficar nos armazéns a falar com um ou com outro um bocado, mas era um homem que se dava muito ao respeito e não alinhava, não se juntava com os outros. Passava muito tempo em casa e provavelmente, conheci pessoas que falavam e não sei o quê, “Bom dia, boa tarde, Sr. Zé como vai? Não sei o quê...”, mas não tinha amigos para ir para a paródia, para aqui e para ali. Nunca conheci uma paródia do meu pai.

E – Era isso que te ia perguntar, porque o teu pai se calhar era um bocadinho diferente não é? Se calhar era mais culto, tinha outra... outro background...

e – Outra maneira de estar.

E – E como é que tu vias, ou como é que tu vês agora um pescador que, que se calhar na altura, no tempo dele era um pouco mais à frente? Ou era mais culto? Porque se calhar não era normal os pescadores terem...

e – Não porque ele não era propriamente um pescador. Eu até tinha dificuldade em dizer, “qual é a profissão do seu pai?”, tinha dificuldade em dizer, porque ele era...

E – Mariscador?

e – Pois, porque ele tinha viveiros, ele era, para já era proprietário , tinha viveiros de amêijoas e viveiros de, naquela altura lembro-me no liceu, de piscicultura, e eu dizer proprietário... (Imperceptível) empresário, mas também ele tinha, trabalhava para ele. Trabalhava por conta própria, mas o meu pai era um homem mais culto porque lia muito, gostava muito de ler, gostava muito de dar passeios. Portanto era um homem, não se enquadrava naquele tipo de homem do mar, de se juntar, de virem do mar, de se juntar e irem para a taberna e de beberem uns copos e coisa... não, o meu pai enquadrava-se, era um, foi um homem que viveu muito a vida dele, uma vida... algo diferente. Era ele, vinha para casa, dormia... aaa lia, apanhava comida para os coelhos, dava os seus passeios... falava mais com o Agostinho, do que comigo, só depois quando eu cresci mais é que ele falava comigo porque eu nas conversas à mesa, quando era puto não tinha direito a prenciar-me, tinha que ouvir que ouvir e calar. Ele é que conversava com o Agostinho, à mesa também não gostava muito de conversas. Queria que toda a gente tivesse à mesa à hora da refeição, não dava hipóteses. Era muita, muita, era um homem muito disciplinado e muito aaa... gostava das coisas muito direitas. Nem, eu lembro-me uma vez eu estava a jogar à bola e o meu pai passou e vejo-o (assobio) assobieei, para chamar a atenção, ele olhou para mim e... “os cães é que se assobia... os cães é que se assobia... os cães é que se assobia...” Era um homem assim muito... gostava, dava-se muito ao respeito, mas eu gostava muito dele, adorava o eu pai. E sentia, senti-me, talvez dos momentos mais... senti-me muito feliz quando eu depois fui jogar à bola para o fareense e era capitão de equipa, o meu pai ia ver os meus jogos e eu sabia que ele sentia orgulho em mim, que tinha orgulho no filho. Então aquilo dava-me um sentido de alma, uma alegria... quando ele sentia feliz, ver que ele se sentia feliz, tanto que eu sempre tive próximo do meu pai. Eu ia a casa, eu casei, ia a casa, levava a Isabel lá a casa, ele gostava muito da, da Isabel. O meu pai era muito amigo, era um homem muito amigo. Eu fazia tudo o que pudesse para o agradar, tudo o que pudesse para o agradar. Eu uma vez tive um ataque de fúria em casa, parti uma secretária que ele tinha, parti o vidro do meu quarto, ele tinha-me feito uma secretária, ele é que me tinha feito uma secretária porque... ao almoço a minha mãe, eu gostava muito de iscas e a minha mãe fez iscas... Gosto, ainda hoje gosto. Eu gostava muito de iscas e a minha mãe fez iscas e às vezes eu esperava por o meu pai, e outras vezes como não sabia a que horas é que ele vinha eu almoçava. E eu tava-me a saber bem as iscas e a minha mãe disse “como tudo” e eu não deixei, fui levado pela gula, porque eu tinha sempre a minha parte, comia primeiro e deixava sempre a parte do meu pai. Fui levado pela gula, comi

as iscas todas. Quando ele chegou não tinha, não me lembro o que ele me disse mas, aquilo... não me lembro as palavras que ele me disse, lembro-me que me magoou tanto que eu fartei-me de chorar, fui para o quarto e com um ataque de raiva, de irritação dei um murro no, na janela e dei um pontapé na secretária, que tinha assim uma parte onde punha a pasta, que parti e pensei “agora ainda vou levar mais”, mas o meu pai nem me tocou. Viu aquilo... viu que eu tava completamente, fiquei enraivecido comigo próprio, por ter sido tão, por ter sido levado pela gula. Nunca mais, nunca mais me esqueci disso. Eu tinha um grande respeito pelo meu pai, eu tudo o que eu pudesse fazer pelo meu pai eu fazia, tanto que eu é que andei com ele, até ao fim da vida dele, sempre... eu adorava o meu pai e acho que fui um bom filho para ele... fui um bom filho... fiz o que pude por ele.

E – Que valores é que achas que ele te transmitiu?

e – Era um homem aaa, olha estas questões da seriedade, da honestidade, de aaa, era um incapaz de tirar quer o que fosse a alguém. Respeitar... eu ainda aaa (sopro), sempre tive aquela coisa dos meus professores, sempre com respeito. Não sou nada, eu era muito pirata a fazer disparates, mas nunca faltei ao respeito a ninguém, nem de roubar.... EU? Tiravam-me os pipos do carro, a Isabel é que tirava, tiravam-me os pipos do carro, era incapaz de tirar uns pipos de um carro, “então tu não tens tirado?” “Não Isabel!”. Então roubaram-me o barco e apareceu-me um barco parecido com o meu ali na, roubaram-me o barco no ano em que o meu pai morreu. Eu tinha um **Okel** 4 metros e 70. No ano em que o meu morreu, aquilo deviam pensar que o meu pai estava doente e levaram o barco e eu andei desorientado à procura do barco. Corri o Algarve, corri tudo, o que eu corri à procura do barco. Era de fibra, tinha comprado, tinha 4 metros e 70. O motor ficou em casa, depois acabei por vender o motor... E apareceu ali junto à capitania e telefonaram-me a dizer que estava ali o barco com as características e era exactamente igual.

E – Mas não era o barco...

e – Mas não era, eu conheci. “Não quero este porque este é o meu barco”, “Oh Joca mas da capitania disseram para levares, o barco apareceu aí”, e teve um porção de tempo, teve bem um ano, lá encostado e depois acabou por desaparecer. “Oh Joca então não vês?” até não tinha chapinha, bastava por a chapinha, era um **Okel**, 4 metros e 70, era exactamente igual, mas não era o meu barco! O meu barco eu conhecia, porque tinha tido um, tinha tido uma racha, tinha arranjado, eu conhecia, “não é o meu, eu só quero o

meu. Não é meu, não levo”. Sempre fui incapaz e o meu pai era assim, um homem respeitado, respeitador, honesto. Foram esses valores de honestidade, do respeito, da amizade. Não era preciso grandes... eu sou mais afectivo do que ele, ele não dava grande, depois de velho já era mais afectivo, mas não dava, mas era a maneira como ele olhava, a maneira como ele se dirigia. Epa não sei, não sei, os valores da, não sei, não sei o que é que o meu pai me passou, mas o que ele me passou... Não sei se ele me passou, mas o meu pai era homem muito amigo do, era muito meu amigo, era muito meu amigo e eu adorava o meu pai, era a melhor coisa que tinha no mundo era o meu pai. Foi um dos maiores desgostos da minha vida foi a morte dele... tem que ser, tem que se aguentar.

E – E os teus irmãos também tinham essa relação com o teu pai?

e – O Agostinho sim, o Zé não. O Agostinho sim.

E – Também ia ao mar com ele...?

e – O Agostinho foi logo cedo para os Estados Unidos, foi logo, foi logo pois eu tinha 14 anos, sim quando aaa, também era capaz de ajudar o meu pai e quando vinha cá sim gostava de... O meu irmão, aliás o meu pai tinha mais aaa, preferência por ele, o do meio que está nos Estados Unidos era o preferido do meu pai, mais do que eu. Porquê? Porque o Agostinho tinha muito jeito para o mar. O Agostinho era uma máquina! É por isso que eu não tenho jeito nenhum, porque eu quando ele quando ia com ele ao mar, eu é que segurava sempre no cesto. Eu nunca tinha possibilidade, pois eu era mais novo, tinha menos dez anos. O meu irmão ia para o viveiro... amêijoas? A olho? (Risos) Ia junto ao viveiro e dizia assim “Queres hoje almoçar iroses? Então vou ali”, uma coisa que nem o meu pai conseguia, o meu pai apanhava mas ele descobria as tocas das iroses, que aquilo é difícil de apanhar e ele lá andava, iroses, linguados, o gajo tinha uma habilidade. Esse está nos Estados Unidos, ele cá tinha-se orientado. E o meu pai tinha uma grande admiração por ele porque o gajo era muito mais habilidoso que o meu pai, o gajo tinha uma habilidade para o mar que era uma coisa... Ele tá bem, tem mais dez anos do que eu, está nos Estados Unidos, já está reformado, tinha um negócio de, de peixe e de marisco. Mas aqui? O gajo era uma habilidade e o meu pai sentia... achava piada, porque mesmo quando o Agostinho vinha cá de férias, o gajo ia ao viveiro e a gente tinha sempre, tinha sempre comida. Apanhar linguados com os pés? (Risos) Apanhava linguados com os pés, tudo à calcada, sentia “aqui tá um”, Oh! Com os pés,

sentia os linguados com os pés. Também eram outros tempos que havia mais peixe, mas eu também era capaz de apanhar um linguado com os pés, se o sentisse! Se ficasse bem preso também o apanhava, mas o meu irmão tinha uma habilidade... E o meu pai sentia, sentia mais, sentia-se mais...

E – Afinidade.

e – Exactamente, afinidade é o termo, porque ele era muito, muito habilidoso para o mar. Mas o meu irmão tinha uma grande relação, o outro não, tinha uma relação mais distante e diferente.

E – Também disseste que davas passeios com o teu, que falavam de muita coisa... Lembraste de algum episódio assim concreto? De alguma situação?

e – Nã, não. Não, dávamos muitos passeios, dávamos muitos passeios, lembro-me sobretudo no dia da espiga, era um dia que a gente não perdoava. Olha agora onde eu moro, passavamos ali onde era a estradinha funda, vinhamos e eu gostava muito, aí 15, 16 anos, vinha dar passeios com o meu pai, iam conversando. Sim, lembro-me, lembro-me disso mas agora episódios assim, não me lembro assim de um episódio especial. Lembro-me que gostava muito de passear com ele no dia da espiga davamos sempre um passeio pelo campo e iam... davamos um passeio pelo campo. Aaa depois passeios quando eu já era professor, o ano em que eu tava como coordenador de educação física em Tavira, vinha buscá-lo e quando eu ia às escolas levava-o comigo e ele gostava muito de, de passear, porque ele nunca tinha ido para Tavira e para a Serra e assim. Levava-o comigo já mais, já mais velho. Mas sempre gostei de andar com o meu pai, sempre gostei de andar com o meu pai, porque ele era um óptimo companheiro... lembro-me.

E – Agora falando da escola... no sexto ano disseste que fazias parte da comissão desportiva, como é que entraste? O que é que fazias lá?

e – Porquê, oh Aurora porque eu era o vedeta pá. Ainda hoje muitos se lembram de mim do tempo que eu era vedeta.

E – Convidaram-te?

e – Era, não, era automático porque eu era a, a... perdendo a humildade, mas sendo como as coisas eram, tamos com atenção que tamos na década de 70, eu jogava à bola

no fareense. Hoje o fareense não tem importância, as pessoas não dão importância, mas naquela altura davam muita importância. O fareense estava na primeira divisão, eu era capitão de júniores da equipa de júniores e o fareense estava na primeira divisão e eles pediam-me sempre para ir treinar com a equipa séniores. Eu fazia o treino conjunto, não treinava com os meus, treinava com os séniores, chamavam-me o alemão e portanto eu era muito considerado, as pessoas tinham uma grande admiração. Jogador da bola, davam muita importância a isso. E no liceu como eu era capitão de equipa do fareense, jogava no fareense, o Joca é o “ai Jesus!”. Depois eu jogava na equipa de andebol do liceu, sempre joguei, na equipa de andebol e na equipa de basquet, fazia parte das equipas. Ora, tinha sempre jogado nas equipas do liceu, estive sempre próximo do desporto, quando se criou a comissão desportiva vieram logo chamar-me a mim. A mim, ao Carlos João, ao Ricardo, que andávamos sempre juntos. Era a gente que era a comissão que organizava aquilo tudo. A gente organizava, a gente apitava, depois o Fortes também levou-me para o Inatel e eu com 18 anos, era também aí que ganhava o meu dinheirinho, já fazia as arbitragens do Inatel, portanto ganhava o meu dinheiro, 17 anos. Eu era, era conhecido, era muito conhecido pá, era daqueles... era, era um cromozinho. Era dos cromozinhos do liceu naquela altura, porque era o gajo que praticava desporto, que jogava tudo e que...

E – Agora pegando no Inatel, aaa foi o Fortes que te convidou, que também tinha convidado para a Tomás Cabreira, não?

e – Não, não, não, não, não. Eu dou um ano no liceu, dou um ano no liceu que o Fortes me convidou e tava ligado ao Inatel e depois, e depois é o professor Laranjo, que era da Tomás Cabreira que me convida, que me diz que há um lugar... que era, que era RIVAL, na escola havia sempre rivalidades, mas eu conhecia o Laranjo ou ele conheceu-me a mim e depois soube que eu tinha tado a dar aulas no liceu, convidou-me porque havia um lugar na escola. E depois eu fui para a Tomás Cabreira, trabalhei dois anos na escola, mas continuei ligado ao Inatel e essas coisas, nunca deixei. Como apareceu aquele lugar na Tomás Cabreira eu fui para a Tomás Cabreira, dei um ano no liceu e dois na Tomás, dois anos na Tomás Cabreira. E depois no segundo ano, no terceiro de educação física, segundo na Tomás Cabreira fui eu que não quis continuar porque tava no magistério, passei para o segundo ano e queria-me dedicar ao magistério. Gostava muito do magistério e achava que já não se conseguia conciliar o magistério com, com as aulas.

E – E no Inatel o que é que fazias lá? Quais eram as tuas funções?

e – Era animador desportivo.

E – E o que é que achas que aprendeste no Inatel?

e – Imensas coisas! Foi a primeira, foi talvez das primeiras escolas. Porque eu tava no Inatel, vamos lá, porque eu tava no Inatel tava na DGD, eu ia a todas! Porque na DGD era o coordenador de Volei e tava no Inatel como animador desportivo. Mas no Inatel o que aprendia mais é porque a minha relação era com adultos, com as pessoas das empresas. Eu organizava campeonatos de andebol, de basquet, de volei e depois aprendi, olha a democracia que... aaa essa, esse sentido de democracia que ainda não tinha acontecido o 25 de Abril, que era, aprendi com o Fortes a constituir as equipas, a, as comissões desportivas. E então juntava os representantes, por exemplo, da equipa de andebol havia 16, havia aaa 15 ou 16 empresas de Faro e Olhão, a participar no campeonato e eu fazia uma comissão desportiva com alguns representantes para reunirmos, por causa dos árbitros, para fazermos uma avaliação se o campeonato tava a correr bem ou a correr mal, para nomear as mesas... logo aí comecei, portanto essa ligação com as pessoas mais velhas...

E – Foi aí que começaste...

e – Fez-me crescer... Vim do Fareense, depois o INATEL, o contacto com pessoas mais velhas e a responsabilidade de organizar torneios... Depois aquilo envolvia verbas, porque na mesa se pagava, pagava-se ao, ao... aos árbitros, muitas vezes eu é que levava o dinheiro... E outra coisa também que me deu um grande sentido de responsabilidade, deixa-me dizer-te, foi uma experiência que eu não falei mas que me deu um sentido de responsabilidade, foi no ano em que eu dei aulas de Educação Física no liceu. No ano em que eu dei aulas de educação física no liceu eu, é como te digo, eu fui pobre mas queria é ganhar dinheiro, eu fui para a caixa geral de depósitos trabalhar nas férias, tanto que eu trabalhava as duas coisas, e o Martins que era o gerente, confivava de tal maneira em mim, o que eu levava para o banco de Portugal, sozinho, depois iam acompanhados, tá bem que da caixa ao, ao Banco de Portugal era perto, eu levava malas na altura com 5 e 6 mil contos em notas, que se levava da caixa para, aaa repara que tamos a falar em 1973! Aaa tamos a falar, exatamente, tamos a falar, sim 72/73 antes do 25 de Abril. Antes do 25 de Abril? Antes do 25 de Abril, antes do 25 de Abril... sim antes do 25 de

Abril! Era muito dinheiro. Se eu me lembrasse a pegar num táxi e tivesse ido para o Brasil, continuava hoje milionário! Agora alguma vez? Eu pensar... ele confiava tanto em mim que ele dava-me as malas. Eu ia buscar dinheiro sozinho, eu buscar dinheiro ó, ó, o dinheiro que vinha em notas, em maços de 300 contos, chegava a vir com maços na mão... eu ia sozinho buscar dinheiro, ele confiava totalmente em mim. Aquela responsabilidade do dinheiro, ainda reforçou mais o sentido de honestidade... Pois o dinheiro não era meu! Era como se fosse favas, ou feijões ou outra coisa qualquer! Isso aí, esse trabalho, houve uma série de fatos de contribuíram para a minha, isso, depois o INATEL; o contato com outras pessoas e depois o fato de ser professor, a responsabilidade de ser professor de Educação Física. Quando eu fui para o magistério eu aí já tinha, já era um bocadinho diferente dos outros alunos. Já tinha feito uma passagem, também já tinha para aí 21 anos, 22? Sim 22, casei com 25. Sim isso já me deu, já me deu alguma maturidade, ter sido professor, essas experiências.

E – E, e quando foste professor tinhas de preparar as aulas? Lembraste como é que fazias?

e – Não! Alguma vez? Alguma vez?

E – (Risos)

e – Quando era professor de Educação Física, sabia qual era a programação, trabalhamos o andebol... Era o Fortes que dizia assim, não havia cá planos de aula “(Imperceptível é trabalhar o andebol”, então era andebol. Mas antes disso tinha o aquecimento, eu fazia tudo com eles, ia para a salina, na mata fazia tudo com eles e muitas vezes aaa não fazia andebol, “Vamos jogar um bocadinho de futebol”, “O que é que querem? Futebol? Ou Basquet? Então vamos jogar todos”, eu tinha a idade deles, eu tinha a idade deles. Mas trabalhava as modalidades de acordo com uma programação. E depois o, e depois também fiz alguma, alguma formação. O volei, fiz, fiz curso de mini tramp, saltos em mini trampolim, fazia alguns cursos e depois também aplicava isso nas aulas e punha os moços todos a fazer aaa saltos de mini trampolim. Portanto, era, procurava fazer tudo e depois tinha, obviamente que sim, que eu fazia, tinha também, comecei a comprar livros, ainda hoje tenho em casa e que trazia da DGD e fazia atividades diversificadas que os moços adoravam aquelas atividades. Jogar, jogar em quadrupedia e aqueles jogos que se faziam... aaa eu inventava jogos, muitas vezes

lia. Pronto tinha sempre, as atividades eram sempre, e os moços adoravam as aulas comigo, porque eu era da idade deles, era pouco mais velho do que eles.

E – Também porque participavas?

e – Participava! Fazia tudo, fazia tudo, tava em forma. Nesse tempo tava em forma! Uma condição física espetacular.

E – Entretanto...

e – Eu fui muito feliz nessa fase. A fase... sobretudo quando eu fui para o fareense, foi a viragem na minha vida. Eu depois era muito feliz, feliz! Só me faltava encontrar a mulher dos meus sonhos.

E – É agora que vai entrar... (Risos)

e – Porque eu lembro-me tive uns namoricos, tive um namorico tinha para aí 14, ou 15 anos, primeiro namorico. Depois no tempo de liceu, aqueles namoricos passageiros e depois nos tempos do liceu fiquei... irritadíssimo. Porque no primeiro ano em que fui professor do liceu, havia uma professora, uma jovem como eu, da minha idade, que também não tinha curso e depois acabou por tirar o curso no ISEF, que me fazia marcação...

E – Hum.

e – Mas era feia, tinha um nariz esquesito, era, era... não gostava da mulher, achava a mulher feia. E ela fazia-me uma marcação irritante, que eu vestia-me no, no ginásio do liceu, o próprio ginásio tem balneários, eu não me vestia nos balneários, tinha um balneário que é uma porta de arrecadação de material, tinha... O liceu tem, é o ginásio, depois tinha a secretária do professor e a arrecadação e era aí que a gente se vestia. Pois a gaja vinha-se se meter, quando acabava as aulas, quando eu me vinha vestir, a gaja vinha-se meter ali para falar comigo. Eu não tinha problemas nenhuns, despia o fato de treino, vestia a roupa, na frente, mas detestava a mulher porque a mulher fazia-me uma marcação, aquilo irritou-me um bocado. E depois nesse ano em que fui professor do liceu, eu tinha os cabelos por aqui, cabelos loiros, por aqui... era todo muito vaidoso, jogava à bola, mesmo peneiras, as peneiras de moço naquela idade e as moças punham-se a assobiar, quando eu ia pró... Porque as, as salas da, da turma feminina dava para, para o campo, dos jogos do liceu, e então viam-me sempre lá... Eu tinha um, tinha

mandado vir um fato de treino da golo, que era uma casa do Porto, que era em malhinha azul com uma risca branca e então viam-se as formas todas. E aquilo era, eu gostava muito, era um fatinho de malha, assim com um fechozinho, branco, azul, lembro-me tão bem, e o fatinho de malha com as minhas adidas, só usava adidas, pois o dinheiro que eu tinha era para vestir bem. Então houve uma, uma, e depois conheci uma rapariga! Que morava até para a zona do meu pai. Não sei como, não sei como é que ela... ela meteu conversa comigo, numa das aulas e não sei o quê, começamos a conversar e começamos a sair. Ainda fomos duas vezes à discoteca e ainda houve uns beijinhos. E depois ela diz-me assim, num dia em que vou levá-la a casa, ela tá, lembro-me desta imagem, ela está encostada à parede e eu tou, tou a dar-lhe uns beijinhos e depois ela disse assim “Consegui ganhar a aposta!”... “Qual aposta?” ê... “Eu disse que te engatava e engatei-te!”, dei um salto atrás, virei-lhe as costas e nunca mais olhei para ela! Fiquei tão fudido, tão lixado! Porque acho que fez uma, era, era boazuda, uma mulherça boazuda como tudo e então, e tinha mania que era boa, e então disse que havia de engatar o... por os jeitos, fez um, fez uma aposta, só que foi-me dizer aquilo “afinal ganhei a aposta”, fiquei tão lixado, nunca mais olhei para ela. A partir daí nunca mais quis namoro, passei uma porção de tempo de jejum, porque pensava assim “só quando encontrar uma mulher... Só quando, me envolver com uma, tem de ser uma especial”. Tive em jejum uma porção de tempo. Pois foi no magistério depois que eu acabei por conhecer a Isabel.

E – Pois era isso que eu ia perguntar. Foi no magistério que ela foi para a frente...

e – Foi, foi-se hospedar em frente à minha casa...

E – Antes de andares no magistério?

e – Sim, foi fazer exame e ficou lá. Já tinha lá a casa, tinha casa para ficar lá fazer exame e depois passou. Porque se reprovasse deixava. Só que eu a conheci, porque eu era muito amigo, pois então morava na minha frente a Irene, conheçon a Irene de pequenino, pois eram minhas vizinhas, eu dava-me com as pessoas de lá e conheci. Obviamente que conheci, já tinha tado lá a Zé que é a mulher do meu irmão. Era a casa em frente à minha, eu vivi ali vinte e tal anos. Aquilo era quase como, entrava na casa e saía da casa dela, na casa da vizinha como entrava na minha. Então conheci a Isabel, quis-me armar ao pingarelho e fui com ela fazer o exame... Para conversar e tal, “então eu também vou fazer o exame e tal”, eu trabalhava na caixa geral de depósitos,

trabalhava na caixa geral de depósitos nas férias. Depois é que fui para o liceu, fui para a escola fazer o segundo ano, porque entretanto fui operado à apendice, fui operado à apendice, houve uma quebra, saí e depois voltei à, voltei à escola. Mas aaa foi aí que conheci e depois no magistério, no magistério quando conheci a Isabel eu andava pa, comecei a, comecei a... Fui atrás da Isabel, fomos os dois para o magistério mas depois no magistério, há uma Paula de Bensafirim, que se começa a aproximar de mim. Porque aquilo eramos para aí 15 ou 16 homens, ou 17 e eram quase 100 mulheres! Aquilo era um espetáculo. E, e ela começa... a aproximar-se de mim, a falar comigo. Eu cheguei a sair com ela. Portanto, com a Isabel tava nha, nha, nha, nha, nhã... aquilo assim, atrás a tentar, não foi logo, eu não comecei logo a namorar a Isabel, fui atrás dela e tava a conhecer. Mas, não namorava a Isabel! Nada disso, nada disso. Entretanto a Paula, não sei como começamos, fomos à Alameda aí algumas vezes... andávamos a conversar um com o outro e a malta já dizia que a gente se namorava. E há um dia... que o Zé, que era o neto dessa senhora da casa onde a Isabel estava... O Zé era uma ano ou dois mais novo do que eu, e a Isabel tava, tava com uma outra rapariga, também de Silves, uma Paula (Agora estão juntos, passado aqueles anos todos, depois de já terem vivido com meia dúzia de mulheres... agora enc, agora juntaram-se, Só maluquices, mas pronto isso é outra história) e então o Zé disse “Joca queres vir jogar às cartas? Ali com, com as meninas?”, e eu conhecia a Isabel do, do, já tinhas falado e falávamos no magistério. Por exemplo na, na sala dos alunos a gente tavamos a conversar como estamos aqui, a conversar e tal, assim a armar, mas a Isabel sempre... distância. Distância, eu falava e tal e tal mas depois, mas falava com ela como falava com as outras, pois andava com as outras. E comecei a andar com a Paula. E naquela tarde... naquela tarde fomos tirar fotografias pró, pró... pró Largo de S. Francisc, para a fonte luminosa, que já não existe, que já não é do teu tempo. Que é, no largo de S. Francisco onde está aquela, aquele repucho?

E – Sim.

e – Havia uma fonte luminosa, que tinha uns degraus, uma coisa em pedra com, depois era onde se punha também a nossa senhora depois na feira. Chamava-se fonte luminosa, tinha uns lagos, era umas coisa aaa, já deitaram abaixo à tanto tempo. Então fomos tirar fotografias para a fonte luminosa, eu e o Zé, a Isabel e a Paula. Tivemos a tirar fotografias e depois vamos jogar à carta! E fomos jogar à carta. Jogamos aos quatro e depois não sei como nem porquê, eles foram-se embora, fiquei só a jogar com a Isabel e

às tantas acabamo-nos a beijar! Lembro-me que às tantas acabámos agarrados um ao outro, no quarto dela em cima da cama, eles saíram, já não me lembro o que é que aconteceu. Sei que ficámos os dois e aquilo atração, beijinho e não sei o quê, começámos a beijar.... Aquilo ficou assim, sem dizer nada e então fui para casa. No outro dia vou para o magistério e nem, é como se não conhecesse a Isabel, é como se não conhecesse a Isabel. Continuei a falar como se não tivesse acontecido nada. Saímos do magistério... a Paula estava à minha espera e a Isabel vai, era de outra turma, devia-me tar a marcar, saí comigo. Quer dizer, eu saí do magistério com as duas. Eu morava em S. Francisco, a Isabel tava em frente de mim, mas eu fui, eu ia com a Paula pela rua de Santo António, portanto fui dar esta volta. E a Isabel comigo! Eu com as duas, uma de cada lado. Eu costumava acompanhar a Paula, que morava, era, estava num, num alojamento ali ao pé da praça, ao pé do Peso do Leite, chama-se o Peso do leite, que era aí que tavam jovens da, das Zitas, que alugavam quartos. Sabes o que é as Zitas? Das Irmãs, eram umas Irmãs, não é de Calcutá, são umas Irmãs, eram uma, uma congregação religiosa que as jovens vinham, tinham que fazer uma entrevista e não sei o quê para depois ficarem lá. Era mais barato. Ceho ao fim da rua de Santo António, onde hoje tá a, a Mango “E agora pah? Vou com a outra? Costumo ir com a outra ou vou com esta?”... E ali decidiu-se a minha vida... Porque eu costumava acompanhar a Paula, vinha, vinha com a Paula, vinha com a Paula até a casa dela para a trazer. Só que na tarde anterior tinha acontecido aquela, aquela cena e a gente não tinha falado. Chego ali... e a Isabel diz “Então não vens para casa?” e a outra “Não vens comigo?”.

E – (Risos)

e – E naquele momento decidiu-se ali tudo. Eu vim com a Isabel. E depois a Isabel no caminho disse-me “Qual é a tua? Mas estás a brincar comigo ou quê?”, porque ela era muito mais madura do que eu. A Isabel tem mais nove meses do que eu, mas sempre, mas eu era puto, era mesmo puto, era mesmo... “Mas qual é a tua? Tás a brincar comigo?”.

E – (Risos)

e – E a partir daí começámos a namorar.

E – Começaram a namorar.

e – Começámos a namorar. E depois a outra durante muito tempo acabou por dizer que a Isabel lhe tinha roubado o namorado, mas não não era verdade. NUNCA beijei a outra, nunca houve nada, quer dizer nada, andavamos a conhecer. Sabes aquela fase do conhecimento? Mas não é a fase do, não houve namoro, não houve nada. Só que a Isabel... andou a dizer pelo magistério que a Isabel tinha roubado o namorado e não sei o quê, não sei que mais. Foi assim! E foi o que deu, foi o que deu. Ainda teve graça, porque a Isabel perguntava assim “Mas como é que eu vim de Silves e vim calhar aqui? Isto é o destino”, “Qual destino porra! Isso tem alguma coisa a ver com destino? Isso já está tudo explicado. Houve uma atração física, houve uma atração psicológica”, “Ah isso é um elogio! Passado estes anos é um elogio”, “Não, não é elogio, as coisas acontecem há uma atração, a pessoa sente-se atraída por...”. E o que é que querias saber mais?

E – Oh tanta coisa! Por mim ficava aqui a tarde toda a falar. (Risos)

e – (Risos) Vá diz.

E – Aaa entretanto ou nessa altura há o 25 de Abril.... pois já tava... no primeiro ano que tavas no magistério estavas em...

e – Não, não, não, não, não, não. O 25 de Abril, então o meu curso do magistério é exatamente antes, porque o meu curso foi diferente por causa do 25 de Abril. O magistério, o, o 25 de Abril aconteceu quando eu era professor no Liceu.

E – Hum, hum.

e – Tanto que eu ia para as aulas e não houve aulas. 25 de Abril não houve aulas ali na escola. Eu fiz o, o, foi exatamente no ano em que eu fui pelo primeiro ano professor no Liceu.

E – Depois entretanto foste para economia, mas depois voltaste. Aaa não, o que eu queria perguntar é como é que viveste o 25 de Abril, e se...

e – Opah o 25 de Abril o 25 de Abril... foi da forma mais maravilhosa que se pode imaginar, porque não era propriamente o espírito, eu lembro-me, eu não era de manifestações...

E – Hum, hum.

e – Só entrei uma vez num partido político e foi em Lisboa, porque um amigo meu teve um acidente e foi enternado em Santa Maria e eu fui daqui com outro, e deram-nos, e o gajo que ia com a gente deixou-nos a dormir num, numa sede da UDP cheia de ratos e era o sítio para a gente dormir. Foi a única vez que entrei num partido político, porque não tinha sítio onde dormir, para ver esse meu amigo que tava em Santa Maria. Mas nunca fui de me envolver em partidos políticos. Tinha a minha coisa... Eu no magistério já, era, era presidente da associação de alunos, colocado por o Rui De Pinet, o Rui de Pinet fez força. O Rui de Pinet era uma figura, era o presidente do I.C.E, era um cérebro (Sopro). Quando eu tava no segundo ano Rui de Pinet veio para o magistério, quem era o Rui De Pinet? O Rui de Pinet tinha estado 10 anos, 8 ou 10 anos preso, ele esteve na campanha do Humberto Delgado e enquanto tava na prisão a vida dele era tradutor de livros, portanto para tu veres. Era um indivíduo com um quociente intelectual, era uma coisa... Assim barba branca... assim muito envelhecido, tinha passado muito tempo na, na PIDE. Veio para o magistério tava eu no 1º ano, tava eu no 2º ano quando ele veio para o magistério, entrou no curso após o meu. Portanto, o curso após o 25 de Abril, os cursos do magistério mudaram completamente os curriculos depois do 25 de Abril.

E – Era isso que eu ia dizer, a, a influência que teve o 25 de Abril...

e – Era promover o agente de desenvolvimento, sim. Passou a três anos, nós fazíamos atividades de contacto, o curso era muito politizado, a malta só falava de política, no magistério falavam de política. Depois o Rui de Pinet que era um gajo ligado, acho que era, à UDP, influenciou-me nas listas para eu ir encabeçar a lista. Havia uma lista de uma gaja do CDS, que hoje é colega da Isabel, que é advogada, depois tirou advocacia, que tá na escola com a Isabel ali em S. Luís. Havia gajos ligados ao PS e eu encabecei a lista da UDP, da malta de esquerda e ganhei porque era muita popular. Fui presidente da associação do magistério, dos alunos do magistério. Aaa ah o 25 de Abril... (Sopro) Espetacular! O 25 de Abril eu vivi, eu não tinha uma consciência política...

E – Não é propriamente, a ideia não é propriamente o dia, mas...

e – O que aconteceu a seguir.

E – Exato.

e – O que aconteceu a seguir, foi eu tinha um grupo de amigos, não no magistério...

E – Mas as aprendizagens que tiveste...

e – As aprendizagens que eu tive quando fui para o magistério, já vinha quando, portanto a gente levava tarde, noite... eu tinha um grupo de amigos que era o meu grupo de base, que tínhamos vindo do Fareense. Gerações diferentes, que nos encontrávamos no café Atlântico, onde hoje é um banco, na rua de Santo António. Quando entras na rua de Santo António, tens a caixa do lado direito, tens a pizaria e em frente à pizaria tens um banco, era aí o café Atlântico. Juntavamo-nos todos ali, ocupávamos as mesas todas ali, várias gerações e pensámos criar, com o 25 de Abril, criar um clube desportivo. Criámos a RAF. E então quando criámos a RAF, foi com o espírito do 25 de Abril, pensámos “Vamos”. Fazíamos atividades de Educação Física nas escolas... jogávamos andebol e fazíamos demonstrações de andebol. E fizemos o Polidesportivo da, da, da Cruz Vermelha que era um, que era um... uma estrumeira, a parte de trás onde, onde os bombeiros, onde a Cruz Vermelha agora estaciona os carros? Aquele piso foi feito por nós. Aquilo era uma estrumeira e nós pedimos aquele espaço para fazer um polidesportivo. Durante muitos anos foi o polidesportivo da RAF. Nós com o espírito do 25 de Abril construimos aquilo tudo sem um tostão. Pediamos cimento... o, DUMPERS à, à GNR, ora a GNR camiões, os militares, o exército emprestava os camiões... picaretas, pás, areia... conseguimos isso tudo só com aquele espírito. Depois fizemos aquele polidesportivo com, com a ajuda de outras pessoas, uns eram (Imperceptível), outros trabalhavam na Câmara, outros sabiam fazer ligações, era o melhor polidesportivo de Faro. E durante muitos anos organizávamos torneios, fazíamos atividades para os jovens. Eu organizei os primeiros jogos juvenis de Faro para os meninos da Casa dos Rapazes, em diferentes modalidades, para os meninos da Atalaia. Tínhamos um dinâmica social. Eramos um grupo, por isso é que nós ainda hoje, hoje já, nós eramos os comunistas, achavam que nós eramos comunistas, quando havia gente de vários... Eramos comunistas porque a gente trabalhava, logo a seguir ao 25 de Abril, foi esse o nosso espírito. Trabalhar com a comunidade. Fazíamos opah, fazíamos aaa torneios aaa, torneios, fazíamos provas de atletismo... Só coisas, sem ganhar dinheiro, só coisas pra, pra a comunidade, em termos desportivos. Depois culturalmente associávamos aos julgrais António Aleixo e fazíamos uma manifestação desportiva e cantávamos com eles os julgrais. Tínhamos uma grande dinâmica, sobre tudo desportiva. Portanto eu vivi o 25 de Abril assim... Fazendo coisas e depois também sentir, depois também sentir nessa altura o INATEL, mudou, porque na altura eu tava

no INATEL. Aquilo era FNAT e depois passou a INATEL, era ver também... Houve os movimentos desportivos, muita gente. Houve uma grande apetência para as pessoas praticarem mais desporto... A sociedade mudou por completo. Eu vivi esse espírito. As pessoas sentiam-se felizes pah. As pessoas gostavam de praticar desporto, as pessoas não se preocuparam tanto com o dinheiro, epah vivia-se um tempo... um tempo bom! Foi esse o espírito do 25 de Abril, de viver muitas coisas. Viver a vida. Depois lembro-me que a gente sentava-se ali no Atlântico e lia “Os principais fundamentos do Politzer”, filosofia... do MARX! E a gente levar ali, a tentar ler aquilo e a perceber aquilo e descodificar aquilo. E liamos de uns para os outros. Depois havia malta que tava em Lisboa, que já tava, uns mais politizados que outros. E a gente levava ali a discutir, “Os principios fundamentais do Politzer”, tenho esse livro em casa, não sei o que é feito dess livro. Portanto vivi o 25 de Abril desta maneira. Mas sobretudo muita ativa e depois sim a tentar a, a perceber o que é que tava a acontecer e como é que eram, o que é que tinha acontecido. Eu não tinha nenhuma, não tinha nenhuma experiência, nenhuma consciência política. Mas o 25 de Abril foi uma fase linda pah! Porque era uma fase em que a gente queria fazer coisas. Tinhamos tado ali sem fazer nada, de repente criamos um grupo desportivo... porra aquilo era uma alegria. Fazíamos montes de atividades, montes de coisas e as pessoas participavam! Muita dinâmica, muita alegria, muito encontros, tudo ligado ao desporto. A minha vida tava muito ligada ao desporto. Tudo desporto. O desporto para mim era vida. 76:19

E – E no magistério, e o magistério achas que também teve... foi diferente...?

e – Teve! O magistério foi completamente diferente. Depois do 25 de Abril criaram-se os novos curriculos e então as atividades de contacto, que eram... durante 3 meses, eu fui, que eu também aaa, que eu também reforcei mais a minha relação com a Isabel pois estávamos a namorar, a gente ia, imagina o que é, a tua turma, quando eras aluna, ires um mês para Lagos ou um mês para Odemira, fazer atividades de contato. Que era ficarmos alojados, eu por exemplo fiquei alojado no, no parque de campismo e depois iam fazer trabalho, eu, eu fui trabalhar para, com os pescadores. Logo de madrugada entrevistar os pescadores, aaa fazer observações, já não me lembro. Eu fiz um trabalho, o Zé Cruz, o marido da Helena Quintas, deu-me 19 no trabalho que eu fiz sobre os pescadores. Foi a melhor nota que eu tive alguma vez na minha vida, depois não sei se aqui nos complementos de formação ou nestas coisas aqui apanhei, mas até aí nunca

tinha tido uma nota tão boa. Eu fiz um trabalho sobre os pescadores... com, com fotografias, com registos, com não sei quê.

E – Também era a tua praia!

e – Também era a minha praia, sim, era a minha praia. Mas aaa, era muitas atividades de contato neste sentido. O magistério preparava para criar um agente de desenvolvimento. Era mais um agente de desenvolvimento do que um professor primário não sei o quê. Muitas atividades de contato e depois os professores vieram todos do estrangeiro. É tudo gente com muita, muita perspectiva de vida, não tinha nada a ver com os professores que tínhamos tido no liceu. O Zé Cruz tinha vindo da Suíça, o Calvário tinha vindo da Bélgica que parecia o Demis Russo, um gajo muiito alto de barba, que era filho dos donos do café, da Casa Inglesa em, em Portimão. O Jacinto, o maluco do Jacinto... Mas eram muitos professores que tinham vindo de fora... e depois influenciaram alguns que já estavam aqui. E então o espírito era muita bom pah. Os debates! Debates, trabalhos de grupos... discutir as notas, ali frente a frente com o professor, depois isso criou, criou clivagens, criou problemas. Aqueles que eram mais, sabes, safaram-se melhores, os outros... foi também, houve também muita competição e muito aproveitamento político, é essa a crítica que fazem. Mas o magistério era completamente diferente. Pois o espaço era lindo, aqueles espaço era lindo. Eu fui muita feliz no magistério pah! Eu fui muita feliz no magistério pah. Foi um tempo delicioso pah. Porque... as aulas era uma maravilha, a gente ia para as aulas, a gente discutia, a gente sentia-se lá bem, depois o ambiente era muita bom entre os colegas... foi um tempo muita bom. E o 25 de Abril influênciou, porque se não, não tinha nada que ver. Eu nm falo, porque deixei para trás, porque não quero falar, do meu tempo antes do 25 de Abril, do que eu sofri. Do que eu sofri por ser de S. Francisco, do que eu sofri por ter um código mais restrito... o que eu sofri... Nem pensar! Fogo, nem pensar. Sentia-me amesquinhado, sentia-me aaa, sentia-me...

E – E sentias o regime?

e – Não sentia o regime, sentia era a repressão, sentia a discriminação e sentia o que é ser pobre e o que é ser discriminado. Não percebia que isso tinha a ver com política.

E – Sentias falta de liberdade?

e – Aaa... não sentia falta de liberdade porque não sabia o que era liberdade. A gente éramos obrigados a ficar no liceu e nunca nenhum... aaa a gente tínhamos aulas se não tivesses, só podias sair ao meio dia e meia. Tínhamos aulas da oito e meia ao meio dia e meia. Se não tivesses um professor, tinhas que ficar lá, agarrado às grades. Eu de vez enquanto fugia. Mas, e a opressão dos professores, não sentíamos liberdade, não sabíamos o que era liberdade. Vivíamos naquele regime assim, como é que eu podia saber?

E – Foste da altura da mocidade portuguesa?

e – Fui, fui da mocidade portuguesa. Fui da mocidade, fiz tentativas e não tinha consciência política, mas nunca me dei com aquilo... Fui da mocidade no liceu, porque era uma forma de ir para o liceu e andávamos, fazíamos jogos e andávamos a marchar. Mas depois quando se deu a opção “ou és da mocidade ou as tardes desportivas” caguei logo na mocidade, passei logo às tardes desportivas e o desporto.

E – Pois.

e – E depois fui da mocidade do EXTRA, porque não tinha para onde ir. Havia o EXTRA que é era ali ao pé daquele café, era por cima daquele café onde vocês vão ali no largo, ali na, no largo da Sé. Aquele cafezinho, por cima era o EXTRA, escolar nº 1. Eu até comprei a farda e depois tu não vais acreditar, comprei a farda e tudo, o meu pai comprou-me a farda da mocidade portuguesa e eu nunca cheguei a vestir. Porque quando estávamos na mocidade também iam à, à, aaa, tínhamos que prestar juramento e tínhamos também que ir à igreja... e aquilo houve para ali umas relações, para ali umas coisas complicadas, que eu desisti da mocidade e nunca vesti a farda. O que terei feito à farda? Nunca cheguei, o meu pai comprou-me a farda com sacrifício, e eu nunca cheguei a vestir a farda. Portanto tive uma passagem muito breve por essas coisas. As mocidades e essas, uma passagem muito breve.

E – Aaa e depois chegou uma certa altura e começaste a ganhar dinheiro. E antes o teu pai nunca te deu dinheiro... Como é que... sentiste que o teu pai teve alguma reação por o fato de começares a ter roupas melhores... teres as tuas coisas...?

e – Não nenhuma. O meu pai, não senhor. Era com o meu dinheiro, era com o meu dinheiro. Eu aliás, o primeiro ordenado que eu tive foi exatamente nessa oficina, quando tinha 14 anos e a primeira coisa que comprei, comprei um relógio. Eu ganhava 600

escudos por mês, na oficina ganhava 600 escudos por mês, foi o primeiro ordenado que tive foi 600 escudos por mês e comprei um relógio que me custou 400, nunca tinha tido um relógio. O primeiro dinheiro comprei um relógio. Depois trabalhei, e depois daí, daí o farenses ganhava... quando eu comecei a ganhar dinheiro tinha 14 anos, trabalhei dois meses, dois meses nessa oficina. 600 escudos por mês. Deve ter juntado, já não me lembro. Comprei o relógio e depois devo ter juntado, que eu era muito poupadinho, não gastava. E depois o dinheiro que me vinha, foi, depois fui jogar para o farenses também, fui jogar para o farenses com 15 anos e às vezes a gente ganhava, como ganhávamos muitos jogos, tínhamos um prémio de jogo ao Domingo. Eu acho que poupava. Isso dava para as minhas pequeninas coisas. E depois mais tarde com o Inatel e a DGD, eu nunca parei de ganhar dinheiro. Ganhava pouco mas dava para as minhas coisas. Eu nunca fui de gastar muito dinheiro, eu era poupado. Era só para comprar as coisas que eu nunca tinha tido. E depois comecei a ganhar dinheiro... e de repente comecei a ganhar bem! Quando fui para o liceu, que de repente passei para cinco contos e duzentos, em 1973, ganhava cinco contos e duzentos era muita dinheiro. Eu dava em casa e tudo! Dava dois contos em casa e ficava com três contos e duzentos para mim. Dava à minha mãe, o meu pia nunca me pedia. “Tá aqui mãe para a ajuda da casa”, eu dava dinheiro em casa. E depois nesse ano atão, fui trabalhar para a caixa... na caixa ganhava nove contos! Tive três meses a trabalhar e a ganhar nas férias. Ganhei uma data de massa nesse, nesse tempo. Tudo poupa, tudo na caixinha, tudo na minha conta poupança, que eu era muito poupadozinho. Gastava, comecei a comprar as minhas Lacoste, as minhas roupas mas tudo o dinheiro muito contadinho. Esquemas não ia. E com a malta, ia com a malta mas só ia até onde podia ir. Era, sempre fui, nessas coisas fui sempre muito disciplinado. A malta ia às putas! Uma vez... (Interrupção (17 anos) 84:00 – 87:10). Era uma escola. Aprende-se tudo com os outros, até as questões da sexualidade, aprende-se é com os outros... Mesmo quando a malta ia para certas coisas, por exemplo, fazia os meus cálculos, a malta dizia “oh vamos a Quarteira não sei o quê, ao jogo de futebol de salão” eu fazia “Quarteira tal, tal... vem às duas da manhã, três, não. Eu não vou”, eu era muito calculista, era assim, não era bem calculista, era reservado. Não alinhava em tudo. Alinhava em certas coisas, noutras coisas não alinhava. E sempre fui assim. Mesmo depois mais velho e tudo, com a malta da RAF, eu em certas coisas alinhava, noutras não alinhava. Eu era assim, se me dissessem “Olha vamos agora fazer um esquema e não sei o quê, vamos dormir à praia e ficar lá e depois

vamos não sei o quê...” tudo o que metesse assim, que me fugisse do controlo eu não arriscava. Era um bocado comodido, era um bocado comodido. Aaa diz Aurora.

E – Agora se calhar para acabarmos. A ideia que me deu, da outra entrevista, é que tu eras uma pessoa que não gostavas de estudar... não gostava muito de ir à escola e como é que uma pessoa assim acaba o magistério com uma nota de 16? Aaa ainda tentou entrar em economia, não foi? Depois vistete embora, mas como é que uma pessoa acaba... com sucesso.

e – Porque... não, não tenho sucesso mas mudei, o que me mudou, mudei muito, como te disse, no fareense mudei muito. Já o 7º ano... já, já, foi aquela fase em que eu mudei completamente. Até ao 5º ano foi o que foi, ams depois o, o 6º ano também não foi bom, porque eu mudei de alínea, não gostei da alínea, mudei de alínea. Tava na alínea g, passei para a f. E depois no outro ano, o fareense...

E – Quais, quais é que eram as alíneas?

e – Havia várias alíneas e eu andava em, a f tinha fisico quimicas, as matemáticas, não sei o que. E a g é a que dava para as económicas, tinha, tinha matemática mas já não tinha fisico quimicas, tinha geografia, tinha, tinha história, eu também... não me lembro bem mas também me desentendi naquele, naquele sexto ano. As coisas não correram muito, ah tive a, sim tive a gaja de fisico química. Foi a gaja de fisico quimica que me deu, que me deu um 7? Foi no 3º ano ou foi no 6º ano, que me deu o 7 e me levou a desistir...? Já não me lembro, mas aaa sei que mudei de alínea e depois ou porque cresci... ou porque cresci... o fareense, Inatel, a DGD a dar já com professores e com gente que tinha formação e técnicos. O facto de ter crescido e ter andado, porque o meu ambiente, que eu até ao 5º ano o que é que eu fazia? Até jogar no fareense, era s. Francisc, ia para o EXTRA escolar, lá ao pé do café jogar matraquilhos e ténis de mesa, uma vida, não, não aprendia nada. O fareense deu-me outro tipo de, de, de, um outro contexto, outra aprendizagem, um outro meio. E depois quando acabei os juniores, fui jogar basquet para o fareense. Então aí tínhamos muito dinheiro, era tudo gente muita mais velha do que eu. Eu tinha saído do fareense, como era alto, eu nem era grande jogador de basquet, mas era bom nos ressaltos, o fareense estava na segunda divisão, nem fazia parte do 5 inicial, mas geralmente entrava, geralmente entrava. Tinha vindo do fareense, era bom ressaltador, tava cheio de força... e essa fase também, eu não falei nisso, essa fase foi muito importante, porque era tudo gente mais velha do que eu. Eu

tinha 17, 18 anos, para a equipa de basquet. A gente ia de Audi para Lisboa, a gente só ia para os melhores hotéis. A gente tinha dinheiro, ia de Audi, só iam de Audi. Epá isso foi muito importante para o meu crescimento. Eu comecei a levar aquilo de outra maneira, “não eu quero ser mais qualquer coisa”, tanto que eu fiz o liceu e depois fui dar aulas e tudo. E quando fui para o magistério tinha uma outra maturidade. Pois o magistério não tinha nada, nada que ver com o ensino do liceu, era aulas que tu gostavas. Psicologia, Sociologia... coisas que tinha haver com a gente! Aaa linguística... aí já interpretava as coisas de outra maneira. Os conteúdos eram muito mais interessantes, estar a discutir uma coisa, o professor tar-te a dar uma, aula, aquelas aulas de exposição, concessão bancária, dar aulas “blá, blá, blá, blá...”, ali a papaguear e outra coisa e depois é, tu leres o texto, como a gente faz aqui com os moços e discutir os textos. É um ensino completamente diferente. E depois com outra abertura, a gente agarrava nos textos, achas que ficávamos na aula? A gente saía, conheces o magistério? Só vês de fora. Aquilo tinha, tinha árvores, tinha um caramanchão, para onde a malta ia, com muitas árvores e um, uma cadeira. Epá era tão bonito e a gente sentava-se aí. Às vezes ia namorar com a Isabel para ali, estamos ali abraçados, mas aaa íamos para ali, íamos para, tinha um campo de basquet, quer dizer, tinha um espaço envolvente muito agradável. A gente agarrava nos textos e ia para lá, ler. E discutíamos e às vezes davamos as aulas cá fora, era um ambiente completamente diferente. Isso deu-me uma outra atitude pá em relação aos estudos. Tanto que quando depois fiz o, quando depois fui para a educação de adultos e depois venho para aqui e os complementos de formação fiz aquilo com uma perna às costas pah. E depois fiz o mestrado com uma perna às costas. Era a idade é diferente, a maneira de, de interpretar é diferente. Uma coisa é tu ires para as coisas com gosto e outra coisa é quase seres obrigado. O liceu era uma chatice paj. O liceu antes do 25 de Abril e aquilo tudo era uma chatice pah. Aquilo eram as aulas chatas, os professores eram opressores, o ambiente era de merda, os colegas eram maus, eram discriminatórios, eu sentia-me mal, não me sentia no meu ambiente. Depois quando cresci e também é uma questão, tem haver com auto estima, mas é a pessoas sentir-se mais autoconfiante. Eu não me sentia nada autoconfiante. Comecei a ganhar mais confiante quando me comecei a sentir mais importante e o desporto é que me deu, o desporto fou tudo para mim na vida. Se não fosse o desporto, eu se calhar andava a apanhar ameijoas ali e se calhar agora tava na, na, tava no café a beber uma cerveja, ou tava bêbado ou... Não sei o que é que seria, não sei o que é que seria a minha vida, mas o desporto é que fez a pessoa que eu sou hoje. Eu tive uma vida intensa

desportiva. Depois também joguei andebol na RAF, tive uma vida muito, muito intensa. Eu inclusive fui convidado no ano em que eu tava no liceu, no, no, era professor no liceu... não! Na Tomás Cabreira, na Tomás Cabreira, exatamente! Eu até aí aos 30 e picos anos fiz muito desporto de competição e jogava numa equipa de futebol de salão, que a gente ganhava tudo aqui. A gente ganhava tudo! Vinham-me sempre convidar para as melhores equipas. Eu sou alto não é? Era forte, forte, tava cheio de força, tinha algum jeito para o futebol... Os gajos vinham-me convidar e eu fazia sempre parte das melhores equipas de futebol de salão. E num ano desses, em que eu joguei ali num torneio no Monte Negro, que ganhámos o torneio do Monte Negro, vinham equipas de toda a parte, o Pedro Gomes, que era o treinador do fareense na altura, viu-me, viu-me a treinar pediu aos diretores para me irem, para me irem convidar para ir para o fareense. E eu fui para o fareense, andei a fazer a pré época e aquilo era muito cansativo. A malta ia para a praia e eu a andar a fazer aquela pré época? Que era de manhã em Agosto, começava logo, que o campeonato começava logo no princípio de Setembro, correr lá para o pé do aeroporto. Epah era treino de manhã, treinos à noite... e depois “epá não tenho vida para esta merda”. E depois o Caneira, olha o pai do Caneira que ainda jogou à bola no fareense, o Caneira pai, que tava no fareense na altura, tinha vindo do Sporting, “moss o que é que tu? Tu és professor? Oh tu és professor e vens para a bola? Opá deixa-te disso!”. Porque era vida de futebolistas... era aquela vaidade. Depois eu também não achava que ia ser um GRANde jogar, achava que ia ser um jogador mediano. Não achei que seria assim um fora de série. E para ser um jogador mediano não valia a pena, se fosse um fora de série tá bem. Para ser um jogador mediano não valia a pena. Mas todas essas coisas, ganhei mais autoconfiança, mais autoestima e sentia-me, sentia-me importante! Houve fases em que me lembro, dos júniores, as pessoas me perguntarem, sabia que as pessoas olhavam para mim na rua de Santo António, era o capitão de equipa... era... (Suspiro). E essas coisas acabam por ter influência na nossa, na nossa atitude. Depois o magistério foi bom e depois aqui, estudar sim, mas agora sucesso não. Nunca fui um grande aluno, nem nunca fui um, não sou uma pessoa muito inteligente. Mas é para fazer as coisas mais ou menos, dentro...

III Entrevista

E – Bem, vamos continuar... Aaa nós tínhamos acabado mais ou menos na altura em que estavas no ministério, no ministério, aaa no magistério, e entretanto acabaste o magistério e foste para Odeceixe, certo? E como é que, como é que foi essa tua experiência?

e – Eh pah foi uma experiência, foi estranha, foi... foi a primeira vez que eu estive tanto tempo longe de Faro. Eu tinha, fui o primeiro do curso a ser colocado. Acabei o magistério, casei-me em Setembro, 22 de Setembro e uma semana depois fui o primeiro do curso a ser colocado. Tinha tido a nota de 16 e concorri à tele escola porque eu queria era trabalhar, queria ser colocado e fui logo colocado em Odeceixe na tele escola. Foi estranho porque não, não me imaginava a ir de comboio, a levar comida para uma semana. Não sabia fazer nada, não tinha praticamente, não sabia fazer nada de comida, nessa altura não sabia fazer nada de comida. Tinha uma semana de casado, a Isabel fazia-me uns tuperwares com comida. Ia de combóio até Lagos, depois de Lagos apanhava o autocarro para Odeceixe, depois ficava lá uma semana. Fiquei na casa de um sapateiro, de um homem do meu prédio. Depois fez um hotel, ah...fez uma pensão digo eu. E era muito estranho, porque não havia vida, em Odeceixe não havia vida, não havia restaurantes, não havia nada. E fui colocado na tele escola, era uma, ficava lá no alto do Cerro. De dia era fixe porque eu ia de manhã, só tinha aulas de tarde mas ia logo de manhã para a tele escola, não tinha nada para fazer. Organizei grupos desportivos, tinha um grupo de ténis de mesa, íamos para a associação jogar ténis de mesa, tinha ginástica, passava o tempo ocupado com os moços. E depois de tarde dava as aulas.

E – Foram actividades que tu criaste?

e – Que eu criei para estar entretido com os moços, os moços adoravam-me! Também houve depois, ainda me lembro uma miúda loirinha, devia ter para aí uns doze ou treze anos mas tinha corpo de mulher, que se apaixonou por mim, que era uma chatice. Aí mãe do céu o que eu passei com aquela gaiata! Fazia olhados e andava sempre atrás de mim. A mocinha era engraçada mas tinha treze anos, tinha um corpo de mulher. Mas depois era o ensino da tele escola, era eu e outra colega, que era uma moça de Portimão. Que tinha, que namorava e então aquilo era uma coisa, mal acabava a tele escola ia-se meter em casa, nem saía, nem dava para bebermos um café, nem para lancharmos, nem para nada. Então eu vivi aqueles meses completamente isolado, completamente isolado

porque não havia nada, nem restaurante nem nada. Aaa comia na escola e depois vinha para, para casa, vinha para casa aí por volta das sete horas, sete e meia. Metia-me no quarto a ouvir rádio, a ler e no outro dia outra vez tele escola. Foi, foram uns meses terríveis, mas em termos de trabalho era giro a tele escola, o trabalho com os miúdos e isso tudo e eu gostei, gostei dessa experiência. Mas sabes que eu estava a ficar muito cansado que eu não tinha praticamente mais vida e depois eu, em Janeiro... percebi que havia pessoas que eram analfabetas, pais de alunos, e organizei um curso de alfabetização. E depois em Fevereiro, só que dei para aí uma meia dúzia de aulas, se tanto, de alfabetização. E depois, entretanto aaa, em, em Fevereiro eu disse, “eu já não venho mais para cá, já estou farto de estar aqui”. E como era conhecido e arranjei facilmente uma colocação no, no desporto escolar e vim para coordenador de educação física do concelho da, de Tavira.

E – Tiveste então a primeira experiência em educação de adultos?

e – Tive a minha experiência de educação de adultos dando um curso de alfabetização que não fazia, era unicamente utilizar os métodos tradicionais, nem Paulo Freire, nem coisa nenhuma, nunca tinha ouvido falar em Paulo Freire, mas era como se ensinava às crianças ensinei aos adultos, exactamente da mesma maneira. Ensinava os adultos como ensinava as crianças, com os métodos analítico-sintéticos e tudo. Mas pessoas iam e gostavam, conversavam e ensinava, mas nunca vi resultados porque foram uma dúzia de vezes talvez que eu dei. Não foi assim... eram três vezes por semana e tive para lá um mês e pouco não deu assim muito mas tive essa iniciativa, se eu tivesse mantido tinha ficado lá. E depois a minha colega não deu continuidade e também acabou, acabou por, perder-se a ideia. Mas essa foi a minha primeira experiência em Odeceixe.

E – Então e entretanto tavas acabado de casar, recém-casado e como é que vocês conciliavam a vossa vida de recém-casados?

e – Oh pah conciliava porque eu vinha, todos os fins-de-semana vinha, vinha logo à sexta. Umas vezes vinha para Silves, outras vezes vinha para Faro. A Isabel dava aulas no colégio do Alto e a Isabel dava aulas no colégio do Alto, e umas vezes ficava em Faro, outras vezes íamos para Silves e se eu não tivesse arranjado casa a gente...o nosso casamento tinha acabado ali porque eu detestava Silves, queria era vir para Faro onde tinha os amigos e ainda continuava a jogar andebol, ainda continuava a ter muita actividade desportiva. A Isabel estava aqui no colégio do alto e quando a gente casou passou a viver na casa com os meus pais, ficava no meu quarto. E a relação da Isabel com a minha mãe nunca foi assim, com o meu pai era boa, com a minha mãe nunca foi

assim grande coisa duas mulheres na mesma casa. E então ela, ao fim-de-semana queria ir para Silves, era muito pegada aos pais. E eu ao fim-de-semana queria vir para Faro então fizemos assim, um fim-de-semana que eu ficava em Silves andava eu de trombas, no fim-de-semana que ela ficava cá andava ela de trombas. Eu enquanto ficava em Silves depois acabei por praticar, acabei por ainda ganhar um torneio de vólei lá, porque acabei por participar, participar num torneio aberto, como me conheciam convidaram-me e então ainda, ao menos os Sábados à tarde eu jogava voleibol e amenizava a coisa. Mas nunca me entendi com os meus sogros, nem gostava de estar lá em casa, é, foi um autêntico martírio. Tou, tou certo que se aí em Maio eu não tivesse arranjado casa, o meu tio alugou-me uma casa e tivéssemos ido viver juntos o nosso casamento tinha acabado ali. Entretanto, entretanto em, entretanto em, para aí no natal, olha, o João foi gerado com certeza em, em Odeceixe. Nas férias, ela foi, tinha que fazer as avaliações, ela foi lá ter comigo. Odeceixe era giro pah, mas o que é, é que não tinha vida, era completamente diferente! Aquilo não tinha vida nenhuma, aquilo era, era uma desgraça! A escola ficava lá no alto do cerro, para descer vinha, vinha às escuras. Depois um dia ia apanhando com um balde de “mijo”, vinha de noite e jogaram o balde de mijo pela janela. Outra vez ia sendo, ia sendo trucidado por um burro! Pelo burro pela história do fox. Aconteceram assim alguns episódios lá, mas pronto guardo uma boa, uma boa recordação, mas já não conseguia ficar lá mais tempo!

E – Como é que era a tua casa lá? O que é que havia em redor?

e – A minha casa onde?

e – Em Odeceixe?

e – Não havia nada pah, não havia porque era, aquilo não se via ninguém pa, aquilo não se via ninguém. Aquilo era, era no meio de Odeceixe, era numa subida, era na casa do sapateiro durante o dia, ele arranjava os sapatos e depois com o dinheiro conseguiu aaa, conseguiu fazer uma casinha. Alugava-me um quarto, o quarto era logo na, abria a porta tinha uma sala e tinha um quarto e eles moravam lá em cima e a cozinha, nunca uma única vez que eu fui à cozinha deles, nem uma única vez fui à cozinha deles. Saía do quarto e ia-me embora, ia para a escola ou ia ao café, ia ao café. Havia um café na descida, geralmente nunca tinha quase ninguém, e ia para a escola portanto eu não convivia com as pessoas nem nunca vi televisão. Nesse tempo nunca vi televisão. Que eles tinham a televisão na sala, mas eu nunca praticamente foi uma vida assim muito, muito isolada, estava habituado a isso. Estava a ser muito difícil.

E – Tu consegues descrever um dia normal do tempo que passaste lá como é que eram os teus dias? Se descrevesses um dia como é que era?

e – Era assim como eu te digo. Levantava-me de manhã, levantava-me de manhã e ia logo para a escola, nove e meia, nove horas, nove e meia, ia para a escola. Tomava lá o pequeno-almoço, tinha lá o frigorífico, porque aquilo era tele escola e escola primária e tinha um frigorífico, tinha fogão e tinha essas coisas todas, preparado para ter cantina mas não tinha cantina a funcionar. E então ia lá, comia lá, tinha lá as minhas coisas. Comia e depois ou ficava entretido, tinha as actividades com os moços, ou ficava lá a ler... ou ficava a ler ou com actividades com os moços. Andava por ali. Andava por ali. Passava o dia na escola, passava o tempo todo na escola.

E – E quais é que foram os teus medos enquanto professor primário? Porque foi a primeira vez que deste aulas.

e – Não tive medos, não não tive medo nenhuns porque aquilo era a tele escola, e aquilo era, era tudo muito fácil porque eram as sessões com televisão, eram as sessões com televisão com, com material de apoio, praticamente o professor não tem trabalho nenhum. Entregar as fichas com base nas orientações da televisão. Não tinha que ler, não tinha que preparar aulas. Está tudo preparado, está tudo planificado. Aquilo era uma papa, as aulas são todas planificadas, já todas planificadas. Português, abríamos a sessão dava aula em português na televisão, depois era entregar as fichas aos miúdos para eles fazerem. E depois corrigia, só tinha o trabalho de corrigir mas não tinha que planificar, não tinha que nada. E os putos já eram, já era preparatório, primeiro e segundo ano, portavam-se bem, eram porreirinhos, não haviam problemas de indisciplina, os putos até gostavam de mim, fazíamos assim muitas actividades, assim passeios quando podíamos portante foi muito, muito tranquilo e muito pacífico, não senti problemas nenhuns na, nessa fase da, da entrada na profissão.

E – E não só nessa experiência que tiveste – porque na tele-escola é diferente do que depois, uma escola normal – mas em que é que o magistério te ajudou? Que é que aprendeste no magistério que realmente depois aplicaste nas tuas aulas?

e – Ali não.

E – Ali não, mas enquanto professor primário...

e – Sim, como professor primário obviamente que sim, como professor primário pelo menos deu-me os fundamentos. Eu já tinha feito práticas no primeiro ciclo e depois não

convém esquecer que eu, quando fui para o primeiro ciclo, já tinha sido três anos professor de educação física, em Tomás Cabreira e no Liceu. E quando era RAF, logo depois do 25 de Abril, nós desenvolvíamos atividades com... eu era... fazíamos voluntariado, fazíamos atividades... organizávamos atividades de desporto nas escolas primárias, portanto eu já tinha contacto com crianças da escola primária e era muito direcionado para o desporto. Isso para mim não me fez confusão nenhuma ir para o 1.º ciclo e trabalhar com crianças: nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. As aprendizagens do, do magistério deram algum suporte, mas aprende-se é fazendo. No 1.º ciclo aprende-se é fazendo. Porque os métodos que aprendi foram analíticos sintéticos, os que eu utilizei também na escola quando fui dar aulas no 1.º ciclo para Alcantarilha. Que depois fui professor em Alcantarilha – professor primário.

E – A seguir de Odeceixe?

e – A seguir de Odeceixe. A seguir de Odeceixe... A seguir de Odeceixe... (Pausa 5s) Não tenho a certeza, já não me lembro se fui primeiro para a Culatra ou se fui primeiro para Odeceixe. Não, não. Fui primeiro para Alcantarilha, fui primeiro para Alcantarilha e depois estive em Alcantarilha um ano e depois fui para a ilha da Culatra e depois estive outro ano na ilha da Culatra. E depois fui para as anexas do magistério, vim para o Bom João. Foi isso. Foi isso.

E – E ainda falando em Odeceixe, que aprendizagens retiraste do tempo que lá estiveste?

e – Aprendi que não se pode dar feijoada aos cães que lhes faz mal à barriga (Risos). Aprendi que uma feijoada não se faz com um litro de feijão. Aaa... Eh pah, aprendizagens propriamente eu acho que não construí grandes aprendizagens. Aprendi que não era capaz de viver num sítio tão isolado durante tanto tempo. Eu era menino de cidade e de movimento... e naquela idade tinha 24/25 anos... a dinâmica da cidade, os jogos, o, a, as equipas, o grupo de amigos... não conseguia estar uma semana isolado, só com as crianças, sem ter vida social à noite... não, não... aprendi que não conseguia estar num sítio isolado. Se foi uma coisa que eu aprendi foi que não era capaz... aprendi não, constatei que não era capaz de viver assim em sítio de isolamento.

E – E sentiste falta do mar?

e – Senti muita falta do mar. Chegava a ir, às vezes, a pé – que ainda é longe – desde Odeceixe até à praia, dava aqueles passeios... ainda dava... às vezes olha, era isso que eu fazia às vezes de manhã, quando não tinha atividades na escola. Porque aquilo ficava à saída. A escola fica à saída de Odeceixe e depois ainda ficava para aí a 25 minutos ou meia hora. Às vezes ia até ao mar, ver as ondas e ver a praia... ver o mar, tinha necessidade. Era o que eu fazia às vezes, nem me lembrava, dava esses passeios a pé. O mar, sim. O mar sempre fez parte da minha vida e não, não posso estar muito tempo sem ver o mar.

E – Pronto, e a seguir foste para Alcantarilha...

e – A seguir fui colocado em Alcantarilha, também com o 1.º ano. Aí foi uma experiência... aí foi choque com a realidade! Aí foi choque... fui ensinar crianças do 1.º ano a ler e a escrever. Senti o que é trabalhar com professores primários... uma professora mais velha... uma outra professora, tinha aí uns 40 anos, passava o tempo a fazer-se a mim... aquelas idades!... falta de homens no 1.º ciclo! A mulher tava, tava a tornar-se um bocado obsessiva. Aaa... Algumas vezes ficava em Silves para não gastar dinheiro e ficava na casa da minha sogra, e aquilo não estava a resultar – para não ir de Faro todos os dias, de, de... de Faro-Alcantarilha, Alcantarilha-Faro... levava o carro... outras vezes ia de autocarro e perdia o tempo todo no autocarro. Foi muito chato. Foi um ano muito chato. E foi um ano que foi marcado pelo nascimento da minha filha, que nasceu com um bloqueio no coração, e portanto foi um dia quando eu saí, vinha de Alcantarilha... cheguei a casa e a mulher estava em prantos a dizer que a bebé tinha, que a bebé tinha um problema qualquer e portanto foi marcado por isso... Alcantarilha associa-se àquele, aqueles momentos angustiantes das viagens... ia a Loulé, ia aqui, ia ali... perdi imenso tempo nas carreiras. Não gostei muito do trabalho... eram crianças do 1.º ano. (Sopro) Não gostei muito da experiência. Não gostei muito da experiência. Era eu e mais duas professoras. Uma velha, muito chata – ainda é viva essa mulher. E a outra, que era casada com um gajo lá do parque de campismo, a mulher tinha para aí uns 40 anos e na altura tinha para aí 26 ou 27, era um borrachinho. A mulher fazia-me um assédio, mesmo assédio, fazia-me mesmo assédio.

E – Então entretanto o João também já tinha nascido...

e – O João já. O João ficava. A Isabel é que coordenava toda... O João nasceu logo no nosso primeiro ano. Então o João nasceu quando eu estava...

E – Depois de Odeceixe...

e – Depois de Odeceixe, nasceu em Setembro. E depois, daí eu vou para... e depois, daí... (Pausa 4s) Eu primeiro fui para a Culatra e depois é que fui para Odeceixe. Ao contrário... fui para a Culatra, segundo ano de Culatra e depois, terceiro ano, Odeceixe. Exatamente! E depois de Odeceixe, Anexas. Porque o João era pequeno e a Helena ainda não existia quando eu fui para a Culatra. Exatamente. A Lena nasce quando eu tou na, quando eu tou na... quando eu tou, vim de Alcantarilha para depois ir para as Anexas. Exatamente foi isso...

E – Então, a Culatra... como é que foi a tua experiencia na Culatra? Já foi melhor?

e – Eh pah, foi...foi...exatamente. A Culatra foi... (Pausa 2s) difícil de explicar, (pausa 3s) foi (Pausa 2s) muita aprendizagem... muita aprendizagem, mas também num meio que eu dominava. E sobretudo foi... foi um bocado revolucionário porque eu fui colocado numa escola onde havia - eh pah isso só sobre a Culatra, isso dava para falar muito tempo. Sobre a Culatra dá para falar muito dá, porque sobre a Culatra - Eu fui colocado numa escola onde, onde havia iniciantes, porque eu era novo. Havia tele escola na Culatra, havia as turmas já com os professores do 2º, 3º e 4º ano – três professores – três professores, exactamente! E eu ia ficar com o 1º ano. E como, na ilha da Culatra entraram doze crianças para o primeiro ano. Como eram poucos... e havia os putos que tinham ido resistindo com o insucesso, que havia um grupo de dez moços com insucesso escolar entre os doze... entre os onze e os doze, treze anos...entre os onze e os catorze anos, que não tinham sucesso. Os professores em lugar de ficarem com eles mandaram-nos para mim que era homem. E então, foi ali uma luta do, dos demónios...foi uma luta dos demónios. Porque eu entretanto deparo-me com, metade crianças de seis anos e metade matulões de doze, treze, catorze anos. Uns que queriam aprender e os outros que já se tinha recusado a aprender há muito tempo. E tive logo conflitos com um deles, eu já contei isso, acho eu, já te contei isso particularmente. Eu tive logo conflitos com um deles. Porque um Baguinho, um moço p'raí de catorze anos (grunhido de representação) um aspecto mesmo de moço do mar...matulão mais (Imperceptível) c'os outros, fumava, ia à escola só para confusão, já tinha dado uma cadeirada na professora do ano anterior, já tinha posto a professora a, a mexer, a professora deixou de ir à escola com medo dele. E o gajo no primeiro... no, no....logo no primeiro dia começou-me a experimentar. Caiu da cadeira, não...primeiro saltou

para cima da secret...da, da, das mesas que estavam em U, porque eu tinha juntado todos, em U que era para eu poder conversar com todos, as crianças que tinham chegado e os, os matulões. E o gajo saltou para cima da mesa e começou a correr as mesas e a dar estaladas nos moços assim (barulho representativo, lá, lá, lá) à estalada, eu disse, “Eh pah senta-te daí pah!”. Eu tinha... vinte e seis ou vinte e sete anos. Jogava andebol ainda de competição, desporto de competição. Tenho uma fotografia dessa equipa. Desporto de competição portanto, estava no auge das minhas aaa capacidades físicas e tinha a altura que tenho hoje e... e sempre fui um bocado também um bocado agressivo e um bocado para a violência. Não tinha medo de nada, naquela altura não tinha medo de nada, nada me metia medo. Hoje mete, muita coisa me mete medo, naquela altura nada me metia medo, nada, nem ninguém, ninguém me metia medo. ”Oh..Saí daí pah”!! O gajo fez-se parvo e tal. Lá se sentou. Estava aí passado um tempo e estávamos a conversar, fomos ao intervalo, saímos do intervalo. O gajo estava sentado, caí da cadeira. Caiu mesmo de costas da cadeira quando a... a... a velha, uma, a velho..a...Maria do Carmo

E – Contínua?

e – Não, não a directora da escola, Maria do Carmo, Maria... como é que essa mulher se chamava? Depois foi colega da minha mulher e tudo pah e depois esteve também na educação de adultos. Era a v... é, é, era... Bernardo da Velha, era a mulher do Bernardo da Velha. Um homem que jogou futebol no fareense, cabo-verdiano que já morreu, que eu vim a trabalhar com ele mais tarde na educação de adultos que ele era o responsável da zona agrária de Cachopo. Esse também já morreu... cabo-verdiano. Aaa ela era a mulher do Bernardo da Velha, agora... a Luísa Bernardo da Velha, Luisa! E a Luísa era directora da escola do, do... de, lá da Culatra. E a minha sala ficava junto... à salinha que... a minha sala tinha uma pequena dependência que, que era onde nós nos juntávamos e onde bebíamos café. E então todos os professores iam lá e tinha, onde deixávamos...onde tinha um pequeno frigorífico, onde se punham as coisas do almoço. E a Bernardo da Velha era a directora da escola e dava aulas de tarde. Quando ela entrou - que era a directora - o gajo caiu para se armar em engraçado, começou tudo a rir e passei-me completamente dos carretos. Fui ao pé do gajo, agarrei o gajo pelos, pelo cagote, pela blusa, levantei-o no ar. O gajo era um matulão, mas eu também tinha 27 anos e estava cheio de força naquela altura. Começou a espernear, cheguei à mesa, cheguei à porta da, da sala e joguei-o fora. Joguei-o fora. Caiu na areia...(som representativo) – Não entras aqui mais, só entras aqui quando te portares bem. Filha

disto, filha da puta e mato e faço e aconteço. Todos os nomes que ele conhecia ele acho que me chamou naquele dia. E não entrou... Pronto. E nunca mais entrou na sala. Ficava sempre ali... ficava sempre ali. Esse indivíduo depois quando eu ia, quando eu ia à costa com os moços, saídas de estudo ou quando ia à ria ele ia sempre com a gente. Eu nos intervalos fazia jogos de futebol só com os matulões, e eu jogava com eles e ele jogava... mas nunca mais entrou na sala. Durante cerca de um mês ia-me esperar à ponte. Uma vez vinha com uma fisga, que é de apanhar chocos que é um arpão, uma vez vinha com uma faca de amariscar – “eu mato-te , eu faço-te, eu aconteço-te” – e eu: “sim”. Chamando nomes, e eu sempre de olhos. Se este gajo dá dois passos mais direto a mim parto-o todo, dou-lhe aqui um encherto. E disse-lhe “experimenta. Tu podes dizer os palavrões que quiseres pah, mas se tu levantas a mão eu mato-te aqui!” As pessoas ficaram todas a olha para mim. “Se tu me levantas a mão eu rebento contigo”. E o gajo andou, andou, andou e depois com o tempo esqueceu. Mas depois fazia as actividades e eu falava com ele normalmente.

E – Não entrava dentro da sala.

e – Não entrava dentro da sala.

E – Ficava à porta!

e – E foi o único na ilha da Culatra que me ofereceu... ofereceu-me uma faca de amariscar, foi o único que me fez uma oferta na ilha da Culatra, que na ilha da Culatra nunca ninguém me ofereceu nada. O gajo no fim deu-me a faca de amariscar: “Está aqui uma faca de amariscar”, porque ele ia amariscar com a gente. Foi a forma como eu me afirmei perante aquela, aquela gente, a maneira como eu me afirmei perante aqueles doze alunos foi exactamente por eu saber amariscar.

E – Hum, hum, como é que fazias? O quê que fazias?

e – E depois aquilo não estava a resultar, porque eu estava a trabalhar com os dois grupos e aquilo não estava a resultar. Uns eram iniciantes, e os outros matulões tinham-se recusado a aprender e já conheciam aqueles livros dos pés para a mão, já tinham passado pelas mãos de seis ou sete professores. Aquilo para eles era igual ao decilitro. E eu então fiz uma exposição ao Diretor Escolar, que tinha dois grupos e apresentei a situação e ele colocou lá a Laura... Laura, uma colega minha do magistério que era de Olhão, que passou a dividir a sala comigo. Uma coisa um bocado inédita na altura, não sei como é que o gajo foi naquilo. E então dividimos a turma ao meio, sem par... quer dizer, em termos de mesas, ela trabalhava só com os miúdos iniciantes, eu trabalhava só com aqueles vadios, com aqueles gajos. Ensaiei tudo e mais alguma coisa e aquilo não

estava a resultar, os gajos não queriam saber pah, os gajos não queriam saber, já conheciam os livros, já não queriam saber. Então eu um dia tive um vipe, os gajos nem sequer me me...

E – Respeitavam?

e – Res... respeitavam fisicamente, tinham medo de mim. Viam o que eu tinha feito ao outro, epah eu era um, eu era um matulão pah, na altura já tinha uns oitenta e cinco quilos de peso, um metro e oitenta e sete, oitenta e cinco, oitenta e seis quilos de peso e jogava andebol e tudo e estava... e jogava com eles futebol, pois então os moços, aquilo era como brincar com crianças, porque era um homem no, no pleno das minhas capacidades físicas, portanto eles comigo na... e viam que eu não era de brincadeiras que eu fazia esta cara assim... Os gajos tinham...tinham respeito ou medo, mais medo, não propriamente respeito. Não autoridade, mas o medo do poder. Até que eu um dia pah, não sei a que propósito veio “E o professor e não sei quê, e não sabe nada e o professor...e a gente...e isto não interessa nada...e a gente gosta é do mar”, “Ai gosta do mar? Querem ir amariscar? Aposto..aposto...”, foi mais ou menos, já não me lembro bem, isto já foi à tantos anos, mas acho que disse qualquer coisa do tipo “Oh, não sei, se calhar sei aquilo que vocês sabem e se calhar até sou melhor do que vocês”, ”Ah isso eu gostava de ver” e não sei quê... “Então eu sou capaz de irmos ali à maré sou capaz de apanhar mais ameijoas do que vocês”. Porque na altura o meu pai tinha viveiros de ameijoa, e eu ainda ia comer para o mar. Nessa altura, pois o meu pai era... o meu pai morreu tinha trinta e tal anos nessa altura, e eu ia sempre ajudei muito o meu pai, e sempre gostei de ir ao mar. Pufh a amarcar, era como um homem do mar, por isso é que eu estou à rasca das costas, por isso é que as minhas costas é o que dá cabo da minha... da minha qualidade de vida é as costas. Pois então, aqueles anos todos a amariscar dobrado, dobrado ali e a fazer esforços. Oh, e a faca de amariscar tinha tudo “Aí é? Então amanhã vamos à maré!”... e foi assim! Os gajos ficaram um bocado aaa coiso, “Vamos à maré” e o outro foi. Cada um, fomos para a ria. Levei um cestinho cada um, eram os moços, não tinham moços, eram só homens, só moços. Dos doze aos catorze anos eram os gajos que lá tinham tino. Acabou a maré, “A gente encontra-se na escola!”, vamos buscar uma balança, “Vamos lá ver quem é que apanhou mais ameijoas”... Está bem, passei algum cartão? “Hoy, o professor sabe amariscar... hoy o professor “... E eu conhecia aquela linguagem porque quando eu era moço íamos para a Deserta e as moças da Culatra iam para a Deserta também à ameijoa para levar para os viveiros e para vender, e eu conhecia a linguagem daquela malta toda, dominava o

conteúdo linguístico que é uma grande vantagem. Se eu tivesse sido colocado no campo tinha sido mais difícil, mas no mar? Então eu sempre toda a vida a viver no mar, tinha algum problema com os homens do mar e com os moços do mar? Começaram-me a respeitar.. “Hoy o professor”... e então dei uma volta completamente. Livros, foi tudo para dentro da gaveta... só havia cadernão, lápis, caneta e borracha,...mais nada! E para fazer actividades fazíamos: íamos ao mar, fazia textos colectivos, escritos no quadro. Agora fazemos a cópia, vamos passar o texto pa, para o cadernão, obrigar a passar. Matemática pouco trabalhava porque já matemática, cálculo mental era um, era um, não passavam cartão nenhum, só depois tinha necessidade de por as contas em pé e multiplicar e apresentar em termos de representação, porque mentalmente, e a matemática não tinham dificuldades. E depois quando aprenderam mais ou menos a ler, fazer os problemas, eram umas máquinas! Até nos problemas, agora na linguagem é que estava aqui. Foi... foi quebrar, foi, foi, foi desbloquear. Oh... apareci com aquilo os gajos começaram a gostar. Depois fazíamos um texto colectivo, depois eu tapava as palavras, apagava, fazia jogos...”então vamos lé descobrir qual é a palavra”, textos com lacunas, “vamos lá descobrir qual é a palavra que falta”. Nem fazia fichas nem nada com a impressora, era tudo no cadernão que é para obrigar os gajos a escrever. Oh... aquilo resultou e a minha vida praticamente era textos colectivos, falar sobre diferentes coisas e sempre que havia possibilidade, dia sim dia não praticamente ia, ia... ou ia à costa. Nunca comi tantas, tantas conquilhas como naquele ano, íamos à conquilha. Mas, nunca me deram uma conquilha... as conquilhas que apanhavam não eram par... nunca deram nada ao professor, cada um apanhava para si. E depois só que tudo o que eu fazia, até dos jogos de bola eu fazia textos coletivos, aproveitava tudo para fazer textos colectivos. E aí começou, tás a ver? Comecei-me a aproximar de Paulo Freire sem saber, vês? Aliás quando fiz aquela comunicação em (Imperceptível). Aproximei-me de Paulo Freire sem saber. Só vim teorizar o que eu tinha feito na prática que... eu tenho é que... mas aquilo surgiu pah pr... não sei pah, não sei, aquilo surgiu por uma inspiração, por uma intenção que eu andava desorientado, isto não vai resultar. Oh, e os gajos gostavam, e eu comecei a gostar. A partir do momento em que eu comecei a perceber que eles gostavam de ir à escola, porque nunca sabiam o que iam fazer. Fazíamos montes de jogos, íamos lá para fora e fazíamos jogos. Só que depois trabalhei muito oralidade e fazia muito trabalho escrito, só quadro e cadernão, mais nada, só caneta e cadernão não havia cá fichas não havia nada. Com, com com perguntas para os gajos lerem... trabalho de grupo. Mas muito, com muito com base no conhecimento que eles

tinham. E depois das artes de pesca para eles falarem sobre as artes de pesca, e eles traziam as artes de pesca, e depois eles falavam da vida deles. Quer dizer, eu descobri sem, sem ter descoberto Paulo Freire acabei por descobrir, foi de uma forma intuitiva, por isso é que eu me sinto tão próximo, também me identifiquei tanto com Paulo Freire porque muito do que eu fiz na escola primária, eu contei essa... Disse à Luiza Cortesão uma vez e ela disse-me para eu pôr isso em escrito. E eu já escrevi isso agora na minha, no meu relato biográfico, escrevi um bocado sobre isso. Mas depois foi uma descoberta, foi um ano muito bom por isso, e eu gostava da liberdade. O que me custava era levantar-me às seis porque tinha que apanhar o barco às sete e um quarto, e depois só vinha à uma e tal. Mas enquanto estava lá... o que é que eu não gostei? Hoje teria feito uma opção completamente diferente, hoje teria ficado a morar na ilha da Culatra. Porque perdi o contacto deles, porque um trabalho de professor primário que se quer um agente ali de desenvolvimento, ainda por cima atendendo ao estado em que ainda estava, eu precisava estar com aqueles moços também da parte da tarde. Eu precisava de conhecer melhor as famílias e o modo como eles viviam, não podia apanhar o barco. Um professor primário é... a concepção que eu tenho de professor primário, não pode apanhar o barco, entrar na sala, sair da sala e ir-se embora. Eu também tinha os moços pequenos, tinha o João pequeno e era casado e queria vir, e eu era um bocado preguiçoso. Depois vinha e ia ao cinema, gostava da tarde, tinha qualquer coisa para fazer à tarde, era um espectáculo as tardes, ia para o colégio e tinha tanta coisa para fazer. E era uma vida um bocado de malandrice, porque aquilo não me custava porque eu nem preparava aulas. Eu não preparava aulas por isso foi um ano de malandrice, porque eu gostava e não preparava aulas porque era muito... pensava ali duas ou três horas, na véspera, o que é que havia de fazer no outro dia, e era muito por inspiração e depois com de acordo com o tempo, com de acordo com o coiso, íamos à berbigão, íamos à ameijoa. Ah fartei-me de apanhar ameijoa nesse ano, íamos à conquilha. Fizemos, fizemos umas quantas viagens, visitas de estudo, era passeios! Viemos ao farol aqui à...ó ó ó, à ilha do farol a pé pa pa, eu expliquei-lhes onde é que eram os ângaros. Nem tu não sabes o que são os ângaros, mas os ângaros eram um espaço no tempo da II Guerra Mundial onde no, no tempo, naqueles... como sabes Portugal era um país neutro, mas haviam aviões ingleses, hidro aviões que às vezes (Imperceptível) aqui nos ângaros aaa, para abastecimento e p'ra, p'ra, p'ra... e era... manutenção, exactamente. Chamavam-se os ângaros e chamam-se ângaros por causa disso, ficavam ali os aviões.

E – Ah eu sei dos jogos de computador.

e – E era muito, e depois experiências de falar dos moços e depois jogava andebol, levava fotografias também tinha... depois... acho que nessa altura não, no voleibol foi mais tarde. Mas pronto, falávamos da nossa vida e era muito assim...era leve e ao mesmo tempo eu punha tudo no papel e os moços aprenderam e pu-los todos, fizeram todos a quarta classe. Porque eles queriam era ter quarta classe para tirar cédula marítima para poder andar ao mar.

E – Eles já estavam no primeiro, ou..?

e – Eles estavam no primeiro. Eles não sabiam ler... mas já andavam na escola há mais de 7 ou 8 anos. Eu pu-los a ler e a escrever e passei-os! Passei-os... porque é que eu os passei? Porque os gajos aprenderam a ler e a escrever e faziam uma ficha normal. Podiam não ter as competências e os conhecimentos de um miúdo do 4.º ano, da 4.ª classe. Mas que é que eu queria? Aqueles gajos com 13, 14 anos não eram para continuar a estudar. Eles queriam é ir ao mar, queriam é tirar a cédula marítima! Então, era isso que eles queriam! Tanto que nenhum seguiu para a tele-escola. Enquanto que as outras crianças que andavam na 4.ª classe com a minha colega que tinha o 4.º ano, foram para a tele-escola, porque lá havia tele-escola. Não! Aqueles gajos era, dar-lhes a escolaridade e tirar a cédula marítima para poderem andar ao mar! Eles sabiam escrever, fazer o nome, eram capazes de fazer um texto... já faziam um texto... no fim do ano faziam textos. Liam! Não de uma forma... mas depois com o treinamento, provavelmente,... pelo menos saíram dali a ler. Ler e escrever e a fazer textos! Eles estavam preparados... estavam mais do que alfabetizados! Um ano deu, porquê? Eles já tinham andado na escola e os moços, com aquela idade, com 10/11 anos com a experiência de vida que têm aprendem muito facilmente se eles quiserem. Eles estavam bloqueados. Tinham bloqueado...

E – Estavam desmotivados.

e – Não tinham motivação, continuavam a fazer repetidamente a mesma coisa como se fossem crianças de 6 anos. Os professores que os tinham, como era no início... punham-nos junto às crianças e aquilo era repetido e eles bloquearam completamente e não lhes interessava nada. E os putos não tavam interessados, quando lhes apareceu alguém que lhes falou nas experiências de vida dele e na vida deles... e aquilo foi! Oh pah, os gajos aprenderam, depois ali, depois ali de Dezembro até à Páscoa... eh pah... aquilo foi em aceleração! Aquilo foi a velocidade de cruzeiro. Foi a velocidade de

cruzeiro! Depois levavam... porque levavam livros e livros... havia uma pequena biblioteca, liamos livros da biblioteca... fazíamos, fazíamos leitura de contos. Fazíamos leitura de histórias. Contávamos experiências... era, era, era muito dinamizado. O tempo passava num instantinho! Pegava nos gajos por exemplo, quando chegou ali à Páscoa, que o tempo estava bom... eu nunca estava dentro da sala... deixava a turma para a Laura, íamos para a costa, levava os gajos todos e levávamos livros para ler histórias, para contar histórias pa, pa... fazíamos jogos na praia, fazíamos corridas, fazíamos corridas de velocidade... eu sei lá o que é que fazia com aqueles moços! Os moços não queriam que eu viesse embora! Mas eu queria me vir embora... eu queria me vir embora com aquela idade... Hoje não fazia isso, se fosse hoje teria ficado, hoje teria ficado na Culatra... foi uma experiência muito, muito, muito interessante nesse aspeto... eu ali descobri a aprendizagem.

E – E os outros professores como é que eles viam a relação que tu tinhas com eles?

e – Oh pah, tu sabes que... sabes que isto no mundo do ensino primário... para já, eram professoras mais velhas. Algumas um pouco mais velhas. E chega um, uma... Eles, ninguém me enquadrava como professor primário! Ninguém me via naquela altura um professor primário um gajo como eu, com experiência desportiva, com o *savoir faire* que eu tinha, porque eu era um gajo com...

E – Para além de seres homem...

e – Era homem, era moço... disponibilidade física! Não era um... geralmente os professores primários, o protótipo era... de um assim meio mariquinhas que leva o papel higiénico para ir à casa de banho e se limpa como... (risos) o coleguinha que até levava papel higiénico para ir à casa de banho... eu não era nada desse estilo! Então as professoras era assim uma espécie de encantamento, as mais velhas como se fosse... todas... eu sempre tive muito boa relação nas escolas onde passei... tinham um, um encantamento comigo. Eu também tenho uma boa relação com as pessoas, mas era encantamento... eu dava alegria àquela gente. Eu gostava muito de brincar, contava anedotas... era puto, pah! Era muito puto e sempre me viram bem! sempre me viram bem! Nunca... nem problema de ciúmes... nem problema...

E – Pois, a relação que tu tinhas... porque tu tinhas uma relação diferente e foste também, de certa maneira, mudar aaa o que havia naquela escola, não é?

e – Eu fui dar vida à escola. Eu fui dar vida à escola. Eu fui dar vida à escola, até na brincadeira. Era completamente diferente, nos lanches e tudo, terem um homem, um moço, com quem brinca e não sei quê. Eu, no fundo, fui dar vida à escola porque eu era um bocado diferente do tipo de professores primários que se formavam... que se formavam ou não sei, se calhar ainda se formam. Porque ninguém me imaginava como professor primário! Porque eu tinha uma maneira de ser completamente diferente! Mas os moços gostavam e eu acho que tinha jeito para aquilo, por isso ainda gostava de voltar! Eu acho que tinha jeito... tinha jeito e os moços aprendiam comigo! E depois dali... eh pah, eu logo vejo, eu logo vejo no meu currículo, porque eu não tenho a certeza... estou assim um bocado baralhado... já foram tantos anos! A história da Culatra com, com, com Alcantarilha...

E – Mas ainda voltando à Culatra... Qual foi o melhor momento que tu tiveste lá? Se pudesses escolher...

e — Se eu pudesse escolher: quando acabar, quando acabou a escola. Que eu passei os gajos. A alegria dos gajos em ter a 4.^a classe! E que os gajos fizeram e mereceram! Eu minto... eu tou a mentir: eram 12 e passei 11. Chumbou o Manel. O Manel... eram dois irmãos e o Manel era infantil, o Manel ficou. Não faço ideia... se calhar o futuro do Manel foi uma desgraça! Mas não podia passar o Manel. Dos 12, passaram 11. O Manel não passou. E, se calhar, o Manel perdeu-se por ali porque ninguém ia ter a paciência que eu tive. O Manel mijava-se... nas calças, o Manel devia ter para aí 11 anos e o irmão tinha 13. Eram alentejanos, tinham vindo do Alentejo, foram para a Culatra. Aqueles moços nunca iam a Olhão. Faro? Nem sabiam que existia Faro. Os moços viviam só ali na Culatra. Os moços foram adotados e nunca tinham saído da Culatra. E o moço tinha alguns problemas, não fazia assim... cheirava muito mal, pah... e um dia eu tive um problema com o Agostinho que era um professor, que foi meu professor no Magistério... nunca mais lhe falei... nunca mais lhe falei... tive uma vez vontade de lhe dar um apertão, mas acabei por não... “Oh, pah, não mereces! Nã, nã, nã, não vale a pena!”. Uma vez tive, tive, tive estagiários da escola, da escola, da escola de enfermagem...

E – Aí em Culatra?

e – Já havia escola de enfermagem! (Pausa 3s) Já havia escola de enfermagem! Foi quando abriu, a título experimental, a escola de enfermagem. Porque eu tive alunos do

Agostinho e acho que eram de enfermagem, quando eu estava na Culatra. E eu, tivesse pessoas na sala... eram três moças... Estivessem pessoas na sala ou não estivessem agia sempre da mesma maneira... e foi num daqueles dias.... Já foi no final... Os moços tiveram atividades... só foram ver, os gajos foram lá duas ou três vezes... e o Manel cheirava mal como o caraças, sentava-se logo ali... porra era um cheiro a mijão... oh pah... estava um dia de categoria e eu disse: “Moss Manel, mó vai ali à ponte dar um mergulhinho, deb!”... No intervalo... “Vai ali dar um mergulhinho, pah...”. Então, estava um calor do caraças! Elas ouviram. Não sei o que é que disseram na aula, mas depois vieram-me dizer que o professor na aula tinha aproveitado aquilo para dizer: “Um professor que diz ao aluno para dar um mergulho, não sei quê, porque cheirava a urina... e que diz ao professor para ir dar um mergulho e não sei quê...”. Fez um aproveitamento daquilo para armar ao pingarelho! Ficou-me atravessado, nunca mais me esqueci do gajo. Passava por ele na rua e dava-lhe um olhar assim à esquerda. Porque como ele... como me vieram dizer aquilo tudo... estava completamente fora do contexto... eu não vejo... continuo a não ver qual é o mal. Estamos no Verão, tinha a ponte e os moços iam dar banho para a ponte. Pronto, está calor, o gajo cheira a mijão, não se lavava, dava ali um mergulho. É que não se conseguia estar na sala com o calor! Eu e os colegas... eu e os colegas... pelo menos tomando um banho de água salgada, a coisa melhorava... o gajo levou aquilo... o gajo aproveitou aquilo de uma forma um bocado estúpida! É assim o que eu me lembro, de momento desagradável... do momento agradável, que eu me lembre, dos momentos agradáveis sobretudo quando eu comecei a gostar de ir à escola. E, sobretudo, a altura depois do, da Páscoa, em que os gajos já tinham aprendido a ler, o tempo estava bom, não apanhava chuva a apanhar o barco, não apanhava chuva até à escola e aquilo era um gozo do caraças! Aí foi muito bom! Esses momentos... O momento, o momento talvez quando acabou e eu lhes dei a alegria dos gajos! O momento mais significativo: quando eu fiz a pesagem das ameijoas e mostrei aos gajos que sabia mais, que apanhavam mais ameijoas do que o que eles, talvez tenha sido... o momento chave da minha vida ali!

E – Achas que ganhaste o respeito deles?

e – Completamente! Completamente! Não dava hipóteses nenhuma. “Eh, professor!”. Depois eu comecei a contar a minha vida! Tenho viveiros de ameijoa, tenho de barco, tenho o Sameiro... eu vou com o meu pai. “Ah!”. Eu nunca tinha contado as coisas, nunca me tinha apresentado. A partir daí a coisa começou, com... respeito!

Começaram-me a respeitar porque a arte que eles conheciam, eu sabia mais do que eles. Viram que eu sabia mais do que eles em todas nessas áreas. Viram que no trabalho da (Imperceptível), a apanhar ameijoas não dava hipóteses... na conquitilha, nunca medimos... era com os pés... cada um apanhava, mas nunca contámos as conquitilhas a ver quem apanhava mais ou menos, aquilo não interessava... Aaa nos jogos que fazia cá fora já tinha mostrado que não tinha medo de nada, nem ninguém com o Baguinho... passei a jogar à bola, passaram a jogar todos... tinha muito mais força do que eles, portanto não havia nada para os gajos não, não me admirarem, não, não me respeitarem.

E – O Baguinho também passou?

e – Não, o Baguinho nunca mais cá entrou! Não, nunca...

E – Só ia participar nas atividades...

e – O Baguinho depois que eu o pus na rua... não... porque estás a ver, aquilo... a escola não tinha vedações, era areia, eram uns barracões... eu pu-lo fora do barracão para a areia. Ele ficava ali até à espera do intervalo. Para depois estar no intervalo com a gente. Ou à espera que a gente saísse para ir com a gente. Ou para ir mariscar, ou para ir ao farol, andava sempre com a gente... tava cá fora. Estava por ali. Ia espreitar à janela... assim... mas nunca mais armou confusão. Ao princípio, sim. Batia nas janelas e ameaçava: “eu mato-te e não sei quê”. Aquilo durou um tempo, em que eu um dia perdi a paciência e disse: “Se tu um dia me me levantas a mão...”. Porque ele vinha... uma vez ia com uma fisga! Com uma fisga... “Eu espeto-te... filho deste, filho daquele, eu mato e assim, eu faço e aconteço”. Mas um dia, eu não sei o que é que me deu... virei-me assim, deixei os professores andarem, dei um passo atrás, virei-me para ele: “ai de ti que me levantas a mão; se tu me levantas a mão, desfaço-te, arreberto contigo”. Nunca mais... (Pausa 3s) Ou viu que eu estava a falar a sério, ou viu que eu não estava para brincadeiras, que não valia a pena andar com aquelas, andar aí a dizer, a chamar o tempo todo porque não me provocava, porque não resistia, porque eu ã, ã, ã reagia. Foi. A Culatra foi muito giro! Hoje teria sido diferente... mas naquela altura, com um filho pequeno e com a Isabel a acabar... pronto... queria estar em casa e queria... tinha outras coisas! Mas hoje teria... hoje ficaria na Culatra e ficaria lá a viver.

E – Soubeste de mais algum deles, depois...? Seguiste algum deles, ou nunca mais?

e – Não. A minha vida... aquela malta não sai de lá. Tive muitos anos sem ir à Culatra. Muitos anos! Voltei à Culatra... voltei à Culatra, voltei à Culatra... (Suspiro) (Pausa 5s) para aí uns 10 anos depois quando me roubaram o barco, que tinha um ría mar de 4,70 metros... que me roubaram o barco e eu corri o Algarve todo à procura do barco e até à Culatra eu fui a ver se o barco taria para lá. Foi a única vez que eu fui à Culatra. Tive muito tempo sem ir à Culatra.

E – E agora, se tivesses que... três objetos que caracterizassem a tua passagem pela ilha da Culatra...

e – Três objetos? A faca de amariscar... A faca de amariscar... O Cadernão e o Quadro.

E – E os teus pais iam-te visitar, por exemplo, quando estavas em Odeceixe?

e – Não, que jeito... alguma vez? Os meus pais? Alguma vez, Aurora? Que jeito... Alguma vez? Os meus pais não me foram, não me foram ao hospital quando eu fui operado ao apêndice, iam agora a Odeceixe! Então e quando tinha quê... ora, eu estava a dar aulas... não, eu estava a dar aulas na Tomás Cabreira... (pausa 8s) não, eu estava a dar aulas... tinha acabado de dar aulas no liceu... exactamente! No liceu... depois estava na Caixa Geral de Depósitos, depois em, em, em... aliás, essa foi uma das razões, não falei... isso... que eu fui para ao Magistério. Porque eu tava, tava um bocado... também fui por causa do magistério.. fui atrás da Isabel, mas também fui numa fase em que eu, em que eu tava um bocadinho em convalescença. Porque eu um dia estava a fazer um torneio de andebol de demonstração, ali à frente do parque da RAF, onde hoje está o parque de estacionamento... ali, ali na.. ali onde está a Cruz Vermelha... e tá ali aquele parque de estacionamento que partiram e aquilo ficou tudo e agora já tem outra vez parque de estacionamento... mas aí era um terreno. E a gente fizemos aí uma demonstração de andebol, e senti-me mal. Vómitos. Senti vómitos. Senti-me muito mal. Peguei em mim, nem fui para casa... fui a caminho do hospital. Cheguei ao hospital – que era ali onde, onde, onde hoje é o lar, o lar dos velhos, ali ao pé das arcadas, ali do Colombos – fizeram-me uma análise... “Você já não sai daqui!”. Nem... o meu pai só soube porque havia uma médica que era amiga de um amigo meu e que foi dizer: “Olhe, o Joca está internado no Hospital”. Fui operado à apêndice de urgência. Fiquei uma semana no hospital. Achas que o meu pai e a minha mãe me foram ver? Não era o hábito, não fazia parte da cultura... Tive uma semana lá que nem me foram ver. Quem me ia ver eram os meus amigos. A malta é que soube que eu estava lá e é que me levam

sumos e merdas dessas... eu também estive lá para aí 4/5... fiquei muita magrinho...4 ou 5 dias. Depois estava em convalescença, exatamente... depois conheci a Isabel, depois fui para o Magistério, exatamente... foi isso! Foi isso! Foi isso! Foi isso! Foi isso! Foi isso! Não quis ir para a Caixa... exatamente... eu não continuei na Caixa. Não continuei na Caixa porque estive em convalescença, foi uma coisa assim... eu estava na Caixa e depois deixei... e depois sei que eu deixei de trabalhar na Caixa... foi para isso que eu deixei de trabalhar na Caixa! E depois nunca mais lá apareci porque fui para o hospital de urgência, faltei uma semana e depois estava em convalescença e depois eu já não volto... exatamente eu já não volto, depois fui para o magistério. Foi essa história e depois acabei por ir dar aulas... exatamente. E depois já não quis voltar... exatamente... já não quis voltar para a caixa geral de depósitos. Exatamente... fui operado os meus pais alguma vez? Tinha uma grande relação com o meu, mas alguma vez não era dessa cultura de ir visitar ou coisa nenhuma.

...

e – (...) a falar nestas coisas e começo... e começo... é porque eu quando tou no magistério, quando tou na Caixa Geral de Depósitos, quando tou a dar aulas no liceu eu era animador desportivo do INATEL e eu já te disse, a minha educação de adultos começou no INATEL, quando eu comecei a trabalhar com aquelas pessoas, eu era o animador desportivo.. e depois também trabalhei no IND, eu era treinador no voleibol. Portanto, era aí que eu ganhava os meus dinheiros – eu estava no INATEL e estava no IND, era coordenador do voleibol ao nível do Algarve – e aí também foram experiências de desporto interessantíssimas. E aí tenho uma história que, agora com a idade que tenho, já posso contar, que eu fiquei com grande... lembro-me tão bem disto... quando se pensa... tu não tens filhos, quando tiveres filhos e não és homem... mas os rapazes, e quando se pensa na puberdade e quando se começa no desenvolvimento dos rapazes com os problemas que a gente passa... eu comecei logo muito cedo a ser coordenador do volei do algarve, era a nível desportivo aqui mas era responsável pelo volei todo... naquele tempo, foi um tempo bestial... o 25 de Abril foi, foi delicioso, pah, o 25 de Abril foi delicioso pah... havia o END, que era o encontro nacional de desporto, as, as, a direção geral de desportos tinha dinheiro... então o meu trabalho era promover... ai, nunca falei nisso?... até fui, fui Diretor regional da associação de volei do algarve... ia de 15 em 15 dias ao Porto fazer reuniões com a federação portuguesa de voleibol, era responsável... eu era aqui, era aqui era o Diretor

Técnico, era responsável precisamente da associação de voleibol do algarve... como eu fui coordenador do voleibol na, na, na DGD e depois montei a associação de voleibol do algarve... fui diretor técnico regional...a minha vida! Ainda assim o que a minha vida já, as coisas... Eu ia de avião, ia de avião daqui para o Porto. Ia de comboio até Lisboa e depois de Lisboa para o Porto ia de avião. Depois vinha de avião... a federação pagava tudo. Eram bons tempos, pah... eu vinha do Porto de avião e depois vinha de comboio para o... e também cheguei a fazer o contrário: ir de avião daqui para Lisboa e apanhar o comboio para o Porto... havia dinheiro, pah. E na DGD fazia coisas, fazia coisas... uma vez aconteceu uma cena... isto se calhar é *off the record*... (troca de palavras entre entrevistador e entrevistado)... podes deixar estar, dá para perceber um pouco a vida naquele tempo... O Rocheta, acho que já está reformado da DGD e o (Imperceptível) já morreu, eram os dois da... tinham vindo os dois da, da aaa, das ex-colónias, no 25 de Abril... então eu ficava responsável pelo voleibol e fazíamos a campanha do voleibol nas praias... eu distribuía postes e redes e tinha os contactos na maior parte das praias da, do Algarve e punha lá o material, entrava em contacto com a capitania que era para organizar os torneios abertos de voleibol, então deixava nas Cabanas, em Montegordo, em Armação, em Portimão, em Lagos... e aquela malta... havia dinheiro! A DGD pagava, bom brutos almoços... era só por a fatura na DGD! Logo a seguir ao 25 de Abril, havia dinheiro para o desporto. Era o “desporto para todos”! Então aquela malta da DGD queria toda ir comigo. Eu andava com uma carrinha, uma *ford transit* e às vezes conduzia a Ford Transit... tinha livre transito e tudo e só trabalhava em part-time, mas gostavam de mim, confiavam em mim. E uma vez, três... aqueles três macacos quiseram ir comigo e então fomos, era o gajo da secretaria, que o homem era solteiro, era o (Imperceptível), que é casado e o Jorge de Olhão, que era de Olhão o Jorge – não sei onde é que esse gajo anda – fomos às praias e há um deles que diz assim... isto é daqueles episódios de... “Eh pah, vamos passar ali pela falésia que as gajas fazem nudismo...”... estamos no ano de 1975! 76! (...)

(Interrupção)

E – (...) Uma vez quis-me armar em parvo, fomos a Santa Luzia, também nunca mais me esqueci dessa lição... Santa Luzia? Santa luzia, que tem lá o restaurante do chinês... fomos fazer um grande de um almoço... havia dinheiro! Era só... a gente, às vezes até chegava a levar cheque em branco! Almoçávamos, era um chinês que estava lá... Oh! Comemos, bebemos... porque geralmente eu ia com o condutor! E às vezes quando

(Imperceptível) fugia, ia mais outro condutor que era para conduzir a carrinha, apesar de eu também poder conduzir a carrinha, mas ele também queria ir comigo... oh, comemos, bebemos, eu acho que já estava... também era juvenzinho... já estava uma pessoa a saltar para o disparate e comecei a, a, a falar... a mandar boca... por causa de ser japonês e não sei quê... no fim, quando o gajo vem à mesa, o gajo fala em português... ia-me enfiando por, por um buraco! O gajo era estran, mas falava... foi outra lição que eu apanhei, pah! Do respeito, do que é a gente respeitar as pessoas e... porque às vezes a bebida leva a que a gente faça disparates e também não posso, a minha... às vezes vinha ao de cima a falta de... (Risos) Mas são lições que a gente aprende na vida! Às vezes é preciso fazer um disparate... se o gajo me tivesse dado uma bofetada tinha sido bem dada! Mas o gajo falou em português, começou a falar em português e eu assim, alto...

E – Uma chapada de luva branca...

e – Sim, sim. Eu comecei a falar, a dizer disparates assim... já não me lembro o que era... não ofendi, mas, mas não estava com... (Imperceptível) e a gente tem falar em chinês e ter que fazer desenhos, já não sei, porque a gente indicou o prato e não sei quê, até foi... e como o gajo era chinês o dono daquil, pensei, era um gajo alto, pah... a figura do gajo, um gajo assim alto. E acho que me vim a encontrar depois com esse tipo. Acho que o gajo depois até gostava de voleibol, nos veteranos, ele gostava de voleibol... e depois vim a encontrar este homem mais tarde, mas achei isso, comecei a dizer disparates e o homem, como se não fosse nada com ele. “Estes chinocas e não sei quê, estes chinocas...”, pensando que o gajo não percebia, e agora, estás a ver? Naquela altura era um bocado também o preconceito a ideia dos chinocas, nós estávamos em 75, um restaurante no chinês... hei os chinocas, agora os chinocas, os restaurantes chinocas e estes gajos não sei quê... chinocas para aqui, chinocas para ali... e o gajo vem e fala em português na mesa... eh, caraças... apanhei uma vergonha! Nunca mais me esqueci! Nunca, nunca, nunca mais me esqueci disso... portanto são lições que a gente tira na vida. Às vezes é preciso fazer um disparate para aprender. Que devo respeitar toda a gente e... mas muitas vezes é aquela coisa, é falta ali qualquer coisa... falta aprender! Vimos com preconceitozinho, aquela parvoíce que a gente tem... muitas vezes, a nossa formação... mas pronto, foi... foi isso! Da minha vida falava até ao Natal portanto... são muitos anos e muitas experiencias e muita coisa, e do INATEL, e da DGD, e do

magistério, e da escola – da Tomás Cabreira... (Suspiro) tanta coisa! Mas então... (Risos) tu vais-me fazer perguntas a seguir? Vais querer saber sobre o quê?

E – Não, a seguir é só depois do Natal...

e – Ai é só depois do Natal... sim, porque eu... depois dali, depois dali tive, depois dali para onde é que eu fui? Ah, depois dali é outra, outra fase importante... foi quando eu vim... eu já estava cansado... e como ainda tinha, era muito conhecido... eu acho que foi das Anexas... e depois eu acho que foi da culartra depois é que fui para Alcantarilha mas já vamos ver isso... e depois eu estava... já não queria concorrer a outra escola mas pensei “Não fico, eu vou trabalhar noutra coisa qualquer”. Ah, eu não gostei da experiência da... eu podia ter continuado no desporto, tinha tudo que ver comigo e com o desporto no ensino primário... mas não gostei. Só trabalhei até ao final do ano...

E – Mas em Odeceixe foste para essa experiência para acabar ...

e – Fui, fui, a partir... Só estive até Junho, só tive até Junho e não gostei, não quis continuar... queriam que eu continuasse e tinha todas as condições ligado ao desporto, já tinha sido professor de educação física. Era a pessoa indicada para fazer aquele trabalho...

E – O que é que fazias?

e – O que eu fazia era... o que não gostei era a falta de cultura e a, a mentalidade dos professores primários. Porque eu era... havia, havia a educação física na escola primária... e o meu trabalho... e havia várias pessoas a trabalhar isto no Algarve, havia uma coordenação... e nós dávamos fichas aos professores e a ideia era... tu eras professora, eu sensibilizava-te para a importância do desporto, do movimento e da educação física na escola primária, dava-te fichas, fazia a primeira... se fosse preciso a primeira, a segunda, a terceira atividade mas depois tu tinhas que ganhar... depois tinhas que ser tu a desenvolver e eu até dava-te as fichas, vinha fazer acompanhamento, podia reunir contigo, mas a ideia era depois dar-te formação e autonomia para fazeres... e então o que é que acontecia? Quando eu chegava à escola, as professoras diziam logo: “Aí vem o colega da ginástica!” Pegavam nelas, entregavam-me os moços e iam beber café. Uma vez, duas vezes... E eu disse, isto assim não dá. Apanhei uma vez uma irritação com uma e disse, isto nã, não é assim! Porque para elas: “Eu não estou aqui para dar ginástica! Eu estou aqui para ensinar a ler e a escrever”, “Mas educação física

faz parte do programa”... e elas: “Aí vem o homem da ginástica”. E em vez de quererem aprender e fazer, não... iam-se embora. E eu disse: não! Caixeiro viajante, andar aqui de escola em escola para fazer a ginasticazinha... e depois eu tinha autonomia, ia onde queria, ninguém me controlava... mas eu é que achei que aquilo não... aquilo, aquilo era o mau trabalho do desporto na escola primária. E às vezes mais vale não fazer nada do que fazer assim. Mais vale não fazer nada do que fazer assim. E tanto que esse projeto acabou... acabou por acabar. Eu que até tinha, tinha todas as, tinha o perfil para isso... era para dar formação e supervisão das pessoas e ajudar, não era para substituir as pessoas... elas: “Ai o professor já vem, ah vem cá”... e iam-se embora, tomar café. Portanto estive aí, depois tive na... e depois quando eu estive na... depois fui para a Culatra... depois acho que para Alcantarilha a seguir e depois concorri para outra escola, que eu não queria estar em Alcantarilha que era muito longe, e fui convidado para as Anexas...

(Interrupção)

e – As anexas era assim, a escola do bom João era uma escola anexada porque nós dávamos aulas aos miúdos e as alunas vinham fazer estágio para a nossa escola. E eu fui convidado, estava eu no aliança, fui convidado pelo diretor do magistério na altura.

(Interrupção)

e – Depois aí, nas escolas anexas, estive dois anos nas escolas anexas e passei para a educação de adultos. Aí foi onde eu comecei a trabalhar na formação de professores. Tinha aulas, foi trabalho com os putos, também foi engraçado, também tinha a quarta-classe... os putos ali da zona do Bom João, e da Atalaia, e da casa dos rapazes... aí gostei! Aí gostei! Foi aí que eu curti mesmo ser professor primário... depois tinha as estagiárias, tinham mocinhas na sala e elas viam e elas também davam aulas e eu orientava. Aqueles dois anos foram muito fixes. Depois fui para a educação de adultos.

IV Entrevista

E – Ok. Isto agora só umas questões, as primeiras, que me saíram da outra. Algumas dúvidas também. Disseste que em Odeceixe organizaste o grupo de alfabetização. Lembras-te como é que surgiu esta ideia e porque que tu sentiste esta necessidade de fazer o grupo?

e – Porque... (Pausa 4s) por duas razões. Primeiro porque não tinha nada para fazer, era para ocupar o tempo. Portanto e criei aquele grupo de desporto com, com os putos. E depois percebi que as mães eram analfabetas, havia gente analfabeta. As mães dos putos da escola, da tele-escola iam lá para falar comigo ou para ir, e eu percebi que eles eram analfabetos, que havia muita gente analfabeta no, no, na aldeia. E disse ‘olha, vou ocupar o tempo’, falei com a minha colega, ‘queres-me ajudar? Queres-me ajudar?’. E ela de facto ajudou-me. Ela estava sempre em casa, saía da tele-escola e ia fazer meinhas de crochet e sempre a telefonar para o marido, namorado...era uma coisa assim...acho que era o marido dela, era uma coisa assim. Aaa mas ela ajudou-me e então foi por isso que abrimos o curso, para ocupar o tempo, porque eu percebi que as pessoas eram, eram analfabetas.

E – E era quê, pós-laboral?

e – Era, era à noite. Era à noite. Até que a gente saía muitas vezes, ficava, depois quando eu fazia isso, já nem saía da escola. Porque eu ficava na tele escola até às seis e depois acho que o curso era para aí às sete e meia.. eu ficava lá. Ela ainda ia a casa e depois voltava. Eu não ia, eu não, eu ficava lá. Senti por essa necessidade, por ver que as pessoas eram analfabetas, não tinha nada para fazer, era uma taxa acentuada de alfabetismo naquele tempo na aldeia.

E – Deste as aulas como davas aos miúdos, não é?

e – Sim.

E – Era?

e – Sim. Sem intuição nenhum, fazendo, utilizando o livro de fichas sim, uma coisa que não tinha a mínima ideia.

E – Ok. Depois na Culatra...? Entretanto estive a ver o teu currículo por causa daquela confusão de onde é que andaste. Na Culatra, disseste que te aproximaste de Paulo Freire sem saber e descobriste nessa altura que o descobriste sem o conhecer... Aaa de onde achas que veio a sensibilidade de, porque não conhecias Paulo Freire, não conhecias nada ao nível da educação de adultos, onde é que achas que veio essa sensibilidade – de educação de adultos, neste caso não é de educação de adultos – mas de onde achas que veio?

e – Não... a, aí foi a intuição de... professor. Eu só depois associei com Paulo Freire quando conheci mais tarde o Paulo Freire.

E – Era isso que ia perguntar, quando o conheceste se te lembraste daquilo que fizeste...?

e – Lembrei-me da experiência sim, então não me lembrei, então não tinha passado tanto tempo assim. E era sobretudo por estas questões da, da experiência de vida e de valorizar as experiências... e dos conhecimentos, dos saberes das pessoas. E isso foi extremamente importante naquela altura e por isso é que associei, quer dizer, quando conheci Paulo Freire, associei de facto à experiência que eu tinha tido e que eu tinha intuído como professor, não por saber nada sobre educação de adultos, ou por pensar que ser, tinha que ver com a educação de adultos, mas... Os princípios eram os princípios... só que eu não sabia.

E – E agora isto foi uma dúvida, porque eu não sei se é um erro ou não no currículo que eu vi. Porque diz lá que em 82 a 84 frequentaste o curso de economia e gestão de empresas...

e – Sim, não, não, não é engano, não não.

E – Foi mesmo?

e – Andei no ISCTE, em, em (imperceptível).

E – Foi? Mas depois de teres tirado no ministério, de teres andado...?

e – Sim, sim!

E – Ah, eu pensava que tinha sido antes!

e – Não. Não. Porque eu quando acabei o, quando acabei o liceu, fui para o Quelhas, queria tirar o curso de, queria ir para a economia, que era a minha alínea dava, queria ir para economia. Depois como foi o ano do CIVIC, eu tive lá dois ou três meses a gastar dinheiro. E as aulas não eram eram sempre RGA's, RGA's, vim-me embora e desisti na ideia. Até porque eu estava a gastar o dinheirinho que eu tinha ganho, desisti da ideia. Mais tarde, já era professor, pensei 'vou continuar a estudar'. E inscrevi-me no, no, no centro de apoio, tínhamos aulas aqui, ao fim-de-semana. Tínhamos aulas ao fim-de-semana, exatamente, era só aos fins-de-semana. Sábados e Domingos de manhã e íamos fazer alguns exames aaa, ao ISCTE na Avenida das Forças Armadas.

E – Porquê Economia e Gestão?

e – Porque o que a minha, porque era da alínea G e era o quê, era o que é que a minha área dava. E era o curso que havia aqui em Faro e eu já tinha pensado nisto como era da alínea G, gestão, gestão, gestão...

E – Já eras professor primário nessa altura?

e – Ah?

E – Mas já eras professor primário. Estou a falar nesta altura em que frequentaste o curso de economia e gestão de empresas.

e – Já era professor primário, mas gestão porque eu quando acabei o 7º ano tinha-me inscrito em gestão no Quelhas. Então pensei 'olha tinha-me inscrito. Agora tirei lá o curso aqui. Vou frequentar para ver o que é que isto dá'. E de facto não deu muito porque eu não hei-de ser um bom economista mas ainda cheguei, ainda fiz disciplinas do, fiz o 1º ano todo...

E – [Como eu!

e – e ainda fiz algumas disciplinas do 2º ano.

E – Como eu, exatamente (risos). Aaa e depois disseste, porque agora é curioso porque depois foste para economia outra vez, disseste 'ninguém me imaginava como professor primário'. E tu, imaginavas-te? Porque aliás depois entretanto foste para economia, porque se calhar, não sei, ainda estavas indeciso...

e – Não, eu sentia... eu sentia... que precisava de ir mais além, queria-me experimentar e ver até, se tinha mais capacidades. E não, não me via, tentando-me situar naquele tempo, não digo que tinha vergonha mas achava que era curto ser professor primário, para mim era curto só ser um professor primário. Ser mais um professor primário. Precisava de mais qualquer coisa, precisava de me encontrar. E tanto precisava de me encontrar que depois fui para a educação de adultos, andei a fazer outras coisas. É por isso que eu não quero voltar... Acho que sou, talvez... talvez que eu seja, ninguém é bom demais, não é? Mas talvez que eu não, seja bom demais para ser professor primário mas não sou suficientemente bom para ser professor da universidade. (Pausa 2s) O tradicional professor universitário... das comunicações e das idas ao estrangeiro... Não me enquadro, eu não me sinto confortável. Portanto, tou aqui no limbo, estou aqui (risos) entre um campo e o outro. Sou para professor primário, se calhar, tou acima do que é ser professor primário. Mas não me sinto ao nível do professor da universidade, dos projetos e das investigações, e das comunicações e das idas ao estrangeiro. Não me sento aí muito confortável. Talvez esteja aí um bocado nessa... indefinição.

E – Aaa... entre 83 e 85, foste então para a escola do Bom João.

e – Sim.

E – E, nos anos anteriores na Culatra definiste como muita, “muita aprendizagem” e depois em Alcantarilha “um choque com a realidade”. E como é que definias a experiência no Bom João?

e – Aaa (Pausa 4s)... Uma experiência, também uma experiência muito, muito interessante... Foram dois, dois excelentes anos. Por várias razões... Eu tinha feito a, tinha feito o estágio no Bom João, voltei à escola do Bom João, na escola do Bom João encontrei um grupo de professores, mulheres, mais velhas que eu, mas com quem me dei muito bem, com quem me identifiquei muito bem. Depois... tinha uma compensação em termos psicológicos, porque o Bom João era escola anexa. E então eu sentia-me valorizado, porque dava aulas aos miúdos, mas tinha alunos estagiários do magistério que andavam a fazer o curso de formação de professores. E então também a minha sala também servia de local de estágio.

E – Que foi onde tu fizeste também o teu estágio durante o magistério.

e – Mas portanto, eu fui professor e fui professor cooperante. Portanto, como professor cooperante tinha as, as jovens que andavam no magistério que iam ser futuras professoras e isso dava-me um sentido, um sentido também de conforto, de valorização e de reconhecimento e depois também experiências que fazia com os putos. Tive um 4º ano! No outro ano, no, no primeiro ano que lá estive, tinha uma turma mais difícil, mas desenvolvi um projeto de, de psicomotricidade. Li muito o Vítor da Fonseca que era aí um especialista sobre psicomotricidade e como tinha lá uns alunos difíceis trabalhei muito a área da psicomotricidade. Depois desenvolvi o projeto ed, um projeto desportivo aos Sábados de manhã. E depois no segundo ano tive um 4º ano que foi muito, um trabalho já mais consistente, mais consolidado e que eu tinha estagiárias na sala. Portanto, foram dois anos muita giros.

E – Hum, hum. A tua turma do primeiro ano era de que ano?

e – Do, do pri, era uma turma, era uma turma...(Sopro) tinha alunos do 2º e 3º ano e também tinha alunos do 1º ano. Era uma turma difícil que me tinham dado porque eu era, quando vai um homem, quando um homem chegava a uma escola, geralmente... nem sequer era numa sala, era num barracão... e era uma turma que tinha vários anos mas era uma turma dif, um bocadinho difícil porque era uma turma muito heterogénea.

E – Que aprendizagens tiraste do...?

e – Aprendi a ser professor. Aí aprendi mesmo a ser professor primário e, e trabalhei muito uma área que é uma área que me interessava muito que era a área da, da psicomotricidade. Trabalhar, fazer diferentes exercícios dentro do âmbito psicomotor, recuperar crianças com, que eram crianças que tinham algumas necessidades educativas especiais. Apesar de estarem no grupo, já tinham vários anos de reprovação, e eu trabalhava não só a dimensão cognitiva mas também a dimensão físico-motora.

E – Então achas que, dos locais onde passaste até ao Bom João...?

e – Como professor primário...

E – Foi o que te fez crescer mais, foi o...?

e – Foi o que eu gostei mais foi, foi o... porque a Culatra foi bom mas tinha, tinha os vários inconvenientes, ter que me levantar muito cedo, era desagradável o transporte do barco, e no Inverno, ter que... enquanto no Bom João tava em casa, era um outro

ambiente. Tinha as anexas, depois tinha a reunião com as alunas, tinha a reunião com o professor... era mais, mais enriquecido. Era um trabalho mais enriquecido, mais valorizado.

E – E a nível pessoal se calhar para ti também era melhor para ti porque estavas em casa.

e – Pois. Tava em casa e tinha uma outra dimensão de aprendizagem. Obrigava-me a estudar também como tinha lá os alunos estagiários, obrigava-me a estudar e era muito mais, foi muito mais enriquecedor. Tinha mais desafios, era muito mais desafios... ter pessoas na sala a verem o teu trabalho, obrigava-te a seres muito mais atento, estares mais atenta, ensino-aprendizagem, desenvolveres metodologias mais adequadas. Por isso foi um ano mais, muito mais enriquecedor.

E – Depois entra a educação de adultos. Como é que apareceu então?

e – Foi por um... A escola do Bom João era ali ao pé da, da Coordenação Distrital. E eu nesse ano que tive no Bom João recorri algumas vezes à Coordenação Distrital para pedir, para pedir máquinas de filmar e essas coisas, como tinham recursos audiovisuais e era ali mesmo ao lado, era quase ali ao lado, eu comecei a ir à, comecei ir à educação de adultos pedir os recursos... e depois acho que alguém me convidou... Se eu não queria vir. Eu disse “Então tá bem”, porque eu até estava bem no Bom João. É outra experiência ‘olha lá, então está bem’. Então propuseram-me e eu entrei.

E – No INATEL já tinhas tido o contacto com a educação de adultos. Ou tinhas tido algumas experiências, ou não?

e – No INATEL tinha experiências de educação com pessoas adultas mas não no conceito de educação de adultos, quer dizer a trab, no fundo tava a... porque educação de adultos é um conceito abrangente e o trabalho desportivo também é um trabalho de educação de adultos, que as pessoas trabalhavam nas comissões, nas comissões desportivas, aaa organizávamos os campeonatos, e o, a, o desporto, a prática do desporto, ainda por cima era, eram torneios abertos, tem uma dimensão também formativa. Portanto acabava por estar aí, aquilo é educação. Acaba por ser tudo educação. Desporto também é educação.

E – E na coordenação, aaa quando entraste, tinhas consciência o que era educação de adultos, sabias...?

e – Não, não tinha.

E – Sabia o que é que era a educação de adultos?

e – Não tinha nenhuma, não fazia a mínima ideia. Depois comecei a frequentar os cursos.

E – Como é que foi esse processo na Coordenação? Como é que funcionou...? Tiveste vários cargos? Aaa várias responsabilidades...

e – Não, mas os cargos foram todos aaa inerentes ao trabalho lá, porque logo na primeira semana tivemos logo uma formação. Tivemos logo uma formação no, na... nas Açoteias e depois nós tínhamos muita formação e ao ter muita formação depois apercebi-me o que era a educação de adultos, porque nós tínhamos muita formação. Foi um processo normal de, de aprendizagem, porque nós tínhamos muita formação.

E – O que é que fizeste nestes 5 anos?

e – Oh pá, fiz tanta coisa...

E – Tanta coisa... (Risos)

e – Então, mas coordenei o projeto do nordeste algarvio. Parte da semana vinha para o nordeste e andava a visitar cursos e a fazer acompanhamento sistemático, era o responsável dos audiovisuais, fazia o, a, fazia, era eu que fazia a projeção, era projecionista, tirei um curso de fotografia, em Lisboa, aaa, tirei um curso de projecionista. Ia a tudo o que era ações. E depois coordenava, como te digo, era, eram os audiovisuais e era o nordeste, que dava bastante trabalho. A responsabilidade de uma sessão cultural e por vezes também ia aos outros concelhos. O meu tempo era muito ocupado, tínhamos sempre coisas, ia muito para o nordeste. Ia muito para o nordeste. Fazia filmes, aaa tirava fotografias, fazia exposições. Era responsável, era pela fotografia, pelos audiovisuais... também era pela parte dos livros, às vezes até, a catalogação dos livros. Tanta coisa que havia para fazer.

E – Hum. E de todas essas funções que tinhas qual é que te marcou mais e porquê?

e – Ah foi a coordenação do projeto do nordeste algarvio. O contacto com os professores, com os coordenadores de concelhios, com os cursos de alfabetização, com as idas ao terreno, com os convívios, com, com a organização dos encontros de poetas. Tudo me marcou. O trabalho de terreno tudo me marcou, sobretudo o trabalho de campo, o trabalho no terreno.

E – O que é que aprendeste?

e – Oh, o que é que aprendi? (Suspiro). Aprendi, então aprendi o que é a vida... aprendi a conhecer as pessoas da serra, que não conhecia, as culturas, as tradições. Foi sobretudo aprender aaaa o tipo de vida das pessoas que eu não conhecia, não conhecia o meio da serra. Aprendi a conhecer melhor as pessoas. Aprendi... a conhecer o que era melhor a, a solidariedade entre colegas, a amizade entre colegas que eu nunca tinha vivido isso. Só vivi isso na, na educação de adultos. O sentido... PURO de amizade, de sermos amigos, percebes? De, de passarmos pelas mesmas coisas, de termos juntos, de passar pelas dificuldades, de fazermos viagens juntos, trabalharmos juntos, termos preocupações conjuntas. Esse sentido de equipa, só senti na educação de adultos. (Pausa 3s) Foi isso que aprendi. Aprendi sobretudo, para já aprendi sobre educação de adultos, sobre a vida das pessoas, sobretudo esses aspetos de ordem teórica, as questões do desenvolvimento, de realizar processos de terreno com as pessoas, de lidar com as pessoas, foi essas coisas...

E – Que contactos é que tinhas com os adultos. O que é que tu fazias diretamente com os adultos? A nível prático?

e – A nível prático fazia... a nível prático, contacto direto tinha com as coordenadoras de concelhias, com as professoras no terreno e com as bolseiras. Mas quando ia aos cursos interagía com, com as pessoas que conhecia e gostavam de mim, interagía diretamente, quer nos convívios, quer nos próprio cursos, eu falava com as pessoas direta, começava a falar com as pessoas, a dar as aulas e ajudava. Interagía. Quando ia ao terreno interagía com as pessoas. Portanto eu lidava diretamente com as pessoas. Não no âmbito formal, mas no âmbito informal.

E – Quando eras professor primário, provavelmente quando, acho que falaste disso quando estavas na Culatra, disseste que não tinhas medo de nada nessa altura.

e – Sim.

E – E agora, na, com 30 anos, do que é que tinhas medo? Que medos tinhas?

e – Com 30 anos? Agora ou com 30 anos?

E – Com 30. Sim, nesta altura que estamos a falar.

e – Com 30 anos... (Pausa 2s) o primeiro medo que eu tive... (Pausa 2s) foi com a doença da minha mulher, são as questões de saúde da minha mulher e com o nascimento do bloqueio depois no coração da minha filha. Mas mesmo aí era mais com a minha mulher do que com a minha filha. Só comecei a sentir medo... tinha um grande receio de perder o meu pai. Mas o meu pai aaa... viveu até eu... quando tinha para aí 35 anos é que ele faleceu...mas sempre tive um grande medo de perder o meu pai. E depois os meus, não tinha medo de nada, e comecei a confrontar-me com a realidade das coisas com as doenças da minha mulher. Começou cedo. Logo com o nascimento do João teve uma tromboflebite e teve muito mal. Começou logo com problemas de saúde, logo um ano depois de casarmos.

E – Com que idade..? Ela era nova.

e – 26, deu-lhe uma tromboflebite. Teve muito muito mal, muito mal. Teve muito mal, a situação esteve muito complicada. Portanto, ela começou muito cedo com problemas de saúde. Os meus medos vieram daí, sempre o medo da doença, e preocupado da doença, tem-me acompanhado a vida inteira.

E – Mas e a nível profissional...

e – Não.

E – Porque passas de professor primário para uma área que...

e – Não, nunca tive medo. Não. Não. Nunca tive medo. Mesmo quando vim, quando fiz uma passagem difícil que foi vir da educação de adultos, que eu já dominava...

E – Para a universidade.

e – Não é universidade, para o politécnico, para a Escola Superior de Educação trabalhar em formação de professores, aprendi, estudei mas nunca tive medo do trabalho. O trabalho nunca me meteu assim medo. Não, não, não, não. O trabalho não me assusta, os, os desafios não me assustam, preocupam-me. O ter que fazer uma

comunicação preocupa-me mas medo não, medo não. E atualmente isso não me mete nenhum medo. Medo só as questões de saúde é que me metem medo.

E – Então a nível profissional nunca tiveste assim...

e – Não, nunca tive.

E – Achas porque também por teres mais contacto com a prática do que com a teoria?

e – Porque fui confrontado...

E – Se calhar...

e – Não, porque fui confrontado com, com desafios logo muito cedo. Eu comecei a trabalhar muito cedo, comecei a trabalhar muito cedo. Com 19 anos fui professor de liceu de educação física, e tinha turmas, e tinha que preparar e isso não me meteu medo. Fui, fui aaa... trabalhei na Caixa com muita responsabilidade, todos os meses... todos os meses... todos os dias, todos os dias eu tinha sempre na média um movimento naquela altura de 4 / 5 mil contos que eu tinha que entregar ao tesoureiro chefe das recolhas que fazia, nunca me faltou um tostão. E isso sim fazia-me suar. Foi uma razão porque eu não quis continuar na Caixa. Tive convite para continuar na Caixa. Eu trabalhei dois períodos, um de três e outro de quatro meses, tive o convite para continuar. Ainda fiz umas provas, fui a Lisboa fazer os psicotécnicos e fui a entrevista e depois no meio da entrevista disse “Não, eu não quero vir para a Caixa” (Risos). Quer dizer, era a entrevista final, andava em Gestão, ele a colocar-me a questão “Você quer mesmo isto, você é professor primário, tá a fazer um curso de Gestão, você quer isto ou quer... ou se calhar depois muda?” fiquei a olhar pó, para o, para o tipo, para o psicólogo e disse assim “Olhe lá, se calhar não quero não. Se calhar não quero, vim até a ver o que é que dava” (Risos). Porque eu quando trabalhava na caixa, quando chegava ali às quatro, às vezes escorria-me um suor frio quando começava a contar o dinheiro porque era muito dinheiro, mas nunca me faltou. Portanto, esses desafios é que eram assim um bocado mais, porque era uma coisa diferente, de professor de educação física, de repente passar para tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos com aquelas responsabilidades. Comecei a enfrentar os desafios portanto as coisas, os desafios não me metem medo. Tenho medo é da doença e desses problemas assim de saúde e que aconteça alguma coisa aos meus filhos. Isso é que tenho medo. Agora profissionalmente nada me assusta.

E – E, na altura em que estiveste na educação de adultos, nestes 5 anos, o que é que achas que deste mais de ti?

e – O que é que eu dei mais de mim? (Risos) O que é que eu dei mais de mim? Uma boa pergunta... agora faço um compasso de espera...

E – Pausa (risos)

e – Pausa. Não, o que é que eu dei mais de mim é porque a resposta está aqui. Dei-me a mim. Eu dei-me, com a minha maneira de ser, com a minha humildade que eu acho que sou. Dei-me a minha maneira de ser que as pessoas gostavam muito, que muitas vezes eu não ia ensinar nada e aprendia, elas sabiam mais do que eu sobre determinadas coisas. Mas precisavam do acompanhamento ou do aconselhamento ou de sentir-se apoiadas e eu levava materiais, ou tentava dar a minha opinião, mas muitas vezes elas sabiam mais do que eu. O que é que eu dava-me de uma outra maneira, disponibilizava-me para as ajudar. E no contacto com as pessoas, era da coordenação “Ai, é o professor que vem da coordenação” dava mais de mim porque dar assim grandes coisas eu acho que recebi muito mais do que dei. Acho que dei muito pouco. Recebi muito mais das pessoas, amizade e chouriços e vinho e pão, uns petiscos. Acho que recebi mais do que aquilo que dei. Agora dava-me a mim, a minha maneira de ser, a minha simplicidade, eu sempre fui uma pessoa também, era assim muito aaa... bem-disposto e humilde e tinha esta maneira de ser assim brincalhona e gostava de lidar com as pessoas e as pessoas sentiam que eu sentia prazer em estar com elas. Foi isso que eu dei. Agora dar assim é uma coisa mais...

E – O que é que não gostaste dessa experiência? Houve alguma coisa que não...?

e – Não, o que eu não gostei dessa experiência foi das politiquices das Câmaras e daquelas questões políticas, isso é que eu não gostei. Do interesse, fazer as coisas por interesse e por questões políticas. Isso é que eu não gostei e não gostava das reuniões, detestava, detestava. As reuniões da coordenação que eram feitas, que eram feitas na, na, na CCR quando tinha que ir em representação da educação de adultos. E foi aí que eu conheci o Alberto, que eu vi pela primeira vez o Alberto foi nessas reuniões da CCR. Aquilo eram quase todos os presidentes de câmara, aquelas politiquices todas e aquelas arrogâncias, e maneiras... ares de importante! O que eu não gostei foi dos ares de importante. Todas aquelas pessoas que andavam ali, que viviam destas coisas da

política, presidentes de câmara e da, dos dinheiros. Isso é que eu não gostei. Preferia ir para a serra e dar-me com as pessoas do que ter que representar a coordenação. Sempre tive algum problema... a esse nível. De me dar com gente que se supõe gente importante. Sempre tive alguma dificuldade. E isso acompanhou-me sempre. Quando eu aqui há uns anos, fui 5 anos presidente da Associação de Vela do Algarve, que era um cargo que muita gente ambicionava, que era uma coisa de ricos porque na vela andavam alguns fidalgos arruinados. Gente que não tinha dinheiro, gente tesos mas com ares de importantes com os seus barcos, e os, as entregas de prémios, os festivais, eu era convidado só para os casinos, só para os hotéis, aquilo era sempre coisas em grande. Eu aborrecia-me. Preferia fazer planos de atividades e preferia aaa organizar formações e quando tínhamos mais dinheiro dar velas às escolas de vela e dar material às escolas de vela do que ir àquelas grandes... aquelas, aquelas grandes encenações, de entregas de prémios, com discursos, com os, os... a Isabel dizia-me para ir porque era tudo pago e era de borla, mas eu tinha muita dificuldade nisso. Isso, isso marcou também a minha saída. Começou a ver uma oposição...

E – Na educação de adultos?

e – Não, não, não.

E – Na vela?

e – Na vela, sim. Porque era muito elitista e eu não tinha muita paciência para aqueles gajos... e dos bares e dos copos... Eu nem ia. Portanto a partir de um determinado momento comecei... houve, havia uns que me apoiavam e outros que não me apoiavam porque achavam que eu... não entrava com aqueles filmes, não entrava com aqueles esquemas. Portanto sempre tive um bocado aversão, talvez pela minha cultura, pela minha maneira de ser, aversão aos grandes palcos. Uma vez fui representar o, o Roquete, que era o presidente da federação... num, num, num jantar de entrega de prémios em Vilamoura, que era sempre o sítio mais, em Portugal era das regatas mais famosas, em que fiquei na mesa com – não vou dizer o nome – com um dos gajos mais ricos de Portugal. Que é um homem que até gosta muito de vela, que aparece muito na televisão, é o gajo que tem, tem ppp, tem dinheiro...

E – Poços de petróleo?

e – Poços de petróleo no Texas. O nome não interesse. E que também andou interessado aí nessas questões do gás e... é um dos indivíduos mais ricos de Portugal. Gosta muito de vela e tal e estávamos na mesma mesa e falámos ali, mas eu nunca me sinto à vontade com, com essa, nesses meios assim. E a vela dava, eu tive a minha oportunidade de singrar, fui convidado em termos políticos também na altura e eu não... Porque eu só andava com a elite, com a fina flor do entulho, a cultura da vela era uma coisa elitista. E depois Lisboa, as reuniões da federação, eu ia de 15 em 15 dias às reuniões da federação portuguesa de vela. Presidente da associação... tinha um carro só para mim, essas coisas... ainda tive lá 5 anos mas depois disse “Eu não quero saber mais disso”. E realmente se me perguntarem, se eu voltasse atrás o que é que eu teria mudado, nunca teria aceite aquilo. Porque não ficou, porque eu estava... alguns disseram-me, algumas pessoas disseram-me, eu estava para aí 10 anos avançado em relação a eles em termos desportivos, em termos de perspectiva do, do que é o desporto, a competição e das crianças. Eu revoltava-me contra isso, a maneira, os miúdos tinham que ganhar e tinham que ganhar prémios. (Pausa 3s) Tava muito, eu não concordava com muita coisa daquilo que se fazia. Mas isto voltando atrás, estávamos a falar na... ah pois, dos encontros da CCR. Já aí eu tinha esse sentimento, o sentimento de complexo de inferioridade, não sei, chama-lhe o nome que quiseres mas não me sentia bem, não me sentia à vontade, não me sentia confortável. Ainda hoje se me convidarem para um jantar em que está gente que parece com um ar muito formal, não me sinto confortável.

E – Por acaso agora que estavas a dizer se voltasse atrás, ia-te dizer... se voltasse atrás na, na, na época da educação de adultos, o que é que mudavas? Na tua experiência desses 5 anos?

e – Na educação de adultos?

E – Sim.

e – Eh pá, não mudava nada. Fazia tudo o que fiz.

E – Hum... (Pausa 3s) tudo perfeito?

e – Tudo o que fiz. Até o que não devia ter feito.

E – O que é que não devias ter feito?

e – Ai, isso não posso dizer (risos). Que é do foro íntimo. Mas até o que não devia ter feito fiz bem em viver, fiz bem em fazer. Não, fazia tudo na mesma, fazia aquilo que fiz.

E – Nessa altura, que limitações é que havia ao nível da educação de adultos?

e – Não havia limitações nenhuma. Quando começaram as limitações eu saí. Porque, havia o, tínhamos o financiamento, havia os Prodep's, vinha o financiamento da CCR, havia dinheiro, fazíamos coisas, não tínhamos limitações, quando as limitações começaram a surgir, impedimentos de aaa ordem financeira e de ordem funcional, administrativo ou burocrática, vim-me embora. Portanto aí não faltava nada, era tudo perfeito, aqueles anos foram anos perfeitos.

E – Como é que era o teu grupo de trabalho?

e – Ah o meu grupo de trabalho era com as pessoas do terreno. Tinha um amigo mais ali próximo ali na, na coordenação mas dava-me bem com toda a gente. Mas o meu grupo de trabalho, o grupo de trabalho era com as pessoas da serra. De Alcoutim, Castro Marim...

E – Mas então as tuas funções o que é que eram para eu perceber bem? Tu ias, tu andavas de um lado para o outro...

e – Fazia a coordenação...

E – Nos vários cursos?

e – Sim. E organizava, organizava determinado tipo de atividades e combinava com elas determinado tipo de atividades...

E – Que tu dinamizavas?

e – Com eles.

E – Com eles?

e – Com eles

E – Mas eles tinham alguém com eles também ou não?

e – Tinham, tinham. Os coordenadores tinham as pessoas de terreno.

E – Tinham os professores. E tu fazias várias...

e – Fazia a coordenação e fazia os relatórios e fazia aaa, via o que é que fazia cada um e tinha reuniões mensais. E tinha, nós na coordenação distrital tínhamos que ter uma perspetiva do trabalho que estava a ser desenvolvido no terreno.

E – E que tipos de atividades é que tu fazias com eles? A nível prático, com as pessoas.

e – Eu com as pessoas não fazia, só fazia quando me envolvia no grupo. Mas aí a responsabilidade localmente era dos coordenadores concelhios. Só que eu chegava lá e também me metia no meio das coisas! E fazia por exemplo, eu o que é que fazia? Havia coisas que eu fazia, as, a reportagem fotográfica fazia sempre. O filmagem, quando havia convívios assim, eu estava sempre lá a filmar e depois mostrava no fim. Fazia animação, fazia as projeções de filmes, eu é que organizava o debate. Fazia essas coisas assim... Projeções de filmes, as questões dos vídeos, animava determinado tipo de sessões quando eles pediam, animava determinado tipo de sessões. Era, essas coisas que eu fazia.

E – E que pessoas é que te marcaram mais?

e – Na educação de adultos?

E – Hum, hum.

e – Os coordenadores de concelhios.

E – Porquê?

e – Alguns deles. Alguns, alguns, sobretudo as colegas, opá pelo trabalho que elas faziam no terreno, pela dedicação que elas tinham, pela maneira de ser, depois ficamos muito amigos. Ficamos muito amigos. E houve algumas pessoas de quem eu gostei mesmo, com quem me dei muito bem.

E – E já disseste um bocadinho mas o que é que achas, já disseste que achas que aprendeste mais do aquilo que ensinaste, né? E o que é que aprendeste com os adultos que te envolveste?

e – Com os adultos, as pessoas?

E – Sim.

e – Então já... aprendi um bocado o que é viver, o que é lidar com aquelas pessoas. O que era a vida na serra, as dificuldades que as pessoas tinham que eu não conhecia. Foi isso que aprendi pá, aprend, aprendi o que é a humildade, o que é a sensibilidade, o que é o saber de pessoas que não são, que não fazem parte do nosso círculo, são pessoas da serra, pessoas analfabetas mas que têm tanto para ensinar. Foi isso que aprendi, é, o valor da, da dimensão humana. O valor das pessoas. Não é preciso serem letradas para saberem e para ensinarem e para transmitirem. A, o, a, se puder dizer, o lado mais puro, o lado mais saudável das pessoas. Aprendi a conhecer o lado mais saudável das pessoas. Dessas pessoas humildes, dessas pessoas incógnitas que estão por essa serra espalhadas e que sabem imensas coisas e nos transmitem imensas coisas. E nos dão amizade e nos dão...

E – Abrem a porta e dão-nos chouriços e ovos e...

e – Exatamente. E a maneira de serem. Exatamente, abrem-nos a porta.

E – E que aprendizagens achas que já trazias anteriores e que transportaste depois para essa época?

e – A minha experiência de vida, pá. Lembra-te que eu sou, eu venho da zona de S. Francisco, filho de homem do mar, habituado desde pequenino a ir ao mar, a andar ao lado das pessoas, a amariscar, a viver com as pessoas por isso é que é o meu lado humilde e que se calhar é por isso que eu me dou mal nos sítios, nos ambientes sofisticados. Eu sinto-me bem é nos sítios onde sujo os pés de terra. Ainda me sinto bem, pá, indo para o campo ou indo para a serra, falando com as pessoas do que eu me sinto indo para o CCB ou pó... para a Gulbenkian ou para isso assim.

E – Hum, hum.

e – Sinto-me bem é com essas pessoas. Talvez toda a minha experiência de vida... Quando eu estava no INATEL, as pessoas que praticavam desporto não eram propriamente pessoas de elite. Havia pessoas dos bancos, havia, podia haver professores mas sobretudo trabalhava com operários, gente que trabalhava e que gostava de praticar de desporto. Toda a minha vida foi, eu vive em S. Francisco quando eu fui o único que estudou praticamente que aquilo é tudo malta de pata descalça. É tudo gente... portanto eu sempre vive no lado, no lado mais, mais aaa, mais sóbrio, mais humilde da vida.

Foram essas pessoas com quem lidei e é com essas pessoas com quem me sinto, me sinto melhor.

E – O que é que achas que mudou em ti nesses 5 anos? O que é que mudaste?

e – Eh pá, cresci, obviamente cresci. Depois entretanto os filhos cresceram, as preocupações com os filhos, a escola e depois é todos aqueles crescimentos também da vida familiar, a responsabilidade, das preocupações e assim. Em termos de trabalho eu não consigo perceber o que é que mudou em mim. O que é que mudou em mim? Foi a aprendizagem que eu fiz da educação de adultos e a paixão que eu criei pela educação de adultos e por este tipo de trabalho. Porque era um trabalho muito livre, muito autónomo, independente, foi sempre o que eu gostei de fazer, sem horários.

E – E nessa altura, uma pessoa que estava a conhecer a educação de adultos, como é que tu definirias o que era um educador de adultos?

e – O educador era aquela pessoa que trabalhava com as pessoas adultas. Que se mostrava tal qual era assim. Sim. E que proporcionava oportunidades de aprendizagem às pessoas.

E – Quando é que, quando é que conhecestes Paulo Freire? Foi nessa altura ou...?

e – Foi logo, foi logo, começamos logo a ter formação sobre Paulo Freire, sobre a alfabetização. Muita formação, muita, muita formação, nem fazes ideia. O curso de agentes de desenvolvimento que fizemos em Lisboa, Isabel Guerra... aaa, aaa, uma série de autores aí agora, tenho o nome debaixo da língua. Mas da Isabel lembro-me bem porque a encontrei depois disso várias vezes. A Isabel Guerra foi uma das principais aaa mentoras do... tu conheces a Isabel Guerra obviamente.

E – Sim, sim.

e – Uma das mentoras do curso de agentes de desenvolvimento que eram cursos intensivos de duas semanas em Lisboa. E por sinal, e por sinal, na área das Forças Armadas ao pé do ISCTE onde eu tinha andado a estudar. Cursos intensivos. Tive um curso, o segundo curso de agentes de desenvolvimento aaa na Ericeira também intensivo, duas semanas ali fechado. Cursos intensivos. A gente fazia cursos intensivos. Formações intensivas. De ir semanas para Lisboa, fazer formação, muitas reuniões, muita formação. Portanto, o que aprendemos aí foi sobretudo formação. Por isso é que

nós quando estávamos ali estávamos identificados com o que fazíamos porque tínhamos muita formação. Daí a razão porque tu só podes, só podes ter, isso tu podes por como, como tese ou como conclusão. Um bom educador de adultos só é bom educador se tiver formação. Isto não nasce por intuição. E a gente aprende, que é o problema d'antes com o agora, porque toda a gente que trabalhava em educação de adultos tinha muita, muita formação. Muita reflexão, muito encontro, muita partilha, muita troca de ideia “Oh pá, como é que tu fazes?” malta de Faro com Beja, com Portalegre, com Guarda, com Castelo Branco, com Guarda, com o país inteiro!

E – Vocês faziam trocas de ...?

e – To, oh sim, sim. Não, havia muitas reuniões, havia muitas reuniões e muitos, aaa muitos seminários em que a gente fazia partilha, quando nos encontrávamos fazíamos partilhas. Mas muitas reuniões de coordenação, pá, quantas tive eu? Que apanhava malta do país inteiro. É que não era só a zona sul, era do país inteiro. Isso era importantíssimo. Houve um tempo em que conhecia a malta toda.

E – E o trabalho que havia no país era parecido com o que estavam a fazer aqui ou...?

e – Não. Era, era mais ou menos. Parecido com o nordeste algarvio era difícil porque havia poucos... o PIARA tinha mais ou menos parecido que era o projeto do Alentejo, havia um do Mogadouro, havia um para o Minho. Havia para aí 4, 4 aaa, 4 ou 5 projetos integrados. 4, para aí 4. E o do PIARA com quem tínhamos mais relação era parecido, um trabalho parecido com o nosso. PIARA que era do Alentejo, era o projeto integrado da região Alg, da região Alentejo. Havia também o do Baixo Sado que eu lembro-me de ir a reuniões ali a Setúbal. Havia alguns projetos.

E – Hum, hum. E além das limitações económicas que começaram a haver, porquê que saíste da coordenação? Desta fase da educação de adultos?

e – Eh pá, porque a política mudou muito, então as coisas mudaram os, os PIDRE's iam acabar. (Pausa 2s) Não havia financiamentos. Começamos a ficar limitados, não poder ir à serr, à, à, ao terreno porque não havia, não havia financiamento. As atividades estavam a acabar. Muitas atividades que se faziam iam-se deixar de fazer. A gente estava a sentir que a educação de adultos estava a mudar, que a política estava a mudar como mudou. Aliás, já tinha mudado, aqui é que foi mais atrasado. Isto assim não tem futuro, estar a fazer o trabalho, ficar na coordenação a fazer o quê? Entretanto apareceu

a Direção Regional, (Tosse) apareceu a Direção Regional, começamos a ficar debaixo da alçada da Direção Regional.

E – Limitou-vos muito...?

e – Limitou. Comigo não tinha nada que ver. Não estou aqui a fazer nada. Entretanto veio um convite, foram-me convidar à porta, o, o Bandeira “É vai abrir o concurso para a ESE. Não queres ir para a ESE?”, ele conhecia-me do tempo em que eu tinha sido professor na anexa, ele era o supervisor das práticas, o Prof. Manuel Bandeira, tu já não conheceste, era o supervisor das práticas (Tosse) – até apanhava umas grandes bebedeiras - no tempo, no tempo em que eu estive nas anexas e eramos praticamente vizinhos, era o marido da Alexandra Magnólia que foi muito tempo aqui Presidente do Conselho Diretivo. Ainda te lembras da Magnólia? Já não? E ele foi-me bater à porta “Vai haver um concurso para as anexas, não queres ir?” “Pá, pá, pá aaa, para a ESE. “Ah, então eu vou!”, e foi assim.

E – Sim. Então e ainda dessa época da coordenação, aaa um objeto e uma palavra que caracterize essa tua experiência.

e – Um objeto?

E – Sim.

e – Uma palavra é alfabetização.

E – E um objeto, que identifiques?

e – (Tosse) Podia falar em alfabetização e outra palavra podia falar em poesia. Um objeto? Um objeto que identifique? Um objeto associado à...

E – A essa experiência que tiveste.

e – A câmara de filmar. Que andava atrás de mim para todo o sítio.

E – Poesia. Vocês faziam muitos encontros de poetas assim...?

e – Eu é que fiz. Enquanto estive lá fiz 5 encontros de poetas. Durante os 5 anos que tive lá fiz um encontro, que era um encontro, que tu não fazes ideia, era um encontro com milhares de pessoas. Milhares! Porque vinham pessoas de todo o Algarve porque

cada ceba vinha representado. Então vinham autocarros e autocarros. Somos... quantos concelhos? 16, né?

E – 16, sim.

e – Então 16, vinham 16 autocarros. Um autocarro quando eram 2 por concelho. Com gente de toda a parte dos cursos de alfabetização que vinham assistir ao encontro de poetas. Porque cada concelho trazia um poeta.

E – E foi uma das atividades que mais te marcou?

e – Foi a mais, foi a maior. Foi... puuu, ainda tenho fotografias, ainda tenho lá, acho que tenho uma fotografia lá em casa. O meu filho era pequeno vestido com um fato de, ele e a Lena, vestidos com uns fatos de folclore que eles é que foram em Castro Marim entregar os prémios aos poetas. Eu lembro-me do João, tava muita contrariado. Mas sim. Foi aí que a Isabel, não, que, que, que a Amélia começou a cantar praticamente. Quer dizer, ela já cantava mas era sempre uma presença nos nossos encontros a Amélia Muge. Não te diz nada a Amélia Muge? A Amélia Muge trabalhou muito tempo – Ahhh! (Imperceptível) a Priscila – então a equipa era eu, a Amélia e Priscila. Íamos para a serra. A Amélia, a Amélia... tinha vindo também de Braga, cantava com o Júlio Pereira... música popular. Então ela é profissional, anda a cantar músicas com o José Mário Branco, faz parte da equipa da..., tens discos gravados tem tudo, é uma reconhecida. Depois viveu tudo, eu trabalhei com a gente aqui um certo tempo, estava na radial, na INLoco e depois foi para Lisboa fazer uma carreira a solo. Era ela que... ela pegava nos versos e fazia a música. E tinha sempre ela e os ranchos folclóricos, e o rancho etnográfico de Quelfes. Portanto, aqueles encontros de poetas eram um espetáculo. Com poetas, e com música, com... era um espetáculo! Uma coisa em grande, durava ali uma tarde. (Risos) Com a rádio a gravar e tudo, era um espetáculo, aquilo era uma coisa que não... fazíamos desdobráveis, fazíamos livrinhos. Ainda tenho lá para casa um livrinho desses, os outros perderam-se, com a recolha de todos os poetas e todas as poesias dos poetas. Mas era uma coisa feita à maneira, a gente recebia as poesias, selecionava, sabíamos o que é que eles iam dizer. Era uma coisa feita ali à... com todo o rigor.

E – Hum, hum.

e – Bons tempos!

E – Pela TUA experiência, por aquilo que tu passaste e conheces da educação de adultos, o que é que é gratificante para ti na educação de adultos? O que é que é mais gratificante?

e – A recordação... Agora? Ou o que é que foi mais recordação? O mais gratificante foi a vida que eu vivi, aqueles tempos maravilhosos.

E – E para um educador de adultos o que é que é assim, o melhor?

e – Aaa... O que é que queres saber? Como educador?

E – Como educador.

e – Eh pá, foram as aprendizagens. E perceber como é que as coisas funcionam e como é que podem funcionar. E como é que resulta, que a gente viu como é que as coisas resultavam. E porquê que eu digo que resultavam? Porque via-se que as pessoas gostavam. E que aquilo teve resultados práticos. O que ficou melhor foi o resultado do nosso trabalho. A imagem que eu tenho... (pausa 2s) da qualidade do trabalho e do que aquilo serviu para as pessoas. A outra imagem que tenho, foi de uns tempos maravilhosos, pá. Porque a gente estava a fazer uma coisa que gostava, tinha resultados e sentíamo-nos felizes. Eu sentia-me feliz. O tempo para mim não passava. O tempo, cada dia era um, era um dia de maravilha, eu levantava-me de manhã impecável, tomava o pequeno almoço e lá ia eu para a serra, lá ia ter com as pessoas. E quando... quantas e quantas noites eu cheguei às 2 e 3 da manhã, por vir da serra à noite. Quantas, muitas vezes a Isabel acompanhava-me. Muitas vezes a Isabel quando podia, quando estava no colégio, às vezes até ficava, se a atividade era à noite, eu esperava que ela saísse do colégio às 5 horas – já não me lembro como é que fazia com os moços, já não me lembro – mas sei que algumas vezes ela ia comigo. E ela gostava muito de ir, ela gostava muito de ir. Ficaram aqueles tempos. Estás a ver, tu estás a fazer uma coisa, sentes-te livre, não tens horários, tu gostas de estar com as pessoas, tu gostas de fazer aquelas atividades. Vês que as pessoas gostam, as pessoas estão felizes, quer dizer, tu estás feliz e vês que as pessoas estão felizes. Sentes que estás a fazer alguma coisa de útil. Queres melhor recompensa? Não, não há recompensa possível. Esta é a melhor recompensa que tu podes ter. Trabalhar para as pessoas e ver que as pessoas estão felizes, as pessoas gostavam. As pessoas estavam isoladas, pá, a gente éramos, a gente éramos uns mensageiros de...

E – E o que é que é mais frustrante? Essa burocracia que tu falaste...

e – O frustrante? Não, o mais frustrante de tudo, que tu podes apontar e provavelmente é o que as pessoas te diziam, é como é que é possível tanto investimento em termos de *know-how*, de aprendizagem, de dedicação, jogar tudo pela borda fora? Porque como eu trabalhei lá 5 anos, havia gente que também trabalhou 5, 6, 7 anos. E eu encontro, eu fiz parte da equipa de trabalho, que a gente proponha que era para a criação, aquilo que o Alberto tanto lutou, pela criação do Instituto, quando teve na comissão de reforma, quando estive lá nos grupos de trabalho, no grupo, comissão... e quando teve, quando teve nesses grupos de trabalho de educação de adultos, a reorganização do sistema educativo, todo aquele trabalho. O que ele andou a lutar, eu também já tinha feito parte do grupo, já tinha feito parte de um grupo de trabalho em que a gente fez todas as, o, a, o, todas as definições, atribuições, do que é que havia de ser o instituto de educação de adultos, a gente quando tava na educação de adultos, tínhamos uma equipa a nível nacional que nos encontrávamos em Lisboa, a ver apresentações de gente de todo o país, em que ainda fiz duas ou três reuniões, pá, mas depois aquilo não foi por diante. Porque os gajos devem ter metido aquilo no rabo. (Risos) Porque a gente também queria um instituto que era para, para integrarmos, para fazermos parte da carreira de educação de adultos. Queríamos trabalhar nisto a vida inteira.

E – Porque na altura não havia o educador de adultos.

e – Não. Havia pessoas que trabalhavam em educação de adultos. E nós queríamos que houvesse um instituto que definisse a, em lugar de haver direção geral, um instituto, porque nós eramos todos professores destacados. Um instituto que, oh pá congregasse, com uma estrutura própria, como o Alberto definia para o Instituto de Educação de Adultos, com estrutura própria, que superentendesse todos os interesses, todos os trabalhos de educação de adultos. E ver, como maior frustração foi, eu tive uma frustração que me deu a perceber o que é que era esta merda. Eu tive uma semana em Lisboa, um curso intensivo, mesmo intensivo que eu passei o tempo todo numa câmara escura, que era “curso de ampliação e revelação de fotografia”. Aprendi a ampliar e a revelar fotografias. Uma semana. Fui à segunda e cheguei à sexta. Cheguei ao Sábado. Oh, fui cheio de ideias para a coordenação na outra semana porque a ideia era criar depois porque eu gastava, gastávamos mas eu é que ia porque eu tirava imensas fotografias, e as, as fotografias dos cursos, das coordenações, gastava-se muito dinheiro

em fotografia. Muito dinheiro. Íamos comprar ao Loução, o Loução ainda era vivo, ali o Loução, que era a loja que vendia rolos e fazia... Muito dinheiro gastaram, ganharam eles à nossa pala porque a gente ia revelar. Comprava os rolos e eles revelavam. A gente gastava um balúrdio. Então, aquilo era construir uma câmara escura na coordenação, onde eu tinha os líquidos, onde eu tinha todos os apetrechos para poder revelar as fotografias. E depois era a preto e branco, para depois, eu assim revelava tudo o que se fizesse ao nível do concelho. Pá, quando se fez o orçamento, dos serviços centrais acharam que não valia a pena investir esse dinheiro. Quer dizer, fizeram a formação e depois quando chegou à altura de por em prática eu disse assim “O que é que eu estive este tempo todo a fazer?”. Hoje já não me lembro de nada.

E – Pois.

e – Porque já passou tanto tempo. E eu sabia as técnicas todas, da ampliação, da revelação. Eu estive uma semana inteira a fazer esse curso. Essa é uma frustração que eu percebi “Já vi, que uma pessoa por um lado uma coisa mas depois por outro, não”. Agora a grande frustração, frustração é o que eu estou a dizer. É todo o *know-how*, conhecimento, a experiência, dedicação... perdeu-se! As pessoas saíram, deixaram, abandonaram, cada um foi à sua vida.

E – Professor primário ou educador de adultos?

e – Sim.

E – Sim, não (risos).

e – Diz, diz.

E – Professor primário ou educador de adultos?

e – Educação de adultos. Sem dúvida nenhuma. Educação de adultos ou ESE? Educação de adultos. Educação de adultos ou professor de educação física? Educação de adultos. Educação de adultos tudo.

E – Então ao nível das tuas experiências profissionais que tiveste esta foi aquela...?

e – Que mais me marcou.

E – ...que mais te marcou e a mais desafiante?

e – E a mais desafiante e a melhor. É a que fui mais feliz. Em tudo. Não tem, não tem paralelo.

E – Então e depois tiveste o tal convite para a escola, para, pa, para a ESE.

e – Sim, um desafio e inscrevi-me, concorri. E depois acabei por entrar.

E – Como... mas aí foi como...

e – Professor cooperante. Era como é que era? Supervisor das práticas pedagógicas.

E – Mas era de ensino básico, não?

e – Fazer formação de professores do 1º ciclo.

E – Do 1º ciclo, é isso.

e – Que era das variantes e do curso de professores de 1º ciclo... variantes e curso de professor de 1º ciclo. Que era supervisor das práticas.

E – E aplicaste o que tinhas aprendido durante os anos que passaram?

e – Era muito na base da relação humana, isso sim. Na relação com os estagiários, sim, muito da vivência, da maneira de ser, nas questões do aconselhamento. Muito daquilo que eu tinha aprendido em educação de adultos, depois fiz um mestrado em, para aprender mais de supervisão, e muito daquilo que os livros dizem da... da supervisão, eu já trazia algumas coisas da educação de adultos. Porque na educação de adultos trabalha-se muito nas questões da autenticidade, do encorajamento, da empatia. Esta dimensão humanista de Paulo Freire, é a dimensão humanista da supervisão.

E – Então e uma pessoa que vem do terreno, não é? Tu vinhas do terreno, de uma coisas mais prática, mais terreno, contacto com as pessoas, vem para dentro de uma universidade ou politécnico na altura, como é que foi? Foi... a nível burocrático, como é que foi para ti?

e – (Estou cansado)

E – (A gente já acaba)

e – (não mas não é por isso, não sei se é ansiedade, se é stress. É ansiedade.) Aaa... Foi muito pacífico. Foi muito pacífico, porque era uma vida de malandro. (Pausa 2s) Tinha as melhores cargas horárias da universidade.

E – As melhores?

e – As maiores.

E – Ah, as maiores.

e – Enquanto os professores têm 11, 12, 10, 11, 12 horas, eu devia ter umas 19 ou 20 horas por semana. Mas era tudo treta. Quem fez esse trabalho de supervisão, quem fez esse trabalho de supervisão, aaa quem fez esse trabalho de supervisão, como as coisas estavam organizadas, nós só éramos supervisores da prática. E logo a princípio eu não dava aulas. Depois passei a dar uma disciplina. E como não dávamos aulas, era uma papa. Porque, eu por exemplo tinha 10 / 12 grupos, tinha que ir à escola primária ver as atividades e depois fazia reflexões e reuniões de preparação. Mas estás a ver? Eu ia às escolas que queria, quando queria. Uma papa! Não tinha aulas, não tinha que preparar aulas. Ia ver as atividades dos moços, dizia meia dúzia de larachas, reunia-me com eles nos intervalos, ajudava uns ou não ajudava, mais ou menos. Mas era ir à sala, ver o trabalho dos meninos, estás a ver aquele tipo de trabalho em que não fazes nada, só críticas, só mandas umas bocas? Supervisão era um bocado disso. Era um bocadinho só mandar bocas. Porque não tínhamos coisas para preparar. Não tínhamos... depois ao fim de uns anos, eu estive 10 anos nisso, as coisas começaram a ser mais trabalhosas e a entrar em projetos, a fazer mais coisas. Mas logo no princípio, nos primeiros 2 ou 3 anos, era assim. Portanto, a transição foi muita fácil. De um trabalho independente, continuei com uma coisa muito independente e muito autónoma, eu é que geria os meus tempos. Tomava um café, “Oh, três e meia, quatro horas, é o intervalo, bom, vou à escola tal”, é como se fosse um caixeiro-viajante. Vou ver as atividades agora, vejo um bocadinho até ao intervalo que é para depois ao intervalo aproveitar para falar com elas. “Eh, agora quatro e meia, cinco horas, agora vão entrar na parte da avaliação, eh, isto não me interessa”. Eu fazia a gestão.

E – Mas elas faziam, os estágios delas elas iam para as escolas...?

e – Elas iam lecionar.

E – Sim?

e – Iam em estágio. Quem dava mais orientações era a professora da turma, professora cooperante. Eu era o que fazia a ligação com a ESE. Então o meu trabalho era mais para a reflexão, eu recolhia dados para fazermos a reflexão. E para dizer acho aqui, acho aqui. Eu nem sequer tinha tanta experiência como assim. Os professores cooperantes até tinham mais do que eu. Percebes? Então, a transição foi fácil.

E – Então estavas em contacto com elas dentro da escola primária? E não sentiste saudades?

e – Senti, obviamente, por isso é que eu fui compensando. Por isso é que eu nunca perdi esta ligaçãozinha à escola primária, porque eu durante, é que não foram 10, eu estou aqui há 22, 22 anos, só para aqui há 3 anos atrás é que deixei de ir. Porque eu depois continuei a colaborar com as IPP's, continuei a colaborar... não tinha só grupos de prática mas esporadicamente de vez em quando tinha, depois dei os cursos de complementos de formação em que estava em contacto com as professoras primárias, e depois ia à escola de vez em quando. Eu nunca perdi o contacto. E mesmo a Isabel quando estava na, agora reformou-se, mas antes eu também ia. Às vezes ia lá à escola e via os putos e sentia... eu nunca perdi completamente o contacto com, com a escola primária. Portanto daí é que está sempre aqui este bichinho cá dentro. Eu nunca perdi o contacto.

E – Então é um educador de adultos, com saudades de ser professor primário (Risos).

e – (Risos) É um educador. Prefiro, é um educador.

V Entrevista

E – Então antes de passarmos depois para aqui, para a universidade, o que é que tu gostarias de ter feito e não fizeste nesta altura da, dos 5 anos que andaste na educação de adultos por aí?

e – Já estamos na educação de adultos?

E – Já tínhamos estado, já tínhamos estado a falar.

e – Já não me lembro, já não me lembro.

E – Sim, sim a minha ideia é depois se houvesse alguma coisa mais para aprofundar.

e – Sim. E dizes enquanto estive os 5 anos a coordenar o projeto, o que é que eu gostava de ter feito que não fiz?

E – Gostavas de ter feito, que não fizeste.

e – Aí eu acho que já te tinha falado que fiquei frustrado quando fiz aquela formação em técnicas de laboratório de fotografia e depois não montámos o laboratório. Isso foi uma frustração, gostava também, teria sido mais uma experiência interessante, revelar e ampliar fotografias e dar esse apoio. Mas tirando isso não tenho propriamente nenhuma frustração, quer dizer, tudo o que havia para ser feito eu acho que foi mais ou menos feito. Os encontros de poetas que fiz durante os 5 anos que coordenei, que eram atividades... o apoio que dei, o apoio que dei aos cursos. Assim, o que é que eu gostava de ter feito? Também fiz durante, esse período, também fiz algumas viagens ao estrangeiro. Estive em Grenoble, tive em Grenoble com, com os italianos, éramos dois portugueses, italianos, espanhóis. Foi giro, foi uma semana, andamos a, a percorrer lá algumas regiões e a fazer seminários de intercâmbio. O que é que eu gostava mais de ter feito? Não (Risos), ao fim deste tempo eu já não me lembro bem... não há assim nada, naquela altura não tínhamos propriamente nenhum projeto, sabes, porque o nosso trabalho era coordenar, estávamos na ação e nem sequer tínhamos para pensar, “vou planejar”, não tínhamos propriamente, não fazíamos projetos para o ano. Era de acordo como as atividades decorriam e nós dependíamos muito também das atividades que eram organizadas ao nível das coordenações de concelhias. Nós na coordenação distrital não dizíamos “Tenho este projeto e vou implementar este projeto”. Não, as coisas iam acontecendo, era muito assim o acontecendo. Portanto, eu lá, eu lá a aprender, aprendi muito mais do que eu inicialmente aaa pensaria, porque eu fiz dois cursos de agentes de desenvolvimento de não sei quantas horas, uma enormidade de horas, fui seminários, fui para o terreno. Eu acho que fiz tudo o que tinha para fazer, acho que não ficou nada por fazer. O que é que eu tenho pena foi de ter parado, isso sim. A única coisa, se me pergatares, bom, está bem, está bem... “O que é que eu não fiz que não dependeu de mim?”, o que eu não fiz que não dependeu de mim e foi também uma outra grande

frustração foi não se ter criado o instituto de educação de adultos. Foi ter feito aquelas reuniões em Lisboa, fizemos duas ou três, três reuniões a nível nacional com colegas de todo o país. Eu fazia parte da equipa nacional, representava aqui a distrital, que era a ideia, era criar o instituto, aquilo que o Alberto mais tarde também, ou mais tarde ou mais cedo, não sei a iniciativa, mas depois no grupo de comissão o Alberto também tinha essa, também tinha essa pretensão com a comissão de criar um instituto de educação de adultos. Mas nós também tínhamos, nós fizemos várias reuniões porque a ideia era nós podermos optar e haver uma instituição de educação de adultos a nível nacional que fosse autónoma e que nós pudéssemos fazer a nossa opção. Portanto e isso acabou por ficar em águas de bacalhau. Portanto, se houve frustração foi essa termos feito aquelas reuniões e as coisas não terem, não terem singrado. Mas não dependeu de mim. Coisas que dependessem de mim que eu tivesse, gostasse de ter feito, não tenho assim nada que me lembre de, que me lembre de... fiz algumas fotografias interessantes que acabaram por ficar em arquivo, nunca cheguei a fazer exposição. Eles faziam exposições, nunca houve assim um espaço para fazer exposição. Deixei muito material na coordenação de fotografias que fiz. Fiz alguns vídeos que também poderia, também teria sido interessante reunir aquele material todo e ter feito um filme, que também não fiz. Acabou, foi tudo material que ficou avulso, que nunca foi trabalhado. Talvez, ficou obra por completar. Mas de resto...

E – Depois de saíres aquilo continuou...?

e – Continuou, obviamente que sim. Continuou até... continuou depois houve aquela alteração, a coordenação distrital passado... de em noventa e... eu saí em noventa... em 91 / 92 passou para a Direção Geral de Educação. Portanto, as coordenações distritais mais tarde acabaram e depois foi aquele esquema do ensino recorrente, da, da, da escolarização da educação de adultos, os projetos perderam-se, o PIDRE acabou, acabou tudo isso. Passou para a Direção Regional. O material, tudo o que havia, foi para a Direção Regional. Houve muitos colegas que saíram, alguns ficaram adstritos à Direção Regional e depois acabaram por sair. E muito do material acabou por se perder. Eu tinha, tínhamos, tínhamos um, tínhamos um... um repositório bem interessante de filmes, tínhamos máquinas de filmar e lembro-me de eu já estar na ESE e dizer a alunos que havia filmes na direção regional e foram à procura e nem sequer os encontraram. Portanto, muito material se perdeu. Livros, filmes... Quando foi para a Direção Regional toda a dinâmica perdeu-se por completo. E mais tarde, aaa as coordenações, aaa

reduziram-se as coordenações distritais, perderam as dinâmicas, só trabalhavam em termos de alfabetização. A coordenadora, a coordenadora, a coordenadora concelhia só funcionava em termos de alfabetização e mais tarde as coordenações de concelhia acabaram também por acabar.

E – Continuaste ligado a alguém dessa altura? Não agora, como estás a fazer a tese mas...

e – Sim.

E – ...se continuaste?

e – Hum, continuei só por amizade durante algum tempo, ia à coordenação visitar os colegas. Depois continuei a ter alguns pequenos contactos porque quando fui para o curso de educação e intervenção comunitária fizemos algumas reuniões com, com a responsável da, da Direção Regional de Educação, que era uma professora de história que de repente ficou coordenadora, chefe de serviço e coordenadora da educação de adultos. Fui tendo contactos esporádicos e depois acabei por perder os contactos porque depois eles encontraram uma outra... Houve um tempo em que fui nitidamente finto por amizades, não sei se isso convirá ficar aí. Não convém ficar aí.

(Interrupção)

E – Depois então quando saíste da coordenação foste para a ESE.

e – Sim.

E – E, na última entrevista, disseste que isso tinha sido uma passagem difícil. Porquê?

e – Foi, foi, foi. Aaa foi uma transição identitária, uma transição. Identidade, como diz o Peter Alaide, houve uma nova, uma construção de uma nova identidade de aprendizagem.

(Interrupção)

e – Há uma transição identitária porque aaa tava a fazer um trabalho na coordenação, lembra-te que eu só tinha, só tinha trabalhado 4 anos como professor do ensino primário. E o que é que eu vim a fazer? Vim a fazer para a ESE, vim a ser supervisor das práticas pedagógicas, isto é, vinha fazer a supervisão, trabalhar na formação de

professores do 1º ciclo do ensino básico. Portanto, isto é um bocado aquele ditado “se não sabes fazer, ensina”. Quem não sabe fazer, ensina. E então eu no fundo vinha trabalhar na formação de professores, orientar, supervisionar o trabalho nas salas de aula, ser supervisor das práticas, quando tinha 4 ou 5 anos de professor primário. Não tinha tempo suficiente. Então tive que estudar mas, tive que me aplicar mas o mais importante neste trabalho não era o conhecimento que eu tinha do ensino primário porque eles quando faziam a formação, a prática, tinham o, tinham o professor orientador, como é que se chamava? O professor cooperante na sala de aula e eu era o professor da ESE, eu tinha mais no fundo, trabalhava mais aqui a perspetiva humanista e a perspetiva de coordenador e de mediar, e de refletir com eles. Não era propriamente, não trazia, não trazia as receitas na algibeira, nem na manga para lhes dar. Trabalhava um bocado em articulação com... Mas se tivesse muito mais conhecimento sobre o 1º ciclo seguramente que teria sido muito mais fácil. De qualquer maneira, trabalhei 10 anos nisso e acabei por fazer o meu mestrado nessa área da supervisão. E acabei por aprender imenso e também é a razão porque eu nunca fiquei afastado do 1º ciclo, porque aquilo que eu gostava no 1º ciclo, sempre foi uma paixão que eu sempre tive o 1º ciclo, durante aqueles 10 anos foi o meu complemento. Eu ia à escola primária, não tinha uma turma, tinha várias turmas. Conhecia os miúdos, as crianças de todas as salas, tinha relação com os professores, tinha relação com os alunos estagiários. Foi um trabalho interessante. Portanto, essa transição, há sempre uma transição que é sempre complicada.

E – Pois, ia-te perguntar como é que foi então esses 10 anos primeiro no 1º ciclo.

e – Foram 10 anos muito bons. Aliás, toda a minha vida tem sido uma vida boa. Em termos profissionais toda a minha vida tem sido uma vida boa. Eu encaro as coisas também com uma atitude de... e acho também se mudar, fizer uma transição, também vai ser boa. Para mim a vida é sempre boa, as experiências são sempre novas. Eu enquadro-me sempre dentro delas. Foi bom porque... tinha uma parte muito livre, antes de eu ter aulas eu só fazia a prática e então eu ia às escolas, eu é que organizava os meus tempos, era um trabalho mais de relação com os alunos estagiários. Era, tinha muita liberdade de trabalho, não tinha propriamente que preparar aulas. Depois mais tarde é que comecei, começaram-me a atribuir unidades curriculares e já tinha que as preparar. Mas foi muito bom, gostei muito do trabalho na, gostei muito do trabalho da, da supervisão e formação de professores. E continuaria a fazer isso a vida toda. Também se

não fosse a própria política da, da, da escola, eu era aí que eu devia estar. Era aí que eu devia estar, não era no currículo. Eu sou neste momento a única pessoa que está na ESE, do 1º ciclo, com mestrado em supervisão. E no entanto quem está a fazer supervisão das aulas práticas do 1º ciclo são pessoas que não sabem nada de 1º ciclo e que nem sabem nada de supervisão.

E – Eu ia perguntar. Fizeste o teu mestrado em supervisão por algum detalhe específico, sentiste a necessidade de...?

e – Senti e porque tinha que o fazer porque era a área onde eu estava a trabalhar. Fiz os, os complementos, o CES, os complementos de especialização em supervisão. E depois fiz a, o mestrado. Fiz o CES em supervisão e depois fiz o mestrado em supervisão. Na formação de professores do 1º ciclo.

E – E em termos pessoais o que é que foste encontrar na ESE? Ou seja, a nível de... porque tu estavas habituado a um trabalho de primeiro de professor primário, depois de uma coordenação e passaste para uma instituição fechada, onde tens uma direção, como é que sentiste, como é que foi?

e – Não. Se tu me estás a perguntar em termos profissionais, em termos profissionais, a adaptação foi fácil. Porque, é como te digo, sabia o básico sobre o 1º ciclo e depois era muito uma, uma questão humanista e de relação, relação professor com os alunos estagiários. Depois nunca senti, nunca senti a hierarquia. Tinha um coordenador que foi o Zé Alberto Gonçalves, que foi a Margarida Fernandes que já faleceu mas que não havia, não havia, tínhamos reuniões de equipa, mas não havia, nunca senti questões diretivas, não me sentia subjugado a rigorosamente nada. Só uma vez é que tive um problema com a falecida Margarida Fernandes que aí ficamos, já foi quando trabalhei com ela, não gostei de ter trabalhado com ela, paz à sua alma, mas não gostei de ter trabalhado com ela e não nos entendemos. Aaa... Mas nunca tive qualquer problema. Portanto, senti-me muito livre. A coordenação era um trabalho muito, era um trabalho depois que eu já fazia aquilo já sabia o que é que os alunos iam perguntar, já sabia como é que as coisas... era um trabalho muito fácil de fazer, muito de... aaa (pausa 3s) era cómodo, era uma situação cómoda. Obviamente quando fiz o CES fui obrigado a estudar, quando fiz o mestrado fui obrigado a estudar. Daí que o meu mestrado correu muito bem porque eu já sabia tudo, já há 8 ou 9 anos que trabalhava na formação de professores. Sabia mais do que as próprias pessoas que me iam colocar as questões.

Portanto, foi tudo muito fácil. Ainda por cima fazer investigação numa área onde eu já trabalhava há 8 ou 9 anos, foi tudo muito fácil. (Pausa 2s) E tive pena de ter deixado a formação de professores.

E – E porquê que deixaste, sabes?

e – Deixei, foi um bocado porque, porque depois deixei porque a ideia é não deixar. A ideia era a Isabel Cruz era a, a... diretora do curso de educação comunitária e como eu tinha trabalhado em educação de adultos e já tinha feito alfabetização e já tinha tado em cursos. Porque eu num ano, eu não sei se te disse, mas senti necessidade, quando estava na coordenação distrital, ia aos cursos mas nunca tinha feito alfabetização. No último ano, senti necessidade de fazer alfabetização. E durante um ano dei um curso de alfabetização aqui, a título voluntário, aqui no, na, nesta fábrica de rolhas de cortiça em frente à caixa, à caixa de providência, segurança social. Há ali uma fábrica de rolhas de cortiça e eu dei, senti necessidade. Quando a Isabel me convidou para ir para o curso eu tinha legitimidade, se calhar sou o único que tem legitimidade naquela escola.

E – De educação e intervenção comunitária?

e – Sim. Se calhar sou o único que tem legitimidade para falar de algumas coisas de educação de adultos porque eu vivi educação de adultos e dei um curso de alfabetização. Portanto, eu quando falo de educação de adultos, falo do conhecimento que tenho da prática, e de ter feito, não é da teórica. Porque a maioria dos professores falam é do que... lê nos livros, não é?

E – Hum, hum. É verdade.

e – Do que leem. Dali não havia ninguém estar metido em algum projeto de educação de adultos no terreno, nem de ter dado um curso de alfabetização. É da teoria, do estudo, da investigação. Tudo bem, não estou a criticar mas só estou a dizer que eu tinha uma outra componente, tinha a componente prática. E porquê que passei? Passei, comecei a dar a, as disciplinas de educação de adultos, que dou há... (Risos) duas das disciplinas de educação de adultos pelo menos há uns 12 ou 13 anos. Aaa mas tinha grupos de prática. E aos poucos...

E – Em educação e intervenção comunitária?

e – Tinha educação de adultos na intervenção comunitária e continuava a trabalhar no grupo de desenvolvimento curricular no 1º ciclo, formação de professores. Depois acabei, quando fiz o mestrado, depois passado algum tempo... Não já tinha feito o mestrado obviamente, depois passei a dar mais disciplinas de educação comunitária e quando dei por mim tinha um horário completo na educação comunitária. Sempre que podia era ao contrário, ia dar algum apoio, era eu depois que já estava, passei para o grupo disciplinar de sociologia. E então era só educação comunitária mas continuava a ter uma disciplina de, depois com a nova reestruturação do curso com as IPP's, até para aí há 2 / 3 anos, ainda acompanhava grupos de práticas. O último curso de professores do 1º ciclo ainda acompanhei em Loulé em que tive vários grupos de prática. E depois acabei por sair por completo. Com pena, quer dizer, acabei por ficar tao envolvido na educação e intervenção comunitária que perdi a formação de professores. Como tu sabes, depois educação comunitária, depois educação social, diretor de curso, completamente envolvido na reestruturação dos cursos. Fui eu, eu e o Fragoso fizemos a reestruturação do curso de intervenção comunitária... Não sei se o Fragoso esteve na passagem, acho que o Fragoso não esteve na passagem do bacharelato para licenciatura. Ainda lá não estava. Mas eu estive no grupo de reestruturação de bacharelato para licenciatura. Depois o Fragoso já está comigo é, e aí eu era diretor de curso e ele subdiretor, quando passamos da licenciatura da educação e intervenção comunitária para a reestruturação do curso de educação social. Ai também lá tu estavas também. Portanto, envolvi, acabei por deixar a formação de professores. Perdi aquele contacto com a escola primária. Daí eu sentir necessidade de vez em quando, a Isabel reformou-se agora, mas de eu de vez em quando ia à sala. Ia à sala ver, sempre senti, isto nunca me saiu do sangue, o 1º ciclo. Sempre tenho estado conectado. Por isso não me arrependo de, não tenho, não lamento muito da situação em que eu estar porque eu em 22 anos na ESE, em 21 anos na ESE, agora já estou a falar quase no presente, mas em 21 anos nunca fiz força, nem nunca meti cunhas para tratarem da minha situação. Porque a maior parte dos professores passaram para o quadro. Deixaram de ser ...mesmo... ali sempre houve uma política contra os requisitados. Nunca se gostou dos requisitados. Poucos requisitados passaram para o quadro. O que eu me lembro é a Teresa Muge, a Lena Simões fez um concurso só para ela, só para ela passar. E olha e vê o resultado, passados 2 anos de trabalhar já se reformou e acabou por, faltava imenso e não sei o quê. A maior parte dos requisitados, uns saíram, uma morreu e agora os que restam sou eu e a Olga e se calhar vamos também, vamos também embora. Nunca se

preocuparam em resolver. Achavam que nós, como estávamos requisitados, éramos pessoas à parte.

E – Pois. Era outro mundo.

e – É a política, a política à parte. Inclusive até a própria diretora dos serviços de recursos humanos disse-me na minha cara que eu, como era requisitado, era como se não pertencesse à escola. Era como se fosse uma pessoa que não existisse na escola. Eu disse-lhe, pude estar aqui 20 anos, ser diretor de curso, presidente do pedagógico e não pertença à escola? Virei as costas e vim-me embora. Ai não pertença? Então está bem... portanto, a partir daí não quero mais cargos, por isso é que eu nunca... Cargos? Nem mais um que eu aceito.

E – Mas voltando para trás...

e – Sim, volta para trás.

E – Então como é que foi esse curso de alfabetização?

e – Esse curso de alfabetização eu soube aaa, foi através de conversas paralelas com um jovem que tinha sido meu aluno há uns anos atrás na escola Tomás Cabreira. Esse moço era engenheiro e estava no NERA e tinha relações de trabalho com o dono e diretor da fábrica de cortiças. E ele disse que havia lá pessoas analfabetas. E eu disse “Eh pá, que eu dou um curso de alfabetização a essas pessoas”. E então ele pôs-me em contacto com o diretor da, da ... Miguel... Miguel...Miguel....Andrade? não! Miguel... Miguel qualquer coisa. Um gajo porreiro. Pôs-me em contacto com o dono da, da fábrica e combinamos e eu passava a dar aos sábados de manhã, a manhã inteira, passei a dar o curso de alfabetização durante um ano. Tinha 3 grupos. Analfabetos puros que nunca tinham estudado, nunca tinham, não sabiam nada. Alguns que já tinham andado à escola e tinha um grupo de 3 senhoras que trabalhavam nos administrativos que queriam continuar a estudar. E eu dei-lhes apoio e elas depois no outro ano matricularam-se na, na, no ensino à noite, no 7º ano ou coisa assim, foram continuar. Portanto, trabalhei, foi giríssimo, foi uma experiência espetacular. Trabalhava todas as manhãs, gratuito.

E – Que método é que usaste?

e – Misturado. Misturado.

E – Porque aí já tinhas a experiência de ensino básico, de ensino primário.

e – Tinha o conhecimento do método Paulo Freire mas é muito difícil aplicar o método Paulo Freire. O método de Paulo Freire, a teoria do conhecimento de Paulo Freire que aquilo não é um método, não é nenhum método, é uma teoria. Aaa dá, para analfabetos puros. Só dá para pessoas que nunca andaram à escola. Porque pessoas que andaram à escola é uma grande confusão, porque as pessoas começaram a aprender com o analítico sintético depois misturam tudo. E depois ali eu não conseguia trabalhar porque tinha 3 grupos.

E – Estavam os 3 ao mesmo tempo?

e – 3 ao mesmo tempo.

E – Ah.

e – E então, fazia um primeiro momento, demorava para aí $\frac{3}{4}$ de hora, que era aquela parte da... da discussão sobre como é que foi a semana de trabalho na, na fábrica. Exploração oral. Havia, aliás havia um, um operário que eu vejo que faz parte do grupo de danças da CimFaro, que lhe faltava um dedo, que tinha perdido numa máquina, e que ele quase que se recusava a escrever. Portanto, ele nunca aprendeu a ler. E não queria escrever. Mas participava nas explorações oral e falava, falava, falava e gostava muito de falar. E fazíamos um primeiro momento de discussão dos problemas e falavam de vários temas. Aquela problematização, a discussão temática. E depois eu organizava o trabalho por fichas, assim individualizado por grupos. Aqueles que nunca tinham trabalhado faziam fichas sobre, sobre aaa, sobre as palavras geradoras. Os que já tinham faziam mas de um nível mais difícil. E depois fazia textos, fazia textos a nível de um 4º ano de escolaridade para as senhoras. Leitura e interpretação. E depois trabalhava em conjunto, andava de grupo em grupo. Era uma articulação. E isso vinha também um bocado da experiência de professor primário de ser capaz de *grupalizar* o ensino, que é trabalhar em grupos.

E – Pois. Também já tinhas tido uma turma que...

e – Sim, já tinha trabalhado em... já tinha feito, sim. Eu o ensino nunca teve segredos para mim, nunca tive problemas com o ensino. Toda esta vivência de ensino, o facto de eu trabalhar 4 ou 5 anos no ensino primário não faz de mim pior professor do que

qualquer outro que isso da experiência tem muito que se lhe diga. Há professor que têm muita experiência, hoje quando me perguntam “Se fora para a escola, tens medo? Nenhum! Nenhum!”, porque não tenho a experiência mas tenho o constructo teórico, construí imensa teoria... isso é, depois a experiência, a experiência tem alguma importância quando a prática é associada à teoria. E se nunca tivesse trabalhado, “Como é que será?” mas não, eu conheço tudo, eu trabalhei e já vi como se trabalha e... Portanto, isso não me assusta nada. Nada me assusta no ensino. No ensino nada me assusta.

E – Então entraste para educação e intervenção comunitária porque começaste a educação de adultos. Como é que foi essa tua entrada? Foi um convite para dar...?

e – Educação foi a Isabel Cruz que me convidou. Para dar educação de adultos. E aos poucos tornei-me quase o braço, o braço direito dela porque... o Viegas, o João Viegas Fernandes já lá estava mas ela era a diretora e era a ela que me pedia. Portanto, eu organizei os primeiros seminários, fui eu que os organizei. Os primeiros. Se tu ouves aí falar, conheci no seminário que organizei, conheci o, o Jep, nunca ouviste o o Jep? Foi o italiano que morreu que era um tipo (hesitação) eh pá, é um gajo, foi muito famoso, era da UNESCO, era da UNESCO. De fato branco, assim. Era um italiano, depois acabou por falecer, mas um tipo muito importante da UNESCO. Mas os primeiros seminários que organizamos, em Sevilha e aqui, fui eu que os organizei quando estava na educação comunitária. E muita coisa que fizemos, não vale a pena então, sobre o que se fez na educação comunitária então isso era...

E – Ah mas podes falar à vontade.

e – Eh, porque algumas coisas não, quantos seminários nós fizemos? Imensos seminários. E com os que nós fizemos com a educação comunitária desde o ano do curso, o mês do curso, começamos com o dia do curso e passamos para a semana do curso e até fiz o mês do curso. O mês só de atividades durante o mês de Maio, para afirmar o curso de educação comunitária. Mas como entrei no curso, exatamente por convite da Isabel.

E – Porquê que isso acabou?

e – Não sei. Acabou porque eu não senti mais enquanto diretor de curso... Não, enquanto eu tive no curso de educação comunitária tínhamos sempre atividades no mês

de Maio, era sempre cheio de atividades. E eu houve um ano que fiz o mês do curso só de atividades, porque o curso de educação comunitária já não precisava mais de ser afirmado, era conhecidíssimo no Algarve.

E – Pois.

e – Foi para afirmar o curso. E tanto que o curso acabou e ainda andavam à procura de educadores comunitários para as Câmaras. Foi um trabalho de afirmação do curso porque foi muito trabalhoso porque ninguém conhecia. Eu não sei se tu conheces aquela famosa história, de coisas que eu fiz só como diretor, isto eu, eu, eu não gosto muito mas a verdade era eu, eu, eu. Mas na verdade era eu, eu, eu, eu, sobretudo no curso de educação comunitária, deixei ali a pele, trabalhei imenso para aquele curso. Quando ia haver um encontro, um encontro nacional de educadores sociais, a famosa história, não havia qualquer referência ao curso era e vimos, vimos o folheto, e era o curso da Fransinetti do Porto, era o curso de Santarém, era o curso de Lisboa, educadores sociais. E nós eramos o único curso que se chamava educação e intervenção comunitária mas era dentro da mesma... E eu disse “Ai é? Nem um convite, nem uma referência?”. Fui à direção. Por acaso era o António Guerreiro o subdiretor na altura, parece que era a Carlina também na altura, e havia dinheiro, eu pedi, fiz um, um pedido de autocarro. E a escola pagou o autocarro. E eu enfiei com 50 alunos de educação comunitária dentro do autocarro, todos vestidos de capa e batina. Fomos para o congre, fomos para o seminário, no meio do seminário, entramos pelo seminário a dentro, parou o seminário. Chegamos um bocadinho mais tarde.

E – (Risos)

e – Até não sabia onde é que era. Até o condutor. Foi o autocarro da ESE, não, foi da rodoviária, o gajo não sabia bem. Não, foi o autocarro da universidade, foi o autocarro da universidade. Parou tudo. Vêm 50 alunos a entrarem, a entrarem pelo, pelo...

E – Auditório.

e – Pelo auditório a dentro. E depois deram-me a palavra. Depois dali toda a gente a falar com a gente. Toda a gente ficou, nunca mais esqueceram educação comunitária. Tanto que depois, quando se criaram, se tentaram criar, por duas vezes se tentaram criar uma associação porque de manhã, exatamente, de manhã foi o seminário e de tarde foi uma manifestação dos educadores sociais na Avenida da República. Até chovia e até foi

mau que apanhamos uma chuvada do caraças. E até foi mau que os gajos iam à frente e quiseram partidarizar, e queriam que eu fosse para a frente porque era o professor, fôssemos à frente, mas aquilo foi um bocadinho partidarizado e eu recusei-me. Disse “Eu vou com os meus alunos”, iamos todos cá atrás, os gajos à frente, foram todos filmadinhos, lembro-me perfeitamente, fomos todos filmadinhos. Passamos pelas avenidas a chover depois ficamos, fizemos, aaa foi a manifestação em frente à, ao Ministério da Educação, ali na Avenida da República. Lembro-me perfeitamente disso. Depois viemos embora, mas nunca mais se esqueceram da gente. Tanto que eles tentaram por duas vezes criar umas comissões a nível nacional e vieram sempre aqui connosco. Sempre. E o educador social tem, foi importante para afirmar a educação comunitária. Porque a educação social já não porque existe...

E – Agora...

e – Existe o sindicato, existe associações, existe tudo isso. Mas na educação comunitária foi importante fazer isso. Porque a educação comunitária não era conhecida, este curso, então o Algarve, era muito importante, os alunos fizeram um excelente trabalho de práticas, que esses é que mostraram o valor da educação comunitária. Eram 4 anos, nas práticas e depois na investigação. E depois fazia, na altura fazia o que continuo a defender que é as práticas são feitas no terreno, não são feitas no gabinete e então ia a todas as instituições, falava com os tutores, fazíamos a avaliação em conjunto. E a educação comunitária começou a ser conhecida. Imagine o que era naquele tempo, havia... 10 / 15 / 12 grupos todos os anos, havia 12 vezes 10 atividades por grupo. 120 atividades no Algarve entre Abril e Junho.

E – Pois.

e – A importância que isso tinha. Porque as práticas não eram aqui, as práticas eram pelo Algarve inteiro e pelo Alentejo, os alunos iam para todo o sítio. Tinha alunos a fazer práticas, lembro-me de um grupo a fazer práticas para aí na serra algarvia que ficaram lá, durante uma semana na casa de uma senhora durante uma semana lá ficaram. Era um espetáculo, pá. Isso afirmou a educação comunitária. A força da educação comunitária. Depois as coisas mudaram, obviamente.

E – Como é que foste parar a diretor de curso?

e – Os colegas. Os colegas e os alunos mas sobretudo os colegas, “Joca tu é que vais ser diretor de curso” e depois de ficar, fui criando as comissões de curso e depois os alunos podiam-me sempre continuar... quando os alunos tinham voz porque agora os alunos são completamente passivos. Mas naquele tempo os alunos eram muito ativos. E reivindicativos.

E – E o que é que te fez sentir mais orgulhoso durante esse tempo que foste diretor de curso?

e – O que me fez sentir mais orgulhoso foi quando fiz exatamente, abriram, o momento mais feliz enquanto professor e diretor do curso, quando vi pela primeira vez a Câmara de Albufeira abrir um concurso para educadores comunitários. Foi o melhor momento que tive na, na escola e no curso. Quando vejo o edital “Abertura de concurso para educadores comunitários” porque até aí, isto dizendo assim é muito difícil de perceber, a luta que eu tive, sobretudo em Albufeira, porque aaa quando tive lá alunos em, em práticas, eles passaram as estopinhas, exatamente porque foram logo confrontados com os assistentes sociais. Os assistentes sociais que já estavam a trabalhar nas autarquias sentiram que o educador, o educador comunitário era um inimigo.

E – Uma ameaça.

e – Era uma ameaça, eram, vinham rivalizar com eles. E de facto rivalizaram porque a perspetiva, o paradigma é completamente diferente. A perspetiva é diferente. E uma câmara beneficia muito mais de um educador comunitário do que de um assistente social. Na verdade a ver são coisas completamente diferentes. Mas eles perceberam logo que tinham ali um rival. E na Câmara de Albufeira que estava cheia de assistentes sociais, foi aquela que abriu concurso para educadores comunitários, tivemos lá vários grupos em práticas e é talvez a câmara que tinha mais, agora não sei, que tinha mais educadores comunitários a trabalhar. Provavelmente ainda hoje tem. Oh, sei lá quantos educadores comunitários. Chegou a ter 7 ou 8 educadores comunitários a trabalhar lá na câmara. E alguns ainda continuam lá. Se calhar alguns como diretores de serviços hoje.

E – Pois.

e – No gabinete de apoio à juventude, na ação social, no rendimento mínimo, no tempo... espalhados. Portanto, isso talvez foi das coisas que me deu mais prazer. E o que me dava prazer era ver, os momentos também de mais satisfação, era ver também no, no

4º ano, nas monografias dos alunos, a fazerem excelentes trabalhos, a terem boas notas nas monografias. A ver os alunos empregarem-se, saírem dali e arranjam logo emprego. Eram os momentos que eu tenho, que guardo melhores recordações. Porque ver o reconhecimento que eles tinham pela escola que os tinha formado. Eu bem tentava puxá-los, mas não resultou. A maior frustração que eu tenho. Tenho duas frustrações da educação comunitária... Uma, nunca termos construído uma marca, isto é, tem tudo que ver em ligação ao curso que eu ambicionava e nunca consegui. Daí que eu fazia os seminários para ex-alunos, para vir à escola, vinham alguns deles, meia dúzia deles contar as suas experiências, mas nunca consegui que aqueles alunos depois que saíssem ficassem ligados à casa-mãe. Isso problema meu, problema da casa, problema cultural... Os alunos acabavam o curso e raramente cá voltavam. Voltavam alguns como tu voltaste, como a Tânia, como a Sara voltou, como a Vânia voltava, convidando e vocês vindo, ficando ligados. Mas há muito poucos exemplos. Da educação comunitária, ninguém ficava. Se eu os convidava para um seminário vinham contar a sua experiência, trabalhar em workshop, mas aquela ligação à casa... Mas se calhar a maneira era convidá-los, os melhores alunos para serem professores, era a melhor forma, ou para trabalharem no curso. E resultava. (...) E de nunca termos tido uma marca, um grupo de teatro, um grupo de, de, de tambor... que eu tantas vezes, não digo o nome, lancei o repto, lancei o desafio ao professor que trabalhava, trabalhava nessa área da animação. Criar um grupo de...

E – Sim, percussão ou...

e – Percussão ou teatro, ou um grupo... não era eu, quem trabalhava em animação supostamente tinha mais condições para fazer isso. Nunca se criou. Que era ter uma marca de referência. A marca de referência acabou por ser mais tarde com o Núcleo Paulo Freire que é mais, que é alguma coisa, acabou por ter, também termos apoiado a criação do núcleo do ISU que aí está. Termos apoiado. Mas esses selos são importantes de ligação a um curso. Mas ter no curso um grupo que depois fosse dando continuidade aos mais jovens.

E – Uma tuna...

e – Uma tuna. O que quer que fosse, que fosse a referência do curso, que era educação social. É a maior... a maior falha que eu sinto, é o maior desgosto que eu sinto que é

termos um trabalho que podia ter sido feito e não foi feito. Mas não dependia só de mim. Se dependesse só de mim podes ter a certeza que tinha feito.

(Interrupção)

E – E o que é para ti a disciplina de educação de adultos?

e – Eh pá, é uma disciplina muito interessante, porque é muito estruturante. E que eu em 12 anos nunca trabalhei da mesma maneira. E que tem evoluído, tal como evoluiu o conceito, eu acho que também tenho evoluído e também tenho transformado a disciplina de educação de adultos numa disciplina mais de educação do que propriamente de educação de adultos. Onde eu trabalho as filosofias de educação, onde eu falo sobre educação e aprendizagem, onde eu falo sobre métodos e técnicas de leitura, onde... é de educação de adultos daquilo que eu acho que é importante conhecer dentro da dimensão mas não trabalhando, dando uma dimensão mais teórica no 1º semestre, uma dimensão mais prática no 2º. Mas onde eu trabalho sempre as questões, as questões da própria, da filosofia da, da, que presidiram à construção do conhecimento do Paulo Freire, do existencialismo, da fenomenologia. Onde eu trabalho muito os aspetos teóricos. Onde eu trabalho muito as questões da relação da educação, do multiculturalismo. Dou uma dimensão muito ampla, muito ampla à disciplina porque eu acho que é uma disciplina importante e quase até mais de cultura geral. Quase mais de cultura geral, que os alunos vão servir aquela disciplinas mas vai-lhes dar mais algumas, algumas ajudas, vou-lhes dar a perceber, vai ser um pouco para uma articulação mais vertical relativamente a outras disciplinas. Porque dizer que a disciplina de educação de adultos é para preparar, é preparar para ser um educador de adultos... todas as disciplinas ajudam à pessoa ser um educador de adultos ou a ser um educador social. Se bem que eu acho sempre importante aquela parte da dimensão da alfabetização porque alguns alunos que quiserem ensaiar a alfabetização ensaiaram e aquilo chegou. Só precisou de lhes dizer, o que vocês sabem é suficiente. Só precisam de experimentar. Porque alfabetizar é a coisa mais, o mais importante é, é o coração, é o sentido, é o ter cá dentro vontade de ajudar. Depois os conhecimentos constroem-se na aprendizagem, lá, não é preciso grandes conhecimentos para se fazer alfabetização. Basta ter o conhecimento mínimo e esses mínimos eu dou ou eles têm.

E – E o que foi para ti a mudança para educação social?

e – Uma profunda... decepção!

E – Porquê?

e – (Suspiro) (Pausa 4s) Porque a educação comunitária tinha... tinha outra, tinha outro brilho, tinha outra magia. Sobretudo porque aqueles 4 anos eram fundamentais... porque os alunos... para já porque na educação comunitária os alunos iam porque já sabiam o que era. E talvez, a princípio não, quando chegavam ao 3º ano é que diziam “Ah, agora já sei o que é educação comunitária, já posso dizer à minha mãe, o que é, que curso é este”. Isto no princípio da educação comunitária. Mas depois os alunos já iam, já era opção, primeira, segunda opção - educação comunitária. Educação social, eu acho que a maioria dos alunos não ia por educação social para primeira opção. Poucos iam por primeira opção. Iam, e depois os 3 anos para mim são muito, muito limitativos. São muito limitativos porque os alunos são muito jovens. Crescem muito no 3º ano e depois não há continuidade. Porque o processo de Bolonha falhou, porque a maioria dos alunos não fazem aquilo que era suposto fazer que era chegar ao 3º ano e fazer o mestrado. Dar continuidade. Aí sim, com o mestrado, que é investigação, iam crescer, iam ficar aaa, iam ficar mais, mais maduros, mais reflexivos, era aquilo... a educação comunitária dava-lhes no 4º ano. Se houvesse, se Bolonha fosse, fosse cumprido, não pagassem propinas os alunos e todos pudessem continuar, fosse facilitado o processo, também o mestrado lhes dava aquela bagagem. Mas o que acontece na maioria das situações é que os alunos chegam ao 3º ano e vão embora. E não estão preparados, não estou preparados para... Falta-lhes mais, falta-lhes mais bagagem. (interrupção)

(Interrupção)

e – Mas o curso de educação social mudou pá, mudou, mudou podia ser aaa... (Pausa 3s) eu acho que se os alunos tivessem feito logo mestrado, todos fossem para o mestrado, e continuassem, esta questão de saírem impreparados não se colocava tanto. Porque há muitos deles que saem muito impreparados logo no 3º ano, é curto. É curto. E depois muita coisa mudou em termos das práticas, em termos da atribuição de horas, houve muita coisa que mudou, da redução de horas. Havia muito mais dedicação, muito mais acompanhamento na educação comunitária do que há propriamente na educação social. Depois introduziram-se algumas variantes (interrupção)

E – De quê que tens saudades desde, desde que começaste na universidade?

e – Saudades? Eh pá, eu não sou pessoa muito de ter saudades. Pá, os momentos foram vividos. É como dizer, eu gostei do tempo, gostei muito mais do tempo de educação de adultos (Interrupção)

E – Então e se te dissessem, se te perguntassem “Agora podes ir fazer aquilo que tu quiseres”, o que é que tu ias fazer? A nível profissional. Podes escolher o que quiseres.

e – Não há condições para isso.

E – Mas se pudesses fazer o que é que fazias?

e – Se eu pudesse...

E – Saias dali...? Continuavas ali mas fazias outra coisa? Voltavas para a escola primária? Voltavas para a educação de adultos?

e – Se eu pudesse, queria reproduzir num outro formato a experiência que tive em educação de adultos. Voltar a trabalhar com as comunidades. E trabalhar o que eu gostava, o que me sentia feliz, se pudesse era trabalhar numa associação de desenvolvimento que pudesse trabalhar numa perspetiva parecida com aquela que eu trabalhei na educação de adultos.

E – Hum, hum.

e – Voltar a trabalhar com as comunidades, voltar a fazer... porque ficou tanta coisa por fazer. Todo aquele projeto de desenvolvimento, de continuar com a alfabetização, com os cursos sócio-educativos, aquele trabalho de animação das comunidades. Isso é o que eu gosto. Voltar a reproduzir, adaptado ao momento atual, mas continuar a trabalhar com as pessoas, continuar a fazer educação de adultos. Isso é o que eu gostava de voltar a fazer.

E – Sim, então se te dessem o poder de, se tivesses algum poder a nível político, de poder fazer alguma coisa ao nível da educação de adultos, o que é que fazias então? Concreto, para a educação de adultos.

e – Concreto? Criava exatamente as condições, ter equipas locais, para voltar a fazer exatamente aquele tipo de trabalho que a gente fez na serra algarvia. Voltar a trabalhar com as comunidades. Fazer educação ao longo da vida. Proporcionar às pessoas a possibilidade de fazer educação ao longo da vida, fazendo os cursos que elas quisessem,

alfabetização se quisessem, artesanato se quisessem. Criar as condições daquilo que a gente nunca conseguiu fazer que era a rota dos artesãos. Criar as condições das pessoas daqui irem conhecer os artesãos, se ainda os há, valorizar essas atividades artesanais. Seria uma forma também de ajudar a fazer aquilo que nunca se conseguiu que era fixar as populações. Será utópico? Mas fixar os jovens. Mas sobretudo melhorar a qualidade de vida das pessoas. Já ficava muito feliz se desse continuidade àquele trabalho que foi feito. Que era melhorar a qualidade de vida das pessoas, tornar as pessoas mais felizes e quebrar o isolamento. Voltar a haver, trabalhar... se me dissessem assim, olha, se me dissessem assim, o quê estou aqui, né? Mas se calhar até nem me importava... a Câmara de Alcoutim contratava-me. E vamos voltar a por em ação equipas locais para voltar a dinamizar o concelho criando, obviamente que tinha que haver, é não só em termos políticas mas também em termos financeiros, porque as equipas custariam dinheiro, as pessoas custam dinheiro. Mas voltar a abrir cursos, fosse de alfabetização, fosse os, fosse os ateliers sócio-educativos, com ciclo de cinema, voltar a fazer aquela animação sócio-cultural, dar vida a uma zona isolada. E quando digo Alcoutim, digo em Monchique, digo zonas do interior. Ou... urbano, não, meio urbano não, mas voltar a trabalhar com estes grupos, voltar a fazer aquele tipo de trabalho, que ficou por fazer. Que é quebrar o isolamento e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Pessoas idosas que mereciam ter melhor qualidade de vida. Tanta coisa! Animação da biblioteca. Levar, levar a leitura a esses sítios, fazer levantamentos de literatura popular, registar aquilo que as pessoas sabem. Há tanta coisa, fazer publicações, fazer investigação do que as pessoas sabem e acabou, acabou por se perder. Há tanta coisa que eu fazia. Olha, se calhar, uma das coisas que eu fazia de bom gosto e que aí foi o Fragoso que me meteu e que de facto me alertou e me despertou e de facto ele estava certo. Quando uma vez num programa de rádio ele que os professores deviam de fazer, que todos os professores de universidade deviam quase, deviam fazer investigação, ele estava certo. Porque durante muitos anos uma pessoa anda a dar aulas sem fazer investigação e realmente é pobre. Porque uma pessoa aprende imenso, não é na investigação em si, mas o que uma pessoa... ... tu sabes, tu estás a fazer isso... o que uma pessoa aprende através da investigação... (Imperceptível)

(Interrupção)

E – Pois

e – (Interrupção) Se eu for para a escola primária vou continuar a fazer o meu trabalho, não sei se inscrevo em doutoramento ou não, posso-me inscrever só para acabá-lo. Ou não me inscrevo mas acabo esta merda e faço aqui uma publicação com este trabalho. Logo vejo o que faço. Mas que eu não paro, não paro. Agora estou na parte da, fiz o primeiro capítulo, fiz o primeiro capítulo da fundamentação, que é um pouco a história da educação, a história da educação, não é só educação de adultos, a história da educação no Portugal contemporâneo com, fiz cento e tal páginas. Já fiz cento e tal páginas em que tem o sistema educativo e tem também a educação de adultos portanto no Portugal contemporâneo, tem desde a implantação da República até agora. Também a evolução da educação de adultos mas tem lá o sistema educativo e tudo o aconteceu porque isso tem também a ver com as pessoas que viveram neste tempo do 25 de Abril, a Lei de Bases do Sistema Educativo, a reforma Veiga Simão, tem essas merdas todas. E agora comecei, estou a tentar trabalhar o capítulo, vou fazer 3 capítulos, o capítulo da educação de adultos, com os paradigmas da educação de adultos, com as correntes a humanista, a progressista, os paradigmas, educação popular, educação permanente, educação de 3ª idade. Estou, já estou assim a pensar, e já estou a escrever e estou já a ler. Vou fazendo, entretido, porque a investigação é extremamente importante. Se calhar se tu me disseses o que é que tu fazes, olha se disseses o que é que tu fazes, eu tirava um ano ou dois e não fazia nada, e fazia investigação na serra. Porque há uma série de merdas para registar. Para já acabava a minha e depois o trabalho que eu ia fazer era sobre alfabetização. E sobre o que é que aconteceu àquelas jovens bolseiras que trabalharam comigo, o que é que aconteceu à vida delas.

E – Ir buscá-las, ver qual é que foi o percurso delas.

e – Qual é que foi o percurso delas. Ia fazer isso. Também ia fazer investigação, também gostava de conhecer esse percurso. Porque há aí essas coisas para se fazer e para se registar. Portanto, tinha muita coisa para fazer. Reformar é que, se tu disseses “Queres-te reformar?”, reformar é que não quero. Mas não me assusta a ideia de trabalhar com crianças, não assusta, nada me assusta. Então em termos de educação, em termos de ensino, nada me assusta.

E – Uma palavra e um objeto que caracterize esta passagem pela Universidade? Que ainda não acabou...

e – Sim. Uma palavra? Educação de adultos.

E – E um objeto que caracteriza esta, esta fase?

e – Um objeto? (Pausa 4s) Não há um objeto. Se me pedisses um desenho eu fazia-te uma parede de pedra, com os obstáculos, com as coisas que gostei, com os obstáculos que foi preciso remover. Mas um, um, um objeto? (Pausa 7s) Poucos objetos utilizei.

E – Não mas a parede de pedra parece-me bem. A metáfora.

e – Um objeto. A metáfora da parede de pedra... com, com todos aqueles obstáculos que foi preciso remover. E que eu tive que me ultrapassar a mim mesmo, também o que eu tive que ultrapassar, as dificuldades que tivemos que ultrapassar, as coisas que tivemos que fazer. Um objeto? É, a parede de pedra. Serve a parede de pedra?

E – Sim, sim.

e – A parede de pedra é uma boa metáfora. Com tudo o que teve que ser removido. Para deitar o muro abaixo.